







Haja **coração** **100** ANOS DE TIMÃO







*Os que semeiam entre lágrimas
cantando colherão.*

Salmo 126

O amor é paciente.

Da Primeira Carta de Paulo Apóstolo aos Coríntios, capítulo 13, versículo 3

*Não posso conter a emoção,
cem anos dentro do meu coração.*

Do samba-enredo da Gaviões da Fiel no Carnaval de 2010



Sport Club Corinthians Paulista
100 anos de Glórias









Este livro é dedicado a todos os que amam o futebol e, com especial carinho, ao futebol de várzea de São Paulo, berço do Corinthians e de grandes craques.

É também dedicado às memórias de Flavio La Selva e Alcides de Souza Piva, o Joca, fundamentais na criação da Gaviões da Fiel.



Copyright 2010 Antonio Goulart

Editor geral e de texto

Carlos Moraes

Consultor histórico

Celso Unzelte

Gerenciamento

Vitor Cavalcanti de Arruda

Edição de arte

Mario Cafiero

Designers

Daniel Abrabão e Patrícia Nakazone

Capa e contracapa

Daniel Kfourri



ÍNDICE

Um Sonho Chamado Corinthians	13
1 Um que não sabia o que estava aprontando	16
2 Outros que não sabiam o que estavam aprontando	18
3 Da várzea à Liga	28
4 Tempos de glória, o primeiro tri	38
5 Em busca da casa própria	48
6 Tempos de glória, o segundo tri	60
7 Primeira travessia, 31-37	66
8 Tempos de glória, o terceiro tri	70
9 Segunda travessia, 41-51	76
10 Os anos dourados e seus craques imortais	80
11 A mais longa das travessias	96
12 Os bons ventos da esperança	108
13 A redenção	118
14 O que é ser corinthiano	132
15 A Fiel, seus símbolos, suas igrejas e sua arte	144
16 Os Gaviões no time, na vida e na avenida	152
17 Quando a democracia foi a nossa bandeira	166
18 Neto e os operários do primeiro título nacional	180
19 Marcelinho e o fim do milênio	190
20 Rumo ao Mundial	196
21 Corinthians em prosa e verso, cores e imagens	210
22 O Corinthians do novo milênio	230
23 A mais cruel das travessias	238
24 Rumo ao centenário	254
25 De volta àquela noite, sob o lampião	262





Um sonho chamado





CORINTHIANS

S

ou mineiro de Vargem Bonita, onde o Rio São Francisco nasce. Cheguei a São Paulo com meus dez irmãos em 1968, tinha 13 anos e fomos todos batalhar a vida em Santo André.

Engraçado que, mesmo mineiro e migrante, eu nunca me lembro de não ter sido corinthiano na vida. Oficialmente, digamos assim, meu encontro com o Timão se deu por

obra e graça do seu Gino, frequentador do bar onde fui trabalhar em Santo André. Tempos difíceis, aqueles. No país, na vida e mesmo no meu recém-descoberto Corinthians.

No Brasil, uma ditadura contra a qual, a exemplo do meu pai, lutei como operário e sindicalista. Em casa, limitação e pobreza. Televisão, só aos sábados no bar da esquina.

O Corinthians, esse penava um longo jejum de títulos. E, mesmo assim, era nossa fonte maior de alegria e até de orgulho. Que esse é e sempre foi, em qualquer circunstância, o grande milagre de ser corinthiano.

Apesar das dificuldades, eu fazia de tudo para ir até o Pacaembu ver o Corinthians jogar. Nos campos da minha primeira memória do time ainda jogam Flávio, Paulo Borges, Marcial, Bazzani, Luís Carlos, Tião...

Logo me tornei também um devotado Gavião da Fiel. Todos os domingos lá estávamos nós, vibrando e batucando, discutindo o time e o mundo, e abrindo, em plena ditadura, uma faixa em defesa da Anistia para os exilados políticos, que essa era uma das batalhas daqueles anos difíceis.





Entre 100 anos de vida e

Mais tarde me tornei empresário, político e conselheiro do Corinthians, mas que fique claro: foi como simples corinthiano sofredor que decidi organizar este livro para celebrar os cem anos de um time que é mais que um time, ou o mais emocionante time do mundo.

Minha primeira e sincera descoberta foi a de que eu não poderia fazer este livro sozinho. Cem anos é muito Corinthians para quem pessoalmente viveu apenas uma parte desta longa e valorosa história.

Então o jeito foi convocar um bom time para me ajudar, gente boa de texto, pesquisa e fotografia, cada um com suas ideias e memórias e, principalmente, todos corinthianos graças a Deus. Trabalhamos sob o signo da Democracia Corinthiana, sempre com muita liberdade de expressão e reflexão, que só assim se aprende um pouco com a história do time. Procuramos nos manter fiéis aos fatos, mas é possível que, aqui e ali, tenhamos sido traídos pelo coração, ou corinthianos não seríamos. Fizemos questão de colocar o nome do fotógrafo ao lado da sua foto porque, muitas vezes, eles conseguiam dizer com imagens coisas para as quais não encontrávamos as palavras certas.

Eu fui apenas o regente desta animada e carinhosa sinfonia alvinegra. De forma que quando, na nossa narrativa, falamos nós, não é mera figura de retórica: trata-se mesmo de todas as vozes envolvidas nesta história. De grande valia nos foram também as obras já publicadas sobre o Corinthians, fontes preciosas citadas no fim do livro – e comentadas, brevemente, no capítulo 21. Assim, ao recomendá-las, não estamos celebrando apenas o Corinthians, mas também seus historiadores, cronistas, músicos, poetas e cineastas.



um milênio de emoções

Ficou muito Corinthians de fora?

Ficou muito Corinthians de fora. Infelizmente. Ninguém pode ser inteiramente justo com cem anos de história, especialmente quando esta história é a do Corinthians, tão rica em momentos de glória e travessias difíceis.

Bem sabemos o quanto, especialmente hoje, um time vai além do craque, da torcida e da bola para abarcar o clube em si, a sede, a diretoria, a equipe técnica, o patrocinador e uma forte indústria de mídia e produtos.

Sem negar estas complexas adjacências, nossa história vai girar principalmente em torno daquilo que para nós é alma e a graça do futebol: um palco mágico onde 11 craques com uma bola no pé exibem sua arte diante de uma torcida que torce e vibra de coração na mão. Os jogadores e os torcedores são o coração desta história.

A torcida, sempre, porque só ela é eterna, e Fiel. Já os jogadores serão principalmente focados enquanto vestiram a gloriosa camisa alvinegra. Enquanto estiveram em comunhão conosco. Uns mais, outros menos.

Por isso, nossa história não vai-se demorar tanto em erros ou acertos das diferentes diretorias, ou acertos e manias dos muitos técnicos. Este não é um livro crítico, mas celebrativo.

Ele pretende celebrar as glórias e agonias da alma corinthiana durante uma jornada que nos calendários durou cem anos, mas que para o nosso coração foi como que um milênio, um milênio de emoções.

Que agora, juntos, do nosso jeito, passamos a narrar.

Antonio Goulart





1 Um que não sabia o que estava aprontando

QUANDO, EM 1894,
CHARLES MILLER
DESEMBARCA NA
ESTAÇÃO DA LUZ
COM AQUELA BOLA
E AQUELE LIVRO,
MEU DEUS DO CÉU...

Por volta de 1884 um menino nascido no Brás, Charles Miller, filho de pai escocês e mãe brasileira, vai estudar na Inglaterra, onde aprende a jogar futebol, e joga tão bem que um dia integra a seleção da sua escola numa partida contra um dos principais times do país, o Corinthian Football Club.

Dez anos depois, no dia 18 de fevereiro de 1894, Charles desembarca na Estação da Luz em São Paulo trazendo na mala duas bolas de capotão, uma bomba de encher bola, duas camisetas e um livrinho com as últimas regras do futebol recém-estabelecidas.

Jogador, árbitro e dirigente, Charles William Miller é considerado o introdutor do futebol no Brasil.

Só que, ao desembarcar aquela tarde em São Paulo, ele não sabia, não poderia saber, o que estava aprontando.

Ele não imaginava, não poderia imaginar, as diabruras que brasileiros como Friedenreich, Neco, Teleco, Leônidas, Garrincha, Pelé, Didi, Romário, Sócrates, Rivellino e Ronaldo iam fazer com aquela bola. O quanto aquilo era com a gente.

Nem como aquele novo esporte logo iria pular os muros dos colégios e clubes finos para cair nos pés e no gosto do povo, gerar times, ídolos, cores e lendas, eletrizar a imprensa e emocionar multidões.

Nem como estava florescendo ali, naquela tarde, uma Seleção Brasileira que, incerta nos primeiros passos, ferida em 50 no Maracanã, seria redimida na Suécia em 58 para se tornar pentacampeã mundial de futebol.

Não, Charles Miller não poderia imaginar, aquela tarde na estação, o que estava aprontando com aquelas bolas, aquelas camisetas e aquele livrinho.



Ilustração: Conceição Cahú





2 Outros que não sabiam o que estavam aprontando

À LUZ DE UM
LÂMPIÃO, NUMA
ESQUINA DO BOM
RETIRO, CINCO
JOVENS OPERÁRIOS
SONHAM UM TIME.
QUE EM POUCAS
SEMANAS TEM NOME,
CAMISETA E JOGO
MARCADO

Por volta das 8h30 da noite do dia 1º de setembro de 1910, cinco jovens operários do bairro do Bom Retiro, reunidos sob um lampião a gás que havia numa esquina da Rua dos Italianos com a Cônego José Martins, discutiam a fundação de um novo time de futebol, ali do bairro, com craques ali da várzea.

Eram eles: Joaquim Ambrósio e Antônio Pereira, pintores de paredes; Rafael Perrone, sapateiro; Anselmo Correa, motorista, cocheiro de tálburi, e Carlos Silva, trabalhador braçal.

Esses cinco teriam alguma ideia, alguma pálida ideia, do que estavam aprontando?

O ano era 1910, futebol era foot-ball, campo era ground, nos céus do Brasil brilhava o cometa Halley, em Tietê, no interior de São Paulo, nascia Elisa Alves do Nascimento enquanto na capital, que tinha 400 mil habitantes, era lançado o Biotônico Fontoura.

Sim, mas naquele ano o tal cometa não foi a única criatura de nome inglês a brilhar por estas bandas.

Em 1910, no Brasil, foi Halley no céu e Corinthians na terra.

CORADOS X REBELDES

Em fins de agosto de 1910, o Corinthian Football Club, um time inglês formado por estudantes da Oxford e da Cambridge, chega ao Brasil a convite do quase britânico Fluminense para, vejam só, dar umas aulas de futebol.

E, o que é pior, deu mesmo.

No Rio, tascou 10 a 1 no Fluminense, 8 a 1 em um combinado carioca e depois 5 a 2 em um combinado brasileiro. Em São Paulo, foi 2 a 0 contra a Associação Atlética das Palmeiras, 5 a 0 num combinado do Paulistano e 8 a 2 num time formado por jogadores do São Paulo Athletic e do Germânia.

Um tremenda humilhação?

Nada, foi uma festa. Onde iam, os Corinthians eram recebidos com flores, banquetes e discursos. Deslumbrados, os jornais elogiavam não só o bom futebol deles, como também aquele porte garboso, aqueles rostos corados.

Ilustração: Arquivo Corinthians





Ironias da história. Quase cem anos depois o escritor e colunista esportivo José Geraldo Couto escreve em seu livro Futebol Brasileiro Hoje, lançado pelo Publifolha:

“Dessa perspectiva, Garrincha seria a síntese perfeita do craque brasileiro. Fruto do entrecruzamento de três ‘raças’ (branco, negro e índio), ele fez de suas deficiências – a baixa estatura, as pernas tortas, a inconsequência – fatores de superação de adversários supostamente mais fortes e preparados. Desconcertou – literalmente – russos, franceses, ingleses e suecos e, ao lado do negro Pelé, foi entronizado como um dos expoentes de um jogo cada vez mais popular em todo o planeta”.



ALEXANDRE MAGNANI
O presidente que, entre 1910/1914, levou o time da várzea à Liga Paulista de Futebol

Ilustração: Orpheu Maia – Arquivo Corinthians

Quanto a nós, pobres de nós. Do nosso futuro no futebol...
 Nossos *nacionaes* eram duramente criticados por um jornal da época: “No Velódromo jogavam rapazes rebeldes aos training (Romários!) contra homens escravos da disciplina e cuidadosos da sua boa forma esportiva; discípulos contra mestres consumados; vencedores aclamados universalmente contra modestos desconhecidos”...

Mas o que não faltou foi entusiasmo da torcida, assim descrita pelo jornal *O Estado de S. Paulo* em sua seção de esportes de 3 de setembro de 1910: “E com que sentimentos o público acompanhou os diferentes lances do jogo! Só um analysta de almas nos poderia dar a psicologia dessa multidão nervosa e interessada, que tem chispas no olhar quando a bola enviada pelos ingleses põe em perigo o gol adversário e fulgurações de alegria quando ella parece ir assinalar a victória dos nacionaes”.

Quanto aos nossos cinco operários sonhadores junto ao poste, parece que só Antônio Pereira teve dinheiro para ver os ingleses jogar no Velódromo, um estádio para corridas de bicicletas construído em 1890 ali onde é hoje a Nestor Pestana e em 1901 adaptado para a prática do futebol. Os outros só ouviram falar, mas encantados.

ENQUANTO ISSO, NA VÁRZEA DO CARMO...

Mais que encantados: saíram fortalecidos na sua idéia de fundar um novo time no bairro. O Bom Retiro, com seus seis mil habitantes, não era tão modesto assim. Abrigava uma Escola Politécnica, outra de Farmácia e até nossa primeira Escola de Odontologia. Era, também um bairro de estudantes.

E nem São Paulo estava assim tão pobre de futebol. Já tinha lá os seus times. O São Paulo Athletic Club, fundado em 1888, começou com críquete, mas logo abraçou o futebol, enquanto o Mackenzie se tornava o primeiro clube de brasileiros especificamente fundado para jogar futebol.

Futebol que, por sua vez, já não era só coisa de inglês.

Em 1897 chega ao Brasil uma versão alemã de Charles Miller, Hans Nobiling, que também trazia na bagagem uma bola e um livro de regras. Ele também funda um time, o Germânia. Surgem depois, em 1900, o Paulistano e, em 1904, a Associação Atlética das Palmeiras, que tinha a ver mais com o bairro de Santa Cecília do que com o atual Parque Antártica.



Quando, naquela esquina, naquela noite, o Corinthians é sonhado, São Paulo já tinha suas arenas e mesmo um campeonato. Jogava-se no campo do britânico São Paulo Athletic, ali junto à Rua da Consolação, no já citado Velódromo e também no Parque Antártica. Jogava-se também nos colégios e nas chácaras.

O primeiro campeonato aconteceu em 1902 e o artilheiro foi Charles Miller, que ele não ia trazer aquelas bolas só para enfeite.

Enquanto isso, enquanto os brancos e os letrados se mediam pelos clubes, chácaras e colégios, lá pelas várzeas do Tamanduateí o futebol já corria solto nos pés do povo. Com suas primeiras ferrovias e empresas de gás, a Várzea do Carmo generosamente acolhia a primeira geração, a primeira explosão do novo esporte. Ali nascia o glorioso termo - futebol de várzea! Ali foram-se formando nossos primeiros times varzeanos, o Botafogo, o Argentino, o União Lapa, o Estrela Polar...

E POR QUE NÃO CORINTHIANS?

Quando, pois, aqueles cinco jovens operários ficaram tomados pela ideia de um novo e bom time, havia clima, referências, informação, paixão generalizada pelo futebol, o da elite e o do povo.

O que faltava?

Faltava um apoio, digamos, mais substancial, que afinal aqueles cinco não passavam de simples operários. E um novo time envolve bola, camisetas, o aluguel de uma sede, um mínimo de burocracia.

As reuniões prosseguem, animadas, na esquina, na confeitaria do Afonso Desidério, na casa de Miguel Bataglia ou na barbearia do irmão dele, Salvador Bataglia. O número do time-base fundador passa para 13, sobe para 16. Um nome importante dessa e da seguinte fase: Alexandre Magnani, cocheiro de tálburi na Estação da Luz.

Numa dessas reuniões discute-se, claro, o nome do novo time. Dois nacionalistas mais letrados sugerem dois nomes de respeito: Carlos Gomes, nosso grande compositor, e Santos Dumont, nosso mais famoso inventor. Foi quando Joaquim Ambrósio perguntou: “E por que não Corinthians?” “Sport Club Corinthians Paulista”, um outro completou, testando em voz alta o som e a pompa do nome.

Corinthians – era meio que irresistível. O nome fica tinindo nos ares, como um cometa, todo um Halley de sonhos e possibi-

Foto: Antônio Carlos Carreiro – Arquivo Corinthians



ANTÔNIO PEREIRA

Um dos cinco fundadores do Corinthians, todo orgulhoso em seu uniforme de árbitro

Rua dos Imigrantes, no Bom Retiro, onde





o nasceu o Corinthians, em 1910.

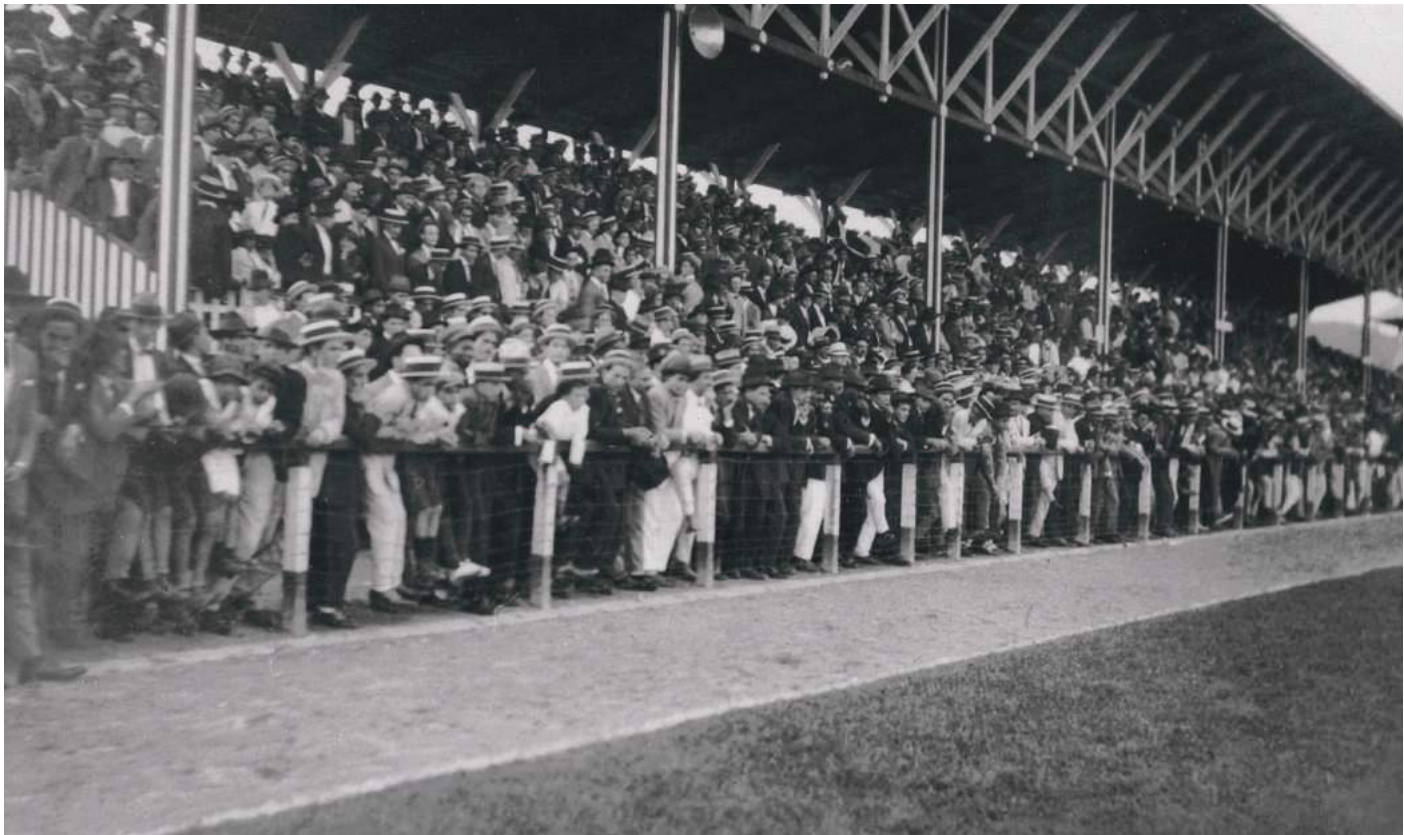


Foto: Arquivo Corinthians





GENTE FINA O Corinthian inglês que nos visitou em 1910 e o elegante campo do Velódromo onde deu aulas de futebol



Fotos: Arquivo Corinthians





lidades. E de revanche também: afinal, o tal time inglês não tinha acabado com aqueles clubes dos bacanas lá em cima? Arrasado no Velódromo? Consta que o próprio Charles Miller apoiava esse nome.

Então não deu outra. Ficou Corinthians, assim no plural. É que a imprensa paulista dera de chamar o time, Corinthian, ou Coríntio em português, pelo nome do conjunto dos seus jogadores, corinthians, os coríntios, ou corinthianos. Corinthian, coríntio, quer dizer habitante da cidade grega de Corinto. Era, pois, uma homenagem do time inglês à culta e animada cidade grega de Corinto, famosa por sua cerâmica, arquitetura, amor aos esportes e também por sua independência em relação às mandachuvas da época, Esparta e Atenas. Em Corinto viveu também o apóstolo Paulo, que, mais tarde, escreveria para as comunidades cristãs ali formadas duas das suas famosas cartas. As Epístolas aos Coríntios.

Então ficou como o barbeiro Salvador Bataglia, em alto e bom som, declamara: Sport Club Corinthians Paulista!

O nome ficou assim mesmo no plural, dando um idéia de galera. E corinthiano ficou o adjetivo pátrio, que coríntio, com o perdão do Apóstolo, soa meio são-paulino.

O PRIMEIRO JOGO

Batizado, tão solenemente batizado, o time agora precisava de tudo! Bola para jogar, camiseta para honrar, campo para treinar, sede para planejar e, claro, um presidente.

Foi escolhido, e aceitou, um fiscal da Light, magrinho e elegante, Miguel Bataglia, irmão do barbeiro Salvador. Não tanto por suas qualidades esportivas, mas porque um homem benquisto e amante do futebol. Nas retratos ele aparece de bigode e terno impecáveis, paletó pespontado, por muitos confundido com fita métrica.

Miguel aceitou, como se diz hoje, mais para dar uma força. Logo foi substituído pelo cocheiro e, mais tarde, para ficar no ramo, motorista de táxi Alexandre Magnani. Esse sim, assumiu de fato, pegou o time na várzea em 1910 e só largou quando já estava perto de ser campeão paulista, apenas quatro anos depois.

Mas vamos com calma, que nem bola o time tem ainda.

A bola foi adquirida ali mesmo na Rua São Caetano mediante uma vaquinha que arrecadou justo os seis mil réis necessários. Foi

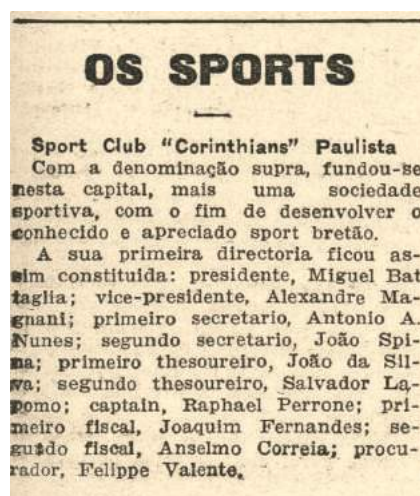
Charles Miller teve um certo passado corinthiano. No dia 20 de abril de 1892, ele jogou no Corinthian inglês em um amistoso contra o seu time na Inglaterra, o Condado de Hampshire. O Corinthian ganhou: 1 a 0

Foto: Arquivo Corinthians



ACESSÓRIOS

Os calções eram fortemente amarrados com cinto de couro, que vai originar uma lenda em torno do primeiro ídolo, Neco



NOTA HISTÓRICA

Primeira notícia da fundação de um time chamado Corinthians, cujo fim era desenvolver o já apreciado sport bretão (Jornal O Comércio de São Paulo, 22/9/1910)

o primeiro investimento do clube e bom que treinassem vaquinha, que ela iria se tornar, por um tempo, uma espécie de modelo de gestão do novo clube.

Agora, é fardar o time.

As camisas já nasceram brancas, de mangas compridas com punhos negros, golas negras amarradas por cordões negros. Há versões de que eram creme e, desbotadas, ficaram brancas. Conta-se ainda que os calções brancos eram feitos de sacos de farinha.

O fato é que a ideia do time simplesmente pegou no bairro. Craques da várzea em volta começam a aderir. Do Botafogo, por exemplo, time temível tanto pelo bom futebol como pelas confusões que aprontava, vieram Amílcar Barbuy, César Nunes, o Paredão, e com ele, como quem não quer nada, seu irmão adolescente, Manoel, o Nequinho.

E assim foi marcado, para 10 de setembro, um sábado, o primeiro jogo do Sport Club Corinthians Paulista. E logo contra quem: contra o forte União Lapa, formado por gerentes e funcionários da São Paulo Railway. E no campo deles. A ideia era não perder feio e jogar água no fervor dos primeiros jogadores, torcedores e simpatizantes.

Nada. O União Lapa sofreu para ganhar de 1 a 0. Em casa.

A volta foi triunfante. Foi quase uma vitória e o time já não era um sonho.

O PRIMEIRO CORINTHIANS

No dia 18 de setembro, sem nem saber do filho gerado, o Corinthian Team retorna à Inglaterra. Encantados com o carinho desta terra, os corinthians ainda tentaram voltar anos depois ao Brasil, mas tiveram de retornar do porto do Recife: a Primeira Guerra acabava de estourar e alguns deles serviam ao exército.

Registrem-se, no entanto, para a História, os dois Corinthians que atuaram no Brasil entre agosto e setembro de 1910.

Eis o Corinthian que nos visitou: Rogers, Page e Timmis; Tuffy, Morgan-Owen e Bradel; Snell, Day, Vidal, Brishley e Kerry.

O primeiro Corinthians Paulista entrou em campo com: Felipe Valente, Rafael Perrone e Atílio Fredi; Francisco Lepre, Alfredo de Assis e Francisco Police; João da Silva, Jorge Campbell, Luiz Fabbri, César Nunes e Joaquim Ambrósio.

Entre eles, dois dos cinco fundadores que talvez não soubessem, não poderiam saber, o que estavam aprontando.





OS PRIMEIROS TRÊS MOSQUETEIROS? A primeira taça do Corinthians foi ganha pelos maratonistas Batista Boni, João Collina e André Lepre numa corrida de 10 quilômetros realizada no Parque Antártica, em 1912





3 Da várzea à Liga

**TIME DE
CARROCEIROS?
IMAGINA: EM SUA
PRIMEIRA DÉCADA,
É CAMPEÃO PAULISTA,
ENCARA O TORINO DA
ITÁLIA E JÁ TEM UM
ÍDOLO: NECO,
NA FOTO AO LADO
COM A CAMISETA DA
SELEÇÃO BRASILEIRA**

O novo time agora tem pressa. No dia 14 de setembro, quatro dias depois do primeiro jogo, já está enfrentando o Estrela Polar. E ganhando: 2 a 0!

Para a História: o primeiro gol do time foi feito pelo centroavante Luiz Fabbi. O segundo, pelo meia-direita Jorge Campbell.

O time agora já tem até campo próprio na Rua dos Imigrantes, hoje José Paulino. Ali foi alugado, por 30 mil réis mensais, um pátio de depósito de lenha que, uma vez capinado e marcado, virou o nosso primeiro, digamos, estádio - o Lenheiro.

Humilde, mas nele o Corinthians viveria seu primeiro momento de glória: 5 a 0 contra a Associação Atlética da Lapa, no dia 27 de setembro do ano alvinegro de 1910.

Nos anos seguintes o novo time reina na várzea, mas pouca notícia se tem dos jogos e dos jogadores. Tudo bem: dizem que, antes de partir para suas grandes missões, os grandes homens primeiro se retiram para o silêncio dos desertos.

Com os grandes times pode ser um pouco assim. Pouco se sabe do Corinthians varzeano. Mas o que se sabe é promissor.

Em 17 de setembro de 1911 já ousa ir até Campinas para uma jornada dupla: de manhã, ganha da Ponte Preta (olha ela aí) e à tarde faz 3 a 1 no Corinthians campineiro. Era muita saúde.

Em 1912, entre outras vitórias, devolveu a derrota para o União Lapa, 3 a 1.

Que se saiba, perdeu só uma, para o Ruggerone, 2 a 1. Mas não se conformou. No jogo seguinte, tascou 6 a 0 no tal Ruggerone.

DE BAIRRO, E COM ORGULHO

A verdade é que, a estas alturas, a várzea já não era mais páreo para o Corinthians, mas voar mais alto também não era tão simples assim. Voar mais alto significava participar do campeonato da Liga Paulista de Futebol, jogar no Velódromo lá no centro...

E o Corinthians ainda era time de bairro, levado com paixão, bom futebol, mas muita dificuldade. Dois nomes heroicos brilham nesses duros primeiros anos, o pintor Antônio Pereira, um



Foto: Arquivo Corinthians





Fotos: Arquivo Corinthians



dos fundadores, e seu amigo João da Silva. De limpar o campo a fazer bicos para ajudar o time, esses dois faziam de tudo. Antônio conseguiu trazer para o time um outro português de valor, Casemiro do Amaral, centromédio eficaz que terminou se revelando o primeiro grande goleiro do Corinthians.

Por força das modestas contribuições dos primeiros sócios e vaquinhas sem fim, o time já treinava em campo próprio, mas e o aluguel da sede? Bem, o aluguel atrasou tanto que o dono perdeu a paciência, trancou as portas e declarou os parques bens do time – indisponíveis!

Foi quando, à noite, sorrateiramente, um grupo de jovens entrou pela janela e desapareceu com o patrimônio todo – uma mesa, um armário, um livro de atas e uma mesa de pingue-pongue... Esse resgate não passaria de molecagem pura se não tivesse sido comandado por um adolescente que se tornaria um dos maiores ídolos corinthianos de todos os tempos: Manoel Nunes, o Neco.

Enquanto isso, na linha de frente, crescia o sonho de disputar, já em 1913, o campeonato da Liga Paulista de Futebol, criada e constituída por clubes mais consagrados. Futebol o Corinthians achava que já tinha para isso e também sócios mais influentes, como o estudante Ricardo Oliveira e o dentista João Baptista Maurício que, aliás, viriam se tornar presidentes.

A cartolagem da Liga Paulista até topava que o novo time concorresse a uma vaga para disputar o campeonato. Só que, para isso, teria que vencer os outros postulantes, o São Paulo do Bexiga e o forte Minas Gerais.

A notícia incendiou o Bom Retiro inteiro.

No domingo de 23 de março de 1913, o São Paulo do Bexiga vence o São Paulo Railway e o Corinthians consegue eliminar o Minas Gerais por 1 a 0, em jogo duro, gol de Rodrigues.

Durante esse jogo contra o Minas Gerais, um português chamado Manoel Domingos Corrêa deu de chamar o Corinthians de “time de carroceiros” em pleno Velódromo. Ao ouvir isso, um jovem torcedor parte com tudo para cima do português e a muito custo são apartados. Nome do jovem: Manoel Nunes. Mesmo sem entrar em campo como titular, Neco já se dispunha a morrer pelo Corinthians.

No domingo seguinte, Corinthians 4, São Paulo do Bexiga, 0. O time do Bom Retiro passeou em campo.

E foi assim, com apenas três anos de idade, que o Sport Club Corinthians, do Bom Retiro, entrou para a Liga Paulista de Futebol.

SALVE O CAMPEÃO

Na página ao lado, acima, o time do primeiro título paulista: Fúlvio, Casemiro do Amaral e Casemiro González, em pé; Police Bianco e César, ajoelhados; Aristίδes, Peres, Amílcar Barbuy, Dias e Neco

DE MEDALHA NO PEITO

Abaixo, em foto também de 1914, a taça do título e no peito de cada um a medalha oferecida pelo clube



O PRIMEIRO TÍTULO

A Liga, a sonhada Liga com seus sete time times mais estabelecidos, melhor treinados. Outros campos, outras táticas, outro ambiente. O Corinthians penou bastante.

Não começou mal. Ganhou do bom Germânia, 3 a 1, e tinha um bom time. Casemiro do Amaral no gol, César Nunes, o Paredão, no meio e, lá na frente, o esperto Rodrigues. Mas não bastava. Para a Liga, não era o bastante.

No primeiro turno, perdeu feio para o campeão, o Americano, com quem no segundo conseguiu empatar. Ficou em quarto lugar.

Com um detalhe fundamental: nesse último jogo contra o campeão, o Americano, entra em campo um menino que haveria de escrever como jogador e como pessoa um dos mais belos capítulos da história corinthiana: Manoel Nunes, o Neco.

E, no ano seguinte, 1914, a coisa ia ser outra.

Em 14, tínhamos uma torcida firme e fiel, e craques como Neco, Amílcar Barbuy, Bianco, Peres, Aparício, todos formados nessa grande escola de futebol brasileiro que é a várzea, o terrão.

O primeiro jogo pelo título de 14 aconteceu no dia 12 de abril no Parque Antártica e serviu como um aviso do que vinha pela frente: 6 a 0 no Lusitano. E daí para frente foi uma vitória atrás da outra. Não tinha para ninguém.

Dez jogos, dez vitórias. No fim, campeão invicto.

Artilheiro: ele, Manoel Nunes, o Neco, com 12 gols.

E QUE VENHA O TORINO

Que ano para o Corinthians, esse de 14. Primeiro título paulista e primeiro jogo internacional contra o Torino, campeão da Itália.

No primeiro jogo, perdemos, 3 a 0, mas no segundo a coisa engrossou. Até o finalzinho foi um empate suado, 1 a 1. Aí o italiano Debernardi chuta, a bola explode na trave, bate no chão e volta, mas o juiz, ninguém menos que Charles Miller, com britânica elegância, decreta que a bola havia entrado: 2 a 1 pra eles.

Mas o bom futebol do Corinthians não passou despercebido pelo técnico do Torino, Vittorio Pozzo. E o homem era profundamente do ramo, pois viria a ser bicampeão do mundo com a Seleção Italiana nas Copas de 34 e 38.

O comentário do grande técnico italiano encheu de orgulho um time que mal tinha quatro anos de idade: “O Corinthians é

A MAIS ANTIGA TAÇA

Logo em seus primeiros anos de existência, o Corinthians mereceu da Liga Paulista de Foot-ball esta bela taça por seus dois títulos conquistados em 1914 e 1916. Nela estão gravados os nomes dos campeões dos outros anos







Ora viva o Coringão: 2 a 1 contra o





Flamengo, em dezembro de 1918

Foto: Arquivo Corinthians





uma grande equipe. Possui vários elementos que superam muitos de nossos famosos jogadores. Zaga sólida, médios incansáveis e dianteiros velozes. O Corinthians é um time que pode ir à Europa e enfrentar, sem receio, qualquer dos times de lá”.

ESCANTEADO, IMITA O CO-IRMÃO INGLÊS

Ê, Corinthians.

Escolado na várzea, campeão na Liga, agora quer mais. Já pensa disputar, em 1915, o campeonato dos times de elite agrupados na APEA, Associação Paulista de Esportes Athleticos.

Mas se deu mal. Não pelo futebol, por lambança pura.

A desistência do Internacional de Santos abre uma vaga na APEA, o Corinthians se desfilia da Liga Paulista, o Internacional volta atrás e o Corinthians fica a ver navios por todo 1915.

Nem na Liga nem na APEA, mas já bastante famoso, passa o ano jogando e ganhando jogos pelo interior do Estado. 5 a 0 no Corinthians de Jundiaí, 5 a 2 no Guarani... Saiu por aí como, um dia, seu co-irmão inglês andou por aqui, dando aulas de futebol. Empresta também alguns jogadores para outros times. Neco, para manter a forma, vai jogar no Mackenzie, mas com o nome de Nunes, porque se sentia outro. O Neco mesmo, esse de alma nunca saiu do Corinthians.

Foi um ano zicado para o time. Escanteado no campeonato, pressionado por dívidas, teve inclusive que sair da sua sede do Bom Retiro, onde nasceu, e alugar outra fora do bairro. Um sacrilégio ou uma consciente tentativa de expansão?

Mesmo assim, pinta aí um time de respeito. Não participa do campeonato de 1915, mas em outubro enfenta a seleção da poderosa APEA. Perde por 2 a 1, num jogo disputadíssimo.

Em 1916, o time tenta voltar para a Liga Paulista. Mais rolo. Alegam que ele andara desfigurando a equipe nesse ano parado. Pode voltar, mas com uma provação: disputar a vaga com o Antártica. Disputa e ganha, 6 a 0. Valeu?

Valeu. Volta à Liga tinindo, picado. Ganha todos os oito jogos do campeonato, faz 31 gols e toma só três. Campeão invicto.

No ano seguinte, 1917, APEA e Liga unificam o campeonato. Agora vem chumbo grosso pela frente, times da APEA como Paulistano e Palestra têm sólida tradição. O Corinthians fica em terceiro, mas em 1918 já é vice.

Em 1919, duas grandes alegrias.



Uma, inaugura seu próprio estádio na Ponte Grande, ali onde hoje ficam a Ponte das Bandeiras, o Clube de Regatas Tietê. Mais adiante vamos retomar essa longa e batalhada busca da casa própria.

A outra alegria foi a primeira vitória sobre o Palestra em jogos de campeonato, por 1 a 0, gol de Américo. No ano seguinte, nesse Parque se instalaria a casa definitiva do Palestra, e depois do atual Palmeiras. Bem, por precaução já estava batizada: 3 a 0!

E assim, aos trancos e relâmpagos, com belas vitórias e alguns equívocos, o Sport Club Corinthians Paulista termina a sua primeira década de vida. Termina bem. Não foi o campeão em 19, mas apresentou um time de respeito, com um ataque infernal: 75 gols em 17 jogos, média de 4,4 por partida.

Aí vem coisa. A Fiel presentia. Aí vem coisa.



Foto: Arquivo Corinthians

BOLA DE ÉPOCA

Por volta de 1930 este era o tipo de bola com que o Corinthians de Grané, Del Debbio, Filó, Rato e De Maria arrasava adversários nacionais e estrangeiros





4 Tempos de glória, o primeiro tri

CAMPEÃO DO
CENTENÁRIO
DA INDEPENDÊNCIA
EM 22, REPETE A DOSE
EM 23 E 24.
MAS A TAÇA MAIS
BONITA DA ÉPOCA
FOI ESTA AÍ AO
LADO, A CÂNTARA
PORTUGÁLIA, GANHA
CONTRA O PALESTRA...

A década de 20 é muito importante para o futebol paulista. As Ligas estão unificadas, agora quem ganha é campeão absoluto. Nessa nova era, três clubes se destacam, se firmam e não de se encarar para sempre. Nasce o trio de ferro que tantas emoções e estádios lotados vai propiciar à cidade. O Corinthians, que nasceu Corinthians, eternamente. O Paulistano que, na década de 30, vai ser sucedido pelo São Paulo. E o Palestra Itália, que, graças ao gênio do Mussolini, esverdeou na Guerra e teve de virar o Palmeiras.

Na década de 20 esses três heróis começam a roubar a cena, a se respeitar, temer, para a graça e a emoção de quem ama futebol. E bom para o Corinthians, que saiu na frente.

Bem, não em 1921, onde deu azar. É que o Corinthians já era então o Corinthians, time capaz de milagres no impossível e tropeços inglórios no fácil.

Em 1921, por exemplo, tinha o campeonato nas mãos. Era só ganhar do já eliminado Palestra. O jogo foi no dia de Natal, triste Natal, 3 a 0 para o Palestra. No fim, deu Paulistano, no mole. Natal mais sem graça. Os palestrinos devem ter deixado as chuteiras embaixo da cama e Papai Noel atendeu. Ah esse velho são-paulino e suas renas fatídicas...

Para piorar, o diário *A Capital* oferece uma taça para o melhor dos vices, Corinthians e Palestra. O jogo nem termina. Os palestrinos já eram, de alguma forma, palmeirenses. Revoltados contra um pênalti marcado, deixaram o campo.

NASCE O REI DOS CENTENÁRIOS

O jornalista e pesquisador esportivo Celso Unzelte observa que começava já nessa época uma escrita que até hoje vale. Nas decisões, o Corinthians se sai melhor contra o Paulistano/São Paulo e este dá mais sorte contra o Palestra/Palmeiras.

1922 foi um ano bem animado no Brasil. Pelo país afora, celebrações e mais celebrações do Centenário da Independência. Em São Paulo, a Semana de Arte Moderna reunia no Teatro Muni-







pal poetas, escritores, músicos e pintores dispostos a bagunçar o coreto da bem-comportada arte nacional.

Por isso, no futebol, o ano pedia um campeão à altura dos acontecimentos. E teve: o Corinthians. Nos jogos decisivos, o time começou assustando a torcida e mais uma vez ficou provado que o Papai Noel corinthiano não é. Na véspera de Natal, o Palestra nos vence, 3 a 2.

Aí ficou difícil, mas valeu a escrita: o Paulistano ganha do Palestra e vai decidir o título contra o Corinthians (olha os três aí).

Nessa decisão, um gostinho muito especial. O time do Bom Retiro vence o Paulistano na Chácara da Floresta por 2 a 0, um gol de Tatu e outro do artilheiro do campeonato, Gambarotta.

E teve mais, em 22. Teve mais. Um paulistano ilustre português radicado em São Paulo, doutor Ricardo Severo, engenheiro, arquiteto, arqueólogo e escritor, institui uma taça, aliás muito bonita, a Cântara Portugália, toda de prata, para homenagear dois heroicos visitantes, os portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral, os primeiros pilotos a atravessar o Atlântico de avião.

Ora pois, em 9 de julho de 22 Corinthians e Palestra disputam o cobiçado troféu num Parque Antártica lotado, com a presença dos dois heróis portugueses nos camarotes.

Gambarotta e Neco, 2 a 0.

E lá ficou para sempre, no Memorial do Clube, a tal Cântara Portugália, elegante e prateada.

UM TATU NO JARDIM AMÉRICA...

Nosso primeiro bicampeonato na vida, em 1923, foi tão fácil, tão indiscutível, que nem há muito o que dizer.

Campeão do primeiro turno, o Corinthians vai enfrentar os outros sete classificados para o segundo com seis pontos de vantagem. Ganha o título três rodadas antes do fim num 3 a 0 contra o São Bento da capital. Amílcar, Gambarotta e Peres.

Para cumular, ganha contra o Rio Branco de Americana, 5 a 0, conquistando a Taça Competência, que, entre 1919 e 1927, punha frente a frente os campeões da capital e do interior.

Nosso tri, nosso primeiro tri, também veio serenamente, nas asas da bola redonda que o time vinha jogando. A decisão foi em grande estilo, no Jardim América, 1 a 0 em cima do Paulistano, gol de Tatu. Um Tatu no Jardim América... Tem símbolo mais corinthiano? Tempos de glória, tempos de glória.





GAMBAROTTA E COMPANHIA

No ano seguinte, 1925, dois eventos importantes.

Primeiro, o Corinthians poderia ter sido tetra, mas, ao que parece, não fez muita questão. Deu-se que o Paulistano caiu fora da disputa e seus pontos não são igualmente descontados dos clubes participantes. Se isso tivesse acontecido, o Corinthians seria o campeão, tetracampeão.

Não quis ir para o tapetão e perdeu o título para o São Bento. Tudo bem, tinha mais o que fazer.

Por exemplo, treinar a Seleção Brasileira que ia disputar um Sul-Americano em Buenos Aires. Sim, o Corinthians já tinha prestígio suficiente para testar a Seleção Brasileira em seu modesto estádio da Ponte Grande. O jogo acontece na tarde de 11 de novembro de 1925, uma quarta-feira. Foi 1 a 1, Nilo para o Brasil e Gambarotta para os donos da casa.

Gambarotta. Na decisão contra o Paulistano em 22, na disputa da taça Portugália contra o Palestra, no bi de 23 contra o São Bento, no 1 a 1 contra a Seleção Brasileira na Ponte Grande – gol de Gambarotta! Gambarotta. Com esse nomezinho assim meio palestrino, um tremendo atacante desses primeiros tempos do Corinthians. Mais tarde, já veterano, Gambarotta muda-se para Salvador, onde ajuda a fundar o Bahia e convence seus companheiros a adotar para o clube baiano um distintivo praticamente idêntico ao do Corinthians.

Quer dizer: o Corinthians arrancou da várzea para o primeiro tri em 24 e outras glórias com base num grande e fervoroso time, e um técnico da maior eficiência, um dos melhores da época: Guido Giacomini.

NOSSOS CRAQUES FUNDADORES

É justo que o corinthiano do centenário reverencie aqui alguns destes heróis dos primeiros tempos.

Amílcar Barbuy, paulista de Rio das Pedras, jogava no Botafogo da várzea e foi para o Corinthians em 1913, onde passaria de centroavante a centromédio. Foi um líder respeitado pelos companheiros e adorado pela torcida. Em 1916, torna-se o primeiro corinthiano a ser convocado para a Seleção Brasileira. Fica no time até 1923 e dá quatro títulos ao Corinthians. Mais tarde, voltaria como técnico.



Em 1922, os grandes campeões do



OS IMBATÍVEIS DE 22 Mário, Peres, Amílcar, Rafael, Del Debbio, Gelindo, Neco, Ciasca, Tatu, Gambarotta e Rodrigues





I Centenário da Independência

Foto: Arquivo Corinthians





Foto: Arquivo Corinthians

*A taça “Cidade de São Paulo”,
oferecida ao Corinthians pelo título
do I Centenário da Independência*

Aparícios. Em seus primeiros tempos, o Corinthians teve três bons Aparícios. O meia-esquerda jogou de 14 a 18, foi duas vezes campeão. Entre 19 e 24, o Aparício ponta-direita fez parte do time bicampeão de 22 e 23. O terceiro Aparício, também ponta-direita, jogou de 23 a 33 e teve destacada atuação no tri de 28, 29 e 30.

O ponta-direita Américo Fiaschi (1914-1921) jogava no União Lapa que venceu o Corinthians (1 a 0) em seu primeiro jogo na vida. Goleador de chute e cruzamentos precisos, foi campeão pelo Corinthians em 14 e 16, além de autor do nosso primeiro gol contra o Palestra em campeonatos paulistas. Obrigado, Américo.

O centromédio Ciasca era marcador tão impiedoso que tinha o apelido de Carrapato.

César Nunes jogou de 1913 a 1920, trouxe seu irmão Neco para o time e, como centromédio, tinha um apelido que dizia tudo: Paredão.

Del Debbio, Armando Del Debbio, jogou de 1922 a 1931, quando foi atuar na Itália. Voltou para encerrar a carreira e na função de técnico, um dia, em 1939, teve de entrar em campo para enfrentar o Ypiranga e ajudar o time a ser campeão. Um dos maiores zagueiros corinthianos de todos os tempos. Ajudou a conquistar oito títulos estaduais. Como técnico, foi campeão paulista em 38, 39 e 41.

O já citado Alberto Gambarotta, que deu três títulos ao time, tinha três irmãos bons de bola, Ítalo, Gambinha e Leone.

Meia-esquerda driblador, Tatu, Altino Marcondes, começou sendo campeão em 22 e formou com Rodrigues e Neco um dos ataques mais infernais do time.

Rodrigues, Raphael Rodrigues, fazia gols num tempo em que do ponta-esquerda só se esperavam cruzamentos. Foi tri em 24.

Rato, José Castelli, ponta e meia-esquerda do tipo driblador e enjoadado, jogou de 21 a 31, foi para a Lazio, da Itália, e voltou em 1933. Fez 201 jogos pelo Corinthians, participou do tri de 24 e depois do de 30. Foi o autor, em 1930, do primeiro gol noturno em São Paulo. Durante décadas, entre os anos 50 e 70, Rato foi o responsável pelas categorias de base do time, ajudando a descobrir e burilar ídolos como Rivellino e Wladimir. Técnico tricampeão em 22, 23 e 24, Guido Giacomini foi também diretor de futebol e oitavo presidente do clube.

E tinha o grande zagueiro Pedro Grané, lendário chutador de faltas. Num jogo contra o Barracas da Argentina, o Corinthians



Foto: Arquivo Corinthians

O GRANDE TIME DE 24 Gelindo, Rafael, Rueda, Colombo, Del Debbio e Ciasca; Peres, Neco, Pinheiro, Tatu e Rodrigues. Abaixo, bola da nossa primeira vitória internacional, 3 a 1 contra o Barracas, da Argentina, em 1929

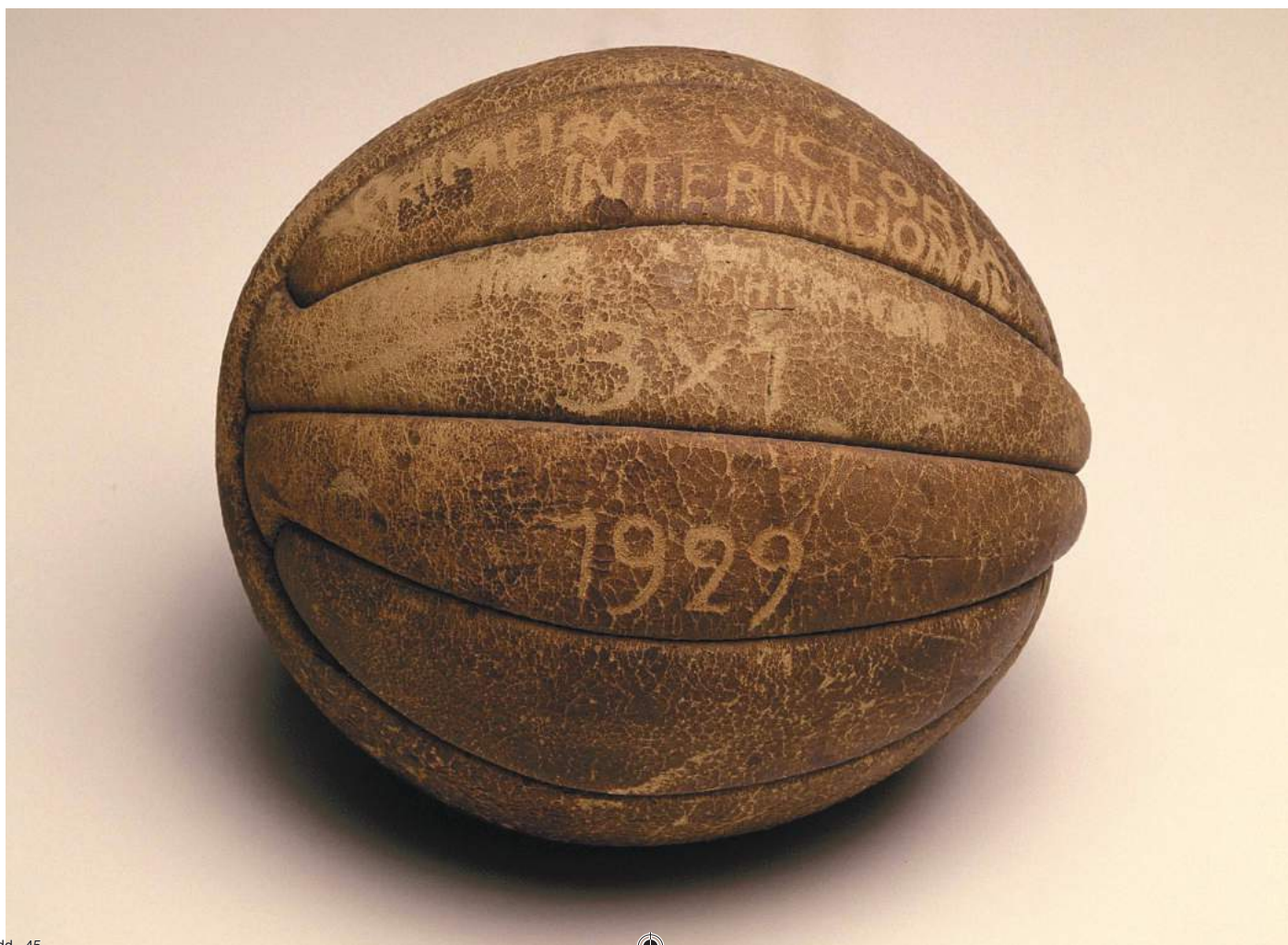


Foto: Rômulo Fialdini - Memorial Corinthians





perdia por 1 a 0 quando Grané, com duas faltas lá no meio do campo, simplesmente vira o jogo diante dos hermanos estarecidos. Seu apelido era 420, famoso canhão alemão de igual poder de fogo. Uma vez, o goleiro carioca Jaguaré tentou pegar um chute dele e foi parar com a bola no fundo das redes, o pulso trincado. Passou a ser o terror dos arqueiros.

Não, não foi por nada que o técnico do Torino com tanto fervor elogiou esse primeiro Corinthians e seus craques. Não foi por nada que, daqui a pouco, a Itália vai levar boa parte de um outro Corinthians imbatível.

Dentre todos esses craques, o mais talentoso, apaixonado, eficiente, fiel e longevo talvez tenha sido Manoel Nunes, o Neco.

NECO, O CORINTHIANS EM PESSOA

Quando o clube foi fundado, em 1910, Neco já andava por ali, pulando a janela da sede para salvar o patrimônio do clube, encarando o português que, durante um jogo, chamou o seu Corinthians de “time de carroceiros”. Foi ele quem doou a segunda bola que o time teve. Em 1913 entra pela primeira vez em campo com a camisa do Corinthians e só vai deixar o time em 1930, 17 anos depois.

Como o próprio Corinthians, Manoel Nunes nasceu no Bom Retiro. Estudou no Liceu Coração de Jesus e o pai queria que ele fosse marceneiro.

Em vão: a bola falou mais alto.

Estreou no Corinthians em outubro de 1913, durante uma reformulação do time que vinha mal em seu primeiro campeonato oficial pela Liga. No ano seguinte, com 19 anos, é campeão paulista, artilheiro e titular absoluto. Nesse ano fez também seu primeiro jogo internacional, contra o Torino da Itália. Em 1917, estreia na Seleção Brasileira contra a Argentina. O Brasil perde por 4 a 2, mas dele foi um dos nossos gols.

1922 foi o seu grande ano: campeão paulista pelo Corinthians, campeão brasileiro de Seleções pela Seleção Paulista e campeão sul-americano pela Seleção Brasileira. Mas foi no Sul-Americano de 19 que seu grande futebol assombrou o país.

Na época, o Sul-Americano era, por aqui, uma espécie de Copa do Mundo, e o Brasil andava meio cansado de ficar sempre atrás da Argentina e do Uruguai. Mais: o Sul-Americano de 1919 foi quase uma Copa de 50, só que com final feliz. No mais, tudo mui-



to parecido. Para honrar o evento, foi construído no Rio um Maracanã, o Estádio das Laranjeiras, onde até uma Granja Comary foi improvisada, com os jogadores fazendo treinos e preparação física, fato raro na época.

O Brasil vence a Argentina por 3 a 1 e enfrenta o Uruguai na decisão para ser campeão pela primeira vez.

Foi um jogo de arrear. Os uruguaios estão ganhando, 2 a 0, quando Neco faz dois e o jogo termina empatado.

Na final extra da decisão, em 29 de maio, depois de um tenso 0 a 0 no tempo normal, o jogo vai para a prorrogação. É quando Neco pega a bola lá no meio do campo, avança pela direita driblando todos os uruguaios que encontra pela frente, cruza da linha de fundo. Heitor chuta, o goleiro defende e Basílio, aliás, Friedenreich completa para dentro das redes. Sob o delírio da torcida, Friedenreich honestamente corre para cumprimentar Neco, como quem diz: o gol foi seu.

Brasil campeão, Neco é recebido na Estação da Luz com uma das maiores festas que São Paulo viu. É recebido pelo governador no Palácio dos Campos Elyseos. Em seu valioso livro, *Coração Corinthiano*, Lourenço Diaféria conta que, depois da festa, Neco deu-se conta de que não tinha dinheiro nem para o ônibus e no dia seguinte, no trabalho, chegou a ser demitido por abandono de emprego...

Consta que, já durante o Sul-americano, o empresário carioca Arnaldo Guinle, poderoso dono das Docas do Rio de Janeiro, fez propostas irrecusáveis para que Neco fosse jogar no Fluminense. Ele preferiu continuar no Corinthians e ganhando a vida como balconista numa loja do centro, mais eventuais bicos como pintor e marceneiro. Numa das suas últimas enrevistas, declarou: “Naquele tempo, para jogar no Corinthians, eu tinha que pagar dois mil réis por mês”.

Neco voltará à nossa história. Mas fique aqui registrado que sua recusa de ir para o Rio em melhores condições comoveu a nascente nação corinthiana, que fez dele o símbolo maior daquilo que o torcedor mais pede no time – garra, envolvimento, fidelidade.

O Neco foi o nosso primeiro e grande – Fiel!



5 Em busca da casa própria

O PRIMEIRO CAMPO,
UM DEPÓSITO
DE LENHA.
O SEGUNDO FOI
FEITO NO BRAÇO.
O TERCEIRO
É A FAZENDINHA.
JÁ O PRÓXIMO...

Time de várzea, poucos sócios e sem a retaguarda de um clube maior, de colônia, já constituído, o Corinthians só tinha, para ir em frente, muito futebol, suor e simpatia. O mais teve que batalhar. Penou até para manter suas modestas primeiras sedes. Saiu da Rua dos Italianos, no Bom Retiro natal, exilou-se, sob protestos, na Rua dos Protestantes, no Brás, depois alugou salas na Praça da Sé e na São João.

Por um lado, bom sinal.

Sinal de que, aos poucos, deixava de ser um time de bairro, caseiro, e tomava a cidade com seu entusiasmo pelo futebol e bons resultados em campo.

Mas faltava um estádio.

O Lenheiro da Ribeiro de Lima, onde treinavam, ficava cada vez mais estreito para as pretensões do time.

Em 1916, o clube arrenda um terreno ali na Floresta, perto da Ponte Grande, hoje Ponte das Bandeiras. Floresta era, na época, um nome merecido. O Tietê ainda era um rio e a Mata Atlântica expunha ali suas graças como hoje lá em cima, na serra.

Mas o terreno em si era bastante pantanoso e exigiu da torcida muita mão-de-obra voluntária para dar lugar a um simpático estádio com um campo razoável, arquibancadas dignas, área social acolhedora. Segundo Tomás Mazzoni em seu livro *História do Futebol no Brasil*, de 1950, os jogadores do Corinthians construíram seu próprio campo: “Nesse ano de 1918, o Corinthians inaugurou sua primeira praça de esportes, situada ao lado da Floresta. Os próprios jogadores corinthianos trabalharam, na construção do gramado”. Inaugurado no dia 17 de março de 1918 com um vibrante 3 a 3 contra o rival Palestra Itália.

O primeiro gol no primeiro estádio - quem faz? Ele, Manoel Nunes, Neco. Só podia.

O novo estádio da Ponte Grande foi bastante festejado na época, mas infelizmente coincidiu com uma certa maré baixa do time no campeonato. Como se as energias tivessem sido drenadas para o novo campo. No campeonato o Corinthians não foi além de dois vices, em 1918 e 1921.

Foto: Alexandre Battibugli







Mas o time em si era bom, o segundo tri despontava, os torcedores cresciam, sócios de mais grana iam chegando. Muitos comerciantes, por exemplo, já faziam questão de anunciar na revista do time seus produtos e serviços.

Anúncios com um doce sabor de época.

Um alfaiate, o Lalli, comunicava que era só apresentar a carteira de sócio para usufruir de um bom desconto no terno – colete incluído!

Villa, um chapeleiro da Rangel Pestana, por apenas dois mil réis desamassava qualquer chapéu, deixando-o novinho em folha.

Manoel Fonseca garantia a plena eficiência dos seus caminhões de mudança e a Casa Neves oferecia de tudo, de café e arroz a selos estaduais e federais.

FAZENDINHA E PARQUE SÃO JORGE

É nesse clima mais promissor que, em 1926, o presidente Ernesto Cassano ousa comprar um terreno maior, de 33 mil metros quadrados, no Tatuapé, para um estádio mais definitivo. No local, um subdistrito do Tatuapé chamado Parque São Jorge, já funcionava o clube Sírio com algumas instalações básicas. O valor, uma entrada e 12 anos para pagar, foi negociado com dois empresários sírios, Nagib Salem e Assad Abdala.

O novo estádio é inaugurado no dia 22 de julho de 1928 com um bem disputado 2 a 2 contra o América do Rio. E o Corinthians parece que tinha pressa: o primeiro gol do novo estádio foi feito logo aos 27 segundos de jogo. Autor: De Maria. Assim jogou o time inaugural: Tuffy, Grané e Del Debbio; Nerino, Sebastião e Munhoz; Aparício, Neco, Rato, Guimarães e De Maria.

Nem todas as instalações estavam prontas nesse dia da inauguração. Mas logo o novo estádio contaria com 74 camarotes, arquibancadas descobertas para três mil torcedores e as cobertas, consideradas elegantes na época, abrigavam dois mil torcedores.

Falando em elegância. No dia do jogo inaugural o América ofereceu ao Corinthians uma taça comemorativa, refinada até no nome: Char de la Victoire. Carruagem da Vitória.

Sorte no estádio, azar no campeonato?

Foi, um pouco, outra vez o que aconteceu. Em 1926, o Corinthians nem vice conseguiu ser.

No ano seguinte, 1927, confusão na Liga, agora dividida entre amadoristas e profissionais. Disputa o campeonato pela

EM CASA

Desde 1928, o Corinthians tem casa própria, a pioneira e vibrante Fazendinha, palco de grandes acontecimentos. O diabo é que ficou pequena





Fotos: Arquivo Corinthians





forte APEA, a Associação Paulista de Esportes Atléticos, chega ao quadrangular final, mas sua única alegria foi derrotar o campeão Palestra em pleno Parque Antártica, 3 a 1.

Bem, mas o fato é que o clube havia providenciado um teto para a sua já crescida família. Os corinthianos já faziam da Fazenda a sua casa. Em torno do novo estádio foi surgindo a Cidade Corinthians, uma espécie de Vaticano dessa nova fé, o corinthianismo.

Um clube que podia contar, praticamente ali, com um rio de águas limpas, o Tietê, onde cochos de madeira faziam as vezes de piscina. Os 33 mil metros quadrados iniciais foram, passo a passo, aumentando para os 160 de hoje. Surgem os dois ginásios esportivos, as piscinas, o restaurante, a biblioteca, as churrasqueiras, os jardins, os bustos e os monumentos. A Cidade Corinthians. Nossa Meca, nosso Vaticano.

Adolescente e de estádio novo, esse Corinthians no Bom Retiro nascido e na várzea escolado logo haveria de se firmar como um time multiclassista, poliesportivo e até globalizado.

CORINTHIANOS ILUSTRES

Multiclassista... Mas o Corinthians não nasceu um time de operários? Nasceu. Foi criado numa esquina e seus cinco fundadores eram pintores de paredes, ferroviários e trabalhadores braçais. Seu primeiro presidente pra valer era cocheiro de tálburi, um taxista de hoje. As primeiras reuniões começavam tarde para que delas os sócios operários pudessem participar.

Dentre os operários-fundadores, Joaquim Ambrósio e Rafael Perrone jogaram na estreia e Antônio Pereira foi decisivo na consolidação do novo time, os outros dois certamente eram ouvidos nas primeiras reuniões.

E mais: era um time de bairro, e bairro operário. Bem diferente dos times da época. O São Paulo Athletic Club, onde Charles Miller jogava, foi criado e mantido por ingleses. O Mackenzie, primeiro clube fundado especificamente para jogar futebol, estava ligado a um colégio de elite. O Germânia foi fundado por um empresário alemão, Hans Nobiling, e era apoiado pela colônia alemã. Ao ser fundado, em 1914, no rastro das passagens do Torino e o Pro Vercelli pelo Brasil, o Palestra logo contou com o apoio de italianos novos ricos e do conde Matarazzo em pessoa. O São Paulo nasceu de remanescentes do Paulistano, clube que



achava que futebol era um esporte da nobreza e caiu fora quando o viu popular.

O Corinthians nasceu num bairro e foi ideia de operários. Isso é inegável. Mas é verdade também que esse time veio ao mundo com uma luzinha tão própria que logo terminou atraindo e encantando gente de todas as classes e condições sociais. Entre seus primeiros presidentes estão um estudante de farmácia e um dentista. Quando do arrendamento do terreno do estádio da Ponte Grande junto à Prefeitura, foi crucial a influência de um corinthiano ilustre, o intelectual e deputado Alcântara Machado.

Também por ocasião do primeiro estádio, um outro corinthiano simpatizante entra em cena para, mais de uma vez, decidir o jogo: Alfredo Schürig, comerciante bem-sucedido, dono da Fábrica de Parafusos Santa Rosa. Schürig começou facilitando pregos e parafusos para as arquibancadas de madeira do estádio da Ponte Grande e, entusiasmado, terminou tirando do próprio bolso 30 mil contos de réis para a construção do segundo estádio, o da Fazendinha, que hoje leva, merecidamente, o seu nome. Foi presidente do clube de 1927 a 1933. Outros corinthianos ilustres dessa época foram os conceituados irmãos médicos Wladimir e Alarico de Toledo Piza.

A grande *biodiversidade* social dos primeiro presidentes mostra o quanto o Corinthians não cresceu como um time classista, bairrista e ressentido, mas conquistou aos poucos, generosamente, o coração da cidade, toda a cidade. Entre seus presidentes, teve de tudo. Um dentista, João Baptista Maurício; um militar, João de

ELEGÂNCIA

O troféu Char de la Victoire foi um presente do América do Rio no dia da inauguração da Fazendinha em 22 de julho de 1928. O jogo terminou 2 a 2



Foto: Arquivo Corinthians





O Corinthians tem hoje o maior estadio





vivo e móvel do país: a Fiel

Foto: Agência Tyba





Carvalho; um médico, José Tipaldi, mais comerciantes, bancários, escriturários e até um garçom, Manuel Correcher.

POPULAR E GLOBAL

O Corinthians é também, curiosamente, globalizado. Tem nome inglês ligado a uma famosa cidade grega e, de certa forma, está presente até nas Escrituras pelas cartas de São Paulo.

Entre seus fundadores e primeiros torcedores encontram-se imigrantes portugueses, italianos e espanhóis.

As primeiras vitórias eram celebradas com chope da Casa Germânia, cujo dono era um alemão que facilitava as comemorações da mesma forma que Schürig liberava os parafusos da sua loja.

Logo nos primeiros anos o Corinthians enfrentou equipes estrangeiras, como o Torino da Itália, o Hakoah, dos Estados Unidos, e o Barracas, da Argentina, sem falar da sua brilhante campanha em 1952 pela Turquia, Suécia e Dinamarca. Na década de 30, forneceu importantes jogadores para a Itália. Como foi o caso do ponta-direita Filó, campeão mundial jogando pela Itália em 1934 por conta do sobrenome da mãe, Guarisi.

Quando, em 1949, um trágico acidente aéreo mata todo o time do Torino, contra quem jogara em 1948, o Corinthians faz questão de jogar uma partida amistosa contra a Portuguesa com a camisa grená do seu primeiro adversário internacional. A foto deste time foi enviada para a Itália e recebida com emoção pelos torcedores do Torino.

E quando, em 2000, o Corinthians sagrou-se campeão do Mundial da FIFA, recebeu uma carinhosa mensagem do Corinthian inglês onde confessavam seu orgulho pela glória do seu irmão brasileiro.

WLAMIR, O DO BASQUETE

O Corinthians nasceu e continua poliesportivo. Fiel a estatutos que, desde os primórdios, ligavam o futebol à educação física e à cultura, o Corinthians muito cedo foi-se tornando um clube poliesportivo. Seu primeiro troféu não foi ganho em campo, mas numa maratona no Parque Antártica, vencida em 1913 por três bravos corinthianos de primeira hora, André Lepre, Batista Boni e João Collina.

E daí para a frente ele fez questão de se manter o clube de fute-



bol mais aberto a todas as modalidades: vôlei, futsal, basquete, ginástica, atletismo, remo, ciclismo, pólo aquático, boxe, judô, tênis de mesa, malha, peteca, tamboréu. Não é por enfeite que seu Departamento de Remo figura no distintivo, ele existe desde 1929 e só perdeu força por falta de rio. A natação gerou um atleta de respeito, Roberto Pasqua, futuro presidente. Heptacampeão paulista entre 50 e 56, o basquete corinthiano viveu, na década de 50, uma época áurea, quando conquistou títulos estaduais, nacionais e internacionais. Nomes como Wlamir, Rosa Branca e Ubiratan fazem parte da história do basquete brasileiro, e mesmo o mundial, de todos os tempos.

E mais: se a década de 60, no futebol, andava complicada, no basquete o Corinthians foi vice-campeão do primeiro mundial interclubes, disputado na Espanha, em 1966; bicampeão sul-americano, bi brasileiro, estadual e metropolitano. Em julho de 1965, em partida histórica realizada no Parque São Jorge, o Corinthians derrota o poderoso Real Madrid da Espanha por 118 a 109. Honra, pois, a um dos maiores quintetos do basquete brasileiro de todos os tempos: Amaury, Wlamir, René, Ubiratan e Rosa Branca, todos da Seleção Brasileira.

O ETERNO SONHO DA CASA NOVA

Corinthianos mais modernos podem, às vezes, se sentir um tanto incomodados porque o novo estádio do Corinthians, eternamente anunciado, nunca sai do sonho e prancheta. E não foram poucas as tentativas. Ainda em 1956 o presidente Alfredo Ignácio Trindade anunciava a construção de um estádio à altura da Fiel Torcida. Na antiga sala de troféus do clube havia toda uma coleção (ou cemitério?) de maquetes.

Um jornalista, que mais tarde viria a se tornar um fervoroso pesquisador da história do Corinthians, conta uma história quase surreal. No dia 10 de novembro de 1978, ele foi com o pai ao Parque São Jorge para presenciar a doação de um terreno para o estádio do Corinthians e a exibição da maquete do próprio. Quem estava presente ao ato? O senhor presidente da República, Ernesto Geisel, acompanhado por seu sucessor, general João Baptista Figueiredo. Vicente Matheus, presidente corinthiano, teve ali seu dia de estadista. O menino voltou orgulhoso para casa, onde contou tudo ao avô, que apenas vociferou, são-paulino: “Nem você nem seus netos vão ver este estádio”.



Que pensar de tanto sonho frustrado?

Bom. Primeiro, o Corinthians tem casa, a Fazendinha, e nela, um vasto e vibrante complexo social-esportivo, com belas piscinas, ginásios poliesportivos, jardins e um Memorial onde com muito carinho conta, ano a ano, time a time, ídolo a ídolo, gol a gol, bola a bola, taça a taça, cem anos de paixão.

Tem casa, sim, uma alegre e bem frequentada casa, construída, aliás, muito antes dos outros clubes.

E tem também uma casa afetiva, o Pacaembu, um estádio muito especial, com uma história muito corinthiana. O Pacaembu é puro futebol. Ele foi o nosso primeiro Maracanã, o primeiro grande estádio brasileiro a ser construído para o povo quando, definitivamente, o futebol pulou os muros dos colégios e clubes finos. Ele fica numa praça que tem o nome do introdutor do futebol no Brasil, Charles Miller. Ele abriga hoje um Museu do Futebol que, através das mais modernas tecnologias de comunicação visual, conta a história do esporte que mais representa nossa alma, nosso jeito gingado de ser, sofrer e superar-se. Diga-se ainda: este belo Museu começa homenageando as torcidas brasileiras justo embaixo das arquibancadas onde sofrem e vibram os Gaviões da Fiel, um dos mais intensos e religiosos casos de amor de uma torcida por seu time.

Sim, no Pacaembu o Corinthians se sente histórica e espiritualmente em casa.

E corinthianos mais místicos acham que o Corinthians nem deve ter tanta pressa em montar uma dessas arenas aí que mais parecem um aeroporto onde casualmente, e na ausência de algum show de rock, se joga futebol.

Acham que vale para o time o que Jesus dizia sobre templos feitos não de tijolo e mármore, mas de corações unidos num mesmo fervor. Onde a Fiel está, vai com ela, portátil como a Arca da Aliança, um estádio vivo. A maior lotação do Morumbi até hoje não foi obra de são-paulinos, mas dos mais de 146 mil corinthianos que lá estavam no segundo jogo contra a Ponte pelo título de 1977. E de corinthianos foi o maior público “estrangeiro” do Maracanã até hoje, 70 mil torcedores no lendário jogo contra o Fluminense em 76. O mesmo tem acontecido no Olímpico, Beira-Rio, Fonte Nova e Mineirão.

O dia em que a casa nova for construída, que ela reflita a cara e a história do Corinthians, mas o certo é que o time já tem, comprovadamente, o maior estádio vivo do Brasil: nós.

Foto: Alexandre Battbugli



6 Tempos de glória, o segundo tri

CAMPEÃO PAULISTA

DE 28, 29 E 30, O

TIME JÁ TEM CRAQUES

MOSQUETEIROS

E UMA TORCIDA

CHAMADA A FIEL.

E VEJAM POR

QUE NECO É UM

CORINTHIANO-

SÍMBOLO

A vida é assim e o futebol também. Impasses de toda a ordem, pequenos e grandes azares até que, de repente, as coisas voltam a florescer, a vida se destrava e anda. Foi o que aconteceu com o Corinthians ali pelo fim da década de 20.

O primeiro estádio, o da Ponte Grande, deu muito orgulho e pouco título. Já com o Parque São Jorge, inaugurado em 1928, a coisa foi diferente. Na Fazendinha, em grama própria, o Corinthians deitou e rolou.

Começou ganhando a Taça Balor. Com esse nomezinho estranho, essa taça fora instituída para o vencedor do primeiro turno. Quem o vencesse três vezes seguidas ficava com ela para sempre. Vencedor em 23 e 24, o Corinthians em 28 ficou definitivamente com ela. E o melhor: num jogo contra o Palestra, 3 a 0.

E por aí começou.

O time foi campeão, fácil, em 28, 3 a 2 contra a Portuguesa na final. Do Palestra, nem sombra.

Em 29, tivemos a primeira vitória internacional, contra o Baracas da Argentina, 3 a 1 no Parque São Jorge. Com craques como Neco, Filó, De Maria, Del Debbio, Gambinha, o goleiro Tuffy e o demolidor Pedro Grané, o time ganha fama e todo mundo quer ver o Corinthians jogar. Quando vai a Minas inaugurar o estádio do Atlético e perde por 4 a 2, a manchete do maior jornal mineiro foi: “Derrotamos os reis do futebol”.

Ainda bem que reconheceram. Porque na revanche, em São Paulo, tomaram 11 a 2 no Parque. Gambinha três, Filó três, Rato dois, Neco dois e De Maria um. Nesse dia, um sábado, 12 de outubro, Neco ganhava um busto nos jardins do Parque. Começava se despedir do futebol. Era como que um torneio início da sua despedida dos campos.

Ah: em 29 ainda o Corinthians ganha o título paulista, um passeio invicto. Na decisão, 4 a 1 contra o Palestra, na casa deles. Demais, demais.

No fim dos anos 20 o Corinthians dá início a importantes feitos internacionais. Em julho de 29, tasca 6 a 1 no Bologna da Itália e em janeiro de 30 faz 7 a 2 no Tucumán da Argentina.



CORINTHIANS

Orgão Oficial do Sport Club Corinthians Paulista

1910



1956

Foto: Rômulo Fialdini



O Campeonato Paulista termina no começo do ano seguinte, 31, com um jogo memorável em Santos, contra o Santos.

Este jogo em Santos foi, por muitos motivos, memorável. O Corinthians tem um grande time. O Corinthians está prestes a cumprir sua maioridade, 21 nos de idade. Era a chance do segundo tri e do oitavo título em 20 anos de existência, desde que deixara as várzeas do Bom Retiro.

A torcida parece que entendeu o grande momento. Prefigurando a invasão do Maracanã em 76, lota dez composições de oito vagões na Estação da Luz, em festa desce a serra e invade Santos.

Valeu a pena. Foi 5 a 2 para o Corinthians; Gambinha (dois), Filó, De Maria e Napoli.

A festa começou em Santos, subiu a serra de trem e teve sua apoteose na Estação da Luz em São Paulo já no amanhecer de segunda-feira. Conta-se que muitos corinthianos voltaram cantando em cima do trem, pelo frio da serra, sem camisa, o que resultou em alguns casos fatais de pneumonia.

Nossos primeiros mártires.

5 A I, NA MOLECAGEM

Agora uma pequena história e duas grandes marcas destes tempos felizes.

A história foi testemunhada por ninguém menos que Antônio de Almeida, o grande, implacável e discreto pesquisador da história do Corinthians.

Em julho de 1930, o time americano do Hakoah, que incluía alguns jogadores ingleses, veio disputar alguns jogos no Brasil. Um deles contra o Corinthians, claro. Antes do encontro, os gringos foram até o Parque São Jorge, conhecer, dar uma espiada no treino. Vendo aquela meninada em campo, Aparício, Rato, Nerino, Gambinha, Peres, ninguém muito parrudo e alto, um dos gringos da cartolagem perguntou: “Aqui os juvenis treinam antes?”. Ficou chocado quando soube que aqueles eram os profissionais. E mais chocado ainda quando, no dia seguinte, seus gigantes titulares tomaram 5 a 1 daqueles moleques ariscos, Rato, Nerino, Gambinha...

Agora, as marcas.

Essa época ficou marcada pelo apelido de Mosqueteiro dado ao Corinthians. O epíteto foi cunhado num comentário do jornalista Thomaz Mazzoni logo depois da vitória corinthiana contra



o Barracas da Argentina, numa referência aos personagens de um romance popular e famoso, *Os Três Mosqueteiros*, do escritor francês Alexandre Dumas. Armados de espada e mosquete – os três mosqueteiros, Athos, Porthos e Aramis, fizeram época sob o comando do quarto, D'Artagnan. Mas que teriam a ver com Rato, Nerino, Gambinha e o resto da turma?

Bem, num tempo de muitos romances e, depois, de muitos filmes de capa e espada, o herói mosqueteiro era visto como um símbolo de valentia, lealdade e senso de humor. Tudo o que a torcida esperava dos seus ídolos em campo. E o lema dos mosqueteiros originais caía muito bem para um time de operários: “Um por todos, todos por um”.

Outro fato vem provar que mosqueteiro era uma palavra da época. Quando, em 1913, o elitista Paulistano funda sua liga própria, a APEA, na Liga Paulista só ficam três clubes, dois de Santos e um da capital, que os adversários gozativamente chamavam de *Os Três Mosqueteiros...*

Claro que os corinthianos tomaram a palavra pelo seu sentido mais nobre de valentia na luta pelo bem, contra os poderosos e suas astúcias. Houve até quem desse nome aos mosqueteiros do time: Nerino, Guimarães e Munhoz, que formaram, nesses tempos de glória, uma linha média imbatível, o eixo do time nas vitórias contra o Bologna, o Huracán, o Tucumán e o Hakoah e que levaram o time ao tri de 28, 29 e 30. Três grandes guerreiros.

Foi dessa época também um outro epíteto glorioso, este uma homenagem aos torcedores. Sim, quando a torcida de um clube que já foi considerado “time de carroceiros” consegue lotar 80 vagões para um jogo em Santos é porque já está merecendo ser honrada para sempre com a mais bela e simples palavra a que uma torcida de futebol pode aspirar: A Fiel.

Fiel na dor e na alegria, como nos casamentos, dirá um torcedor, 40 anos depois, ao ver seu time cair para a série B do Brasileirão.

Essa fidelidade seria provada em curtas, médias e longas travessias. Aliás, a primeira vem logo aí.

Mas, antes, vamos nos despedir do Neco.

TIRA A CINTA, NECO

Manoel Nunes, o Neco, jogou 17 anos no Corinthians, foi campeão em 14 e 16, tricampeão em 22, 23 e 24, tri de novo em 28, 29 e 30. Foi o quarto maior goleador do time, com 235 gols



Foto: Reprodução / Arquivo Celso Unzeite

NECO PARA SEMPRE

Além dos 17 anos em campo, uma vida inteira de amor ao Timão.

No Sul-Americano de 19, foi decisivo na conquista do primeiro grande título do futebol brasileiro

em 296 jogos, e seu maior defeito era quase uma qualidade: não gostava de perder. Cada jogo era, para ele, uma guerra.

Em campo, dava a alma. Brigava. Naquele tempo, os calções eram amarrados com um cinto de couro. Corre a lenda que Neco, quando preciso, tirava o cinto para impressionar o adversário, estimular algum companheiro relapso ou mesmo advertir o juiz. O fato é que, quando o jogo por algum motivo engrossava ou não andava, o berro da torcida era sempre o mesmo: “Tira a cinta, Neco! Tira a cinta, Neco!”

Muitos anos depois, já pai e avô, ele negava, sorrindo, esses destemperos.

E parece que tudo começou, dizem, num jogo contra o Palestra, quando Neco tirou o cinto para amarrar melhor enquanto gesticulava reclamando com o juiz. Outros garantem que ele tirou o cinto foi durante um embate com o goleiro Primo, do Palestra. Citam até a data, 5 de setembro de 1920.

De que era esquentado não há dúvidas. Em 22, agrediu o juiz por causa de um córner e foi impedido de jogar aquele campeonato até o fim do ano. Que, felizmente, só terminou em janeiro do ano seguinte e o Corinthians foi campeão. Em 1928, a cena se repete: parte pra cima de um dirigente da Portuguesa que, armado de revólver, entrara em campo para reclamar de um pênalti e também não pôde mais jogar naquele ano. Meses depois é perdoado, para delírio da torcida e discreto apoio da imprensa.

Teve a alegria de fazer coincidir sua última grande atuação com uma vitória sobre o Palestra, 3 a 0. Já tinha, então, 33 anos e, nas fotos, aparece quase como um senhor de avançada meia-idade.

Em 1930, joga poucas partidas. Numa delas, em janeiro, integra o combinado Corinthians-Palestra (quem diria) que enfrenta e vence o Tucumán da Argentina. Na preliminar, enfrentam-se os aspirantes do Palestra contra os do Corinthians e Neco, quem diria, atua como árbitro.

Seu último jogo aconteceu no dia 31 de agosto, quando o Corinthians, que já era praticamente campeão, empata com o Internacional. Larga então as chuteiras, mas não o Parque São Jorge. Cada jogo lá está ele ao lado do campo, de terno e chapéu, apoiando os companheiros, xingando o juiz.

Quando, na década de 30, boa parte do time é levada para jogar na Itália e o Corinthians enfrenta anos difíceis, Neco se torna praticamente o técnico, ajuda a remontar a equipe, sugerindo contratações inteligentes, inclusive a do grande Teleco.



Fundador, torcedor, aspirante, titular, capitão, técnico, dirigente e, novamente, torcedor, viveu todas as emoções que o futebol pode propiciar a um ser humano e foi certamente o corinthiano mais íntegro de todos os tempos e uma glória do futebol brasileiro. Em que pese seu temperamento complicado.

Morreu aos 82 anos no dia 31 de maio de 1977.

Manoel Nunes é hoje uma placa no Estádio das Laranjeiras por sua brilhante participação no Sul-Americano de 1919, nome de rua na Vila Romero, na Zona Norte de São Paulo, e um busto no Parque São Jorge que ele, misteriosamente, haverá de visitar semanas antes da morte e a poucos meses da grande redenção corinthiana de 1977.

Neco permanece uma referência eterna para os ideais do Corinthians. Diante das modernas hesitações e vacilações do clube, torcedores mais jovens podem se perder em análises as mais variadas. Já o brado dos mais antigos talvez continue o mesmo: “Tira a cinta, Neco”.



Foto: Arquivo Corinthians

A taça Washington Luiz celebra o tricampeonato de 1930. O Corinthians logo ia perder para a Itália muitos craques do timaço que tinha



7 Primeira travessia, 31/37

ELES VIRÃO, OS
ANOS DIFÍCEIS,
AS TRAVESSIAS
COMPLICADAS.
ESSA PRIMEIRA, DE
SETE ANOS, COMEÇA
COM NOSSOS CRAQUES
SENDO EXPORTADOS
PARA A SELEÇÃO DO
MUSSOLINI...

O leitor nem precisa ser muito perceptivo para notar que este livro está pontuado, aqui e ali, por tempos de claras glórias seguidas de travessias difíceis. Não seria o caso de manejar um pouco, extasiar-se nas glórias e passar correndo as travessias?

Impossível, porque desse truque o Corinthians sairia como um time qualquer. E o Corinthians não é um time qualquer. Ninguém trai impunemente seu destino e qualquer torcedor sabe que ser corinthiano é com o mesmo ânimo dispor-se ao êxtase e à agonia, a eternas idas e vindas entre o céu o inferno. Que o amor pelo Corinthians é o único isento da praga maior de todos os amores: a monotonia.

DE COMO O NOSSO FILÓ VIROU ITALIANO

Nossa primeira, difícil travessia começou em 1931, na Itália.

Nesse ano, a Lazio de Roma encasquetou de formar um belo time à custa, imaginem, do Brasil. Levou jogadores do Palestra, e até aí tudo bem; de um outro Palestra, de Belo Horizonte, que depois virou o Cruzeiro, e até de um certo Atlético Santista, que hoje nem liga mais para o futebol.

Mas os italianos não eram bobos e o estrago maior foi mesmo no Corinthians, tricampeão paulista. É bom lembrar que, nessa época, o futebol nem era ainda oficialmente profissionalizado, mas informalmente a grana corria solta.

E as liras italianas nos levaram o grande zagueiro Del Debbio, o habilidoso ponta-direita Filó, e mais De Maria e Rato lá pela ala esquerda. E quem foi, entre nós, o experiente olheiro que empresariou tal êxodo?

Um corinthiano ilustre, Amílcar Barbuy, que saíra do Corinthians meio brigado alguns anos antes. Amílcar viria a estabelecer relações com o filho de Mussolini que, por sua vez, queria que a Itália brilhasse nas Copas de 34 e 38 e por isso andou caçando *oriundi*, descendentes de italianos, pelo mundo inteiro, inclusive no bom futebol argentino.

Foto: Arquivo Corinthians





O nosso Filó, Amphiloquio Marques, nem era tão oriundo assim. Era tão italiano que seu pai foi presidente da Portuguesa, mas por conta de um Guarisi no sobrenome, dizem que materno, jogou pela Itália na Copa de 34 e viria a se tornar o primeiro brasileiro campeão do mundo, ainda que com a camisa errada.

Que ano, 1931. Neco, ídolo e alma do time, acabara de deixar o futebol depois de 17 anos de excelentes serviços prestados. Tuffy, grande goleiro, figura alegre, comunicativa, pega uma pneumonia tão de mau jeito que, poucos anos depois, vem a falecer, aos 36 anos de idade.

Existem jogadores insubstituíveis?

Talvez não, mas não é de uma hora para outra que se consegue um novo Neco, um Filó ou um Del Debbio. Ou mesmo um Cristian, um André Santos, um Douglas. Um simples William que vai pra Ucrânia em pleno campeonato pode encurtar o caminho para uma série B.

Resultado: especialmente entre os anos de 31 e 33, o Mosqueteiro andou um bom tempo de mosquete emperrado, espada sem fio e capa caída.

Chegou ao ponto de tentar evitar, em novembro de 33, um encontro com o Palestra. Seria expor sua torcida a um vexame anunciado. Mas não teve jeito, foi para o sacrifício. E que sacrifício, levou uma baita goleada de 8 a 0. Com um time, claro, bastante improvisado. O goleiro, que tinha o apelido de Onça, era, dizem, um excelente electricista. Tinha também um certo Brancácio que, dizem, era imbatível como polidor de metais. E também um tal de Chola, que só naquele dia ousou vestir a camisa do Corinthians. Levamos uma baita goleada.

A crise se alastra, o presidente Alfredo Schürig renuncia.

A torcida anda impaciente, revoltada. Ameaça invadir e incendiar a sede do clube que então ficava na Rua José Bonifácio, no Centro. Não se conforma em ver seu tricampeão despencar para um humilhante sexto lugar no campeonato de 31, um ainda insuportável quinto em 32 e um modesto quarto em 33, colocação que repete no ano seguinte, 34.

DE NECO A TELECO

As primeiras luzes nessa época trevosa vêm do único lugar onde, em futebol, elas podem vir: do campo, do talento, da bola. Da inteligência em formar ou contratar bons jogadores.





No final de 34, chega ao Parque São Jorge, vindo do Britânia do Paraná, um certo Uriel Fernandes, o Teleco. Apesar do nome bíblico, um atacante absolutamente endiabrado. Ninguém sabia como aquele mulatinho magro virava o corpo no ar e, de costas para o goleiro, acertava o canto, direitinho.

Foi o maior goleador por média de partida da história do Corinthians e do futebol brasileiro. E talvez do mundo. Que outro jogador anotou mais por partida, pergunta o pesquisador esportivo Celso Unzelte. Teleco fez 255 gols em 248 jogos. Média: 1,02 por partida. Em toda a sua luminosa carreira, Pelé não passou de 0,93 por jogo.

Ele estreou em dezembro de 34, quando substituiu o atacante Mamede num jogo contra o Vasco. Mas o mais promissor estava por vir no amistoso seguinte, contra o Palestra, vitória do Corinthians, 1 a 0. Desde 1929 o Corinthians não ganhava do seu maior rival.

Com Teleco girando no ar, De Maria voltando da Itália em 1935 (depois viriam Filó, Rato e Del Debbio), o time se acerta e começa a incomodar.

Nesse ano, chega em terceiro no campeonato e encara o Boca Juniors no Parque São Jorge, num jogo curioso. O Corinthians ganhava tranquilamente, 2 a 0, quando tem um pênalti a seu favor. Prevendo o pior, os argentinos decidem engrossar e se retiram do campo.

Mas o melhor estava por vir: goleada de 4 a 1 no Palestra em jogo válido pelo campeonato.

Mas a mais simbólica de suas vitórias nesse ano talvez tenha sido aquela contra o Vasco no Rio. O Corinthians perdia por 3 a 0. Aí, uma virada histórica e vitória de 4 a 3.

Nítido sinal de que as coisas estavam, virando! De que o Corinthians tem como nenhum time esse imitar, em campo, o perdedor da vida da batalha aqui fora. O Corinthians é como a vida.

Depois da goleada do Palestra, a bonança. A primeira travessia chegava ao fim. Outras viriam, que este parece ser o nosso alvinegro destino.

Por isso, vamos em frente, para tempos de glória.



8 Tempos de glória, o terceiro tri

**CRAQUES VOLTAM
DA ITÁLIA E TELECO,
ESSE GOLEADOR
ASSOMBROSO
AÍ AO LADO,
COMEÇA A BRILHAR,
BRILHAR.
O TIME É TRÊS VEZES
CAMPEÃO, 37,38 E 39**

Caro leitor, vem mais um tri aí, 37, 38, 39. O terceiro em 29 anos de existência – é pouco? É muito, demais. Mas vem à la Corinthians, aos trancos e relâmpagos.

Estamos falando do ano anterior, 1936, um grande ano para o Corinthians: não perdeu um jogo sequer. Entre dezembro de 1935 e março de 1937, ganhou 28 dos 31 disputados. E três empates. No Paulista, foi campeão, campeão invicto do primeiro turno, garantindo a presença na decisão.

Um ano abençoado, alvinegro de janeiro a dezembro.

Só que o campeonato foi decidido no ano seguinte, 37, entre abril e maio de 37.

E a decisão foi para uma melhor-de-três contra o Palestra, o campeão do segundo turno.

No Parque Antártica, 1 a 0 para o Palestra, gol controvertido, falta clamorosa no goleiro alvinegro. No domingo seguinte, 0 a 0 no Parque. Veio a terceira partida, 2 a 1 para o Palestra e lá se foi o título de 36.

Ê CORINTHIANS

Mas o time era bom, sabia que era bom. Lá atrás já reinava Euclides Barbosa, um negrão que tão alto pulava, e de braços abertos, que pegou o apelido de Jaú, em homenagem a um avião muito popular na época.

A linha média logo se tornaria famosa: Jango, Brandão e Munhoz, o bravo e eterno Munhoz, que havia sido tri em 28/29/30.

João Freire Filho, o Jango, era sempre o mesmo em campo, invariavelmente bom.

José Augusto Brandão, Mestre Brandão, talvez o centromédio que mais confiança inspirou na história do Corinthians. Primeiro corinthiano a participar de um Mundial, ao lado do ponta-direita Lopes, defendeu a Seleção Brasileira em 38.

Lá na frente, Teleco – e não precisa dizer mais nada, ou só repetir: a maior média de gols por partida da história do Corinthians. Como se não bastasse, de uma excursão pela Bahia, o Corinthians



Foto: Gazeta Press



Campeões do primeiro título corinthiano





do futebol profissional, em 37

Foto: Arquivo Corinthians



Da esquerda para a direita: José I, Jaú, Brandão, Teleco, Munhoz, Carlito, Carlos, Jango, Daniel, Carlinhos e Filó; agachado: José II





Foto: Gazeta Press

Uriel Fernandes, o grande Teleco, jogou no Corinthians de 34 a 44 e alcançou a espantosa média de 1,02 gol por partida, uma das mais altas da história do futebol

trouxe Servílio, Servílio de Jesus, armador preciso e sutil, também chamado de Bailarino pela leveza com que se movia em campo. Um avião lá atrás, uma linha média regida por Mestre Bandão, na frente um artilheiro nato, Teleco, e um bailarino eficiente, Servílio, e estava aberto o caminho do tri.

Que venha o Palestra.

É COM O PÉ, É COM A MÃO...

E o Palestra veio, no fim daquele ano mesmo.

Em novembro, na antepenúltima rodada, o título do Paulista estava praticamente sendo decidido no Parque Antártica, com Corinthians e Palestra frente a frente outra vez.

Um Corinthians renovado, confiante, mas uma contusão ameaçava tirar Teleco de um jogo que já parava a cidade: era, todos sabiam, uma decisão.

Quando soube que iria substituir Teleco, dizem que o reserva Zuza praticamente desmaiou.

Resultado: Teleco em campo, contundido e tudo.

O fato é que, aos 20 minutos, ele, Teleco, de cabeça, 1 a 0. Corinthians campeão.

Bem, aí foi só enfrentar o Juventus, ganhar de um certo Estudantes, mas as faixas já estavam moralmente no peito aquela tarde contra o Palestra.

E aí, por mais dois anos, não teve para mais ninguém.

Só que, por causa da Copa, o título de 38 terminou sendo decidido em abril de 39 e o jogo decisivo foi entre Corinthians e um nascente e já bem estruturado São Paulo. O definitivo, o de hoje, que antes houve um São Paulo chamado da Floresta, campeão, aliás, de 1931.

O jogo estava marcado para 23 de abril no Parque São Jorge. Mau prognóstico: o Corinthians, invicto, vinha liderando o campeonato e um empate bastava. E quando o Corinthians vem vindo fácil trata-se, não raro, de uma armadilha dos deuses. Isso todo corinthiano sabe. Só que, dessa vez, os deuses entraram em campo pelo menos duas vezes.

A primeira, estranhamente, foi durante o primeiro jogo, naquele 23 de abril de 39, em pleno Parque São Jorge. Logo de saída, gol do São Paulo e, a seguir, os céus se desmancharam sobre o campo numa chuva bíblica e o jogo teve de ser interrompido.

Na terça, jogou-se o que faltava do primeiro tempo, 24 minu-



tos, e mais todo o segundo tempo. O Corinthians vai pra cima com tudo, mas o jogo caminha para o fim, e nada.

Outra vez a mão dos deuses, ou sabe-se lá. O fato é que o meia-esquerda Carlito escora um cruzamento com a cabeça, ou com a mão, ele nunca soube, e o juiz dá gol e aguentou firme a pressão do São Paulo. Saiu ali o empate do título.

Consta que corinthianos menos responsáveis saíram do estádio cantando: “Com o pé, com mão, o Corinthians é campeão!”

39, CAMPANHA IMPECÁVEL

O tri paulista de 1939 foi festejado no dia 31 de dezembro com um 4 a 1 sobre o Santos, no Parque São Jorge. Foi uma campanha impecável. Farta de gols: o time fez 57 e só sofreu 13. Desses gols, nada menos que 32 foram desse endiabrado Teleco, artilheiro do Paulista pela quarta vez nos últimos cinco anos.

Foram tempos de glória.

O Corinthians chegava ao seu terceiro tri, coisa que clube nenhum conquistara em São Paulo, nem conquistou até hoje. Que nos desculpem o Santos de Pelé, o Palmeiras de Ademar da Guia e o São Paulo de Raí.

Glória, pois, aos grandes heróis dessa época. Já falamos de Jaú, Brandão, Teleco, mas também havia Lopes, ponta-direita da Seleção Brasileira, e um jeitoso ponta-esquerda, Carlinhos.

E depois, para mais um título paulista, este de 1941, vieram o goleiro Ciro Portieri, mais Agostinho e o mineiro Chico Preto, beques de lei, e ainda Joane e Milani, goleadores de respeito.

Na linha média, Munhoz era substituído pelo grande Dino, também chamado de Pavão, não pela vaidade, mas pela altivez e elegância com que se movia em campo. Lá na frente, Teleco, mais uma vez o artilheiro do campeonato, continuava aprontando.

O Corinthians teve também, nessa época, um grande presidente: o ex-garçom espanhol Manoel Correcher, que dava a vida pelo Corinthians, e que costumava dizer em espanhol o que em bom português fica assim: “Certo ou errado, o Corinthians tem sempre razão”. Em sua gestão, de 35 a 41, levou o time do caos à glória e foi um dos maiores presidentes do clube.

Para cumular, dois grandes técnicos, Neco e Del Debbio, que sabiam tudo de bola e eram, acima de tudo, corinthianos.

Nunca o Corinthians foi tão vitorioso, nem tão de coração montado e administrado.



Foto: Arquivo Corinthians

Troféu comemorativo do tricampeonato de 1930 e que bem expressa um ataque que voava em campo – Filó, Rato, De Maria...



9 Segunda travessia, 41/51

OLHA ELES OUTRA
VEZ AÍ, OS ANOS
DIFÍCEIS. O TIME NEM
É RUIM, VIVE
QUASE CHEGANDO
LÁ, GANHA ATÉ UMA
ESPÉCIE DE
RIO-SÃO PAULO. MAS
TÍTULO CASEIRO, QUE
É BOM, NADA.

Se esta fosse uma história sagrada, e de certa forma é, este capítulo deveria assim começar: Leitura da Segunda Travessia do Corinthians, 1941-1951.

Sim, porque, como anunciamos, vem aí mais um destes períodos de deserto, como que nos preparando para o maior deles, no qual por enquanto nem é bom pensar.

Mesmo porque esta média travessia, de 41 a 51, foi, de certa forma, a mais divertida de todas. Campeão paulista o Corinthians não foi, mas, de resto, não houve o que não fosse.

Campeão da Quinela de Ouro em 42, por exemplo.

Nesse ano, as cinco melhores equipes do país disputaram uma taça que levava o pomposo nome de Quinela de Ouro, um ensaio para o futuro Rio-São Paulo. Os jogos foram no recém-inaugurado Pacaembu. De São Paulo, o trio de ferro; do Rio, vieram o Flamengo e o Fluminense

Depois de dois empates e uma vitória, em março o Corinthians vai para a decisão com o Palestra: 4 a 1, fácil. O campeão dos campeões...

SEM TÍTULOS, MAS AZARANDO

Nos campeonatos de 42 e 43 o Corinthians se deu ao luxo de ser bvice-campeão. Dele foi, nesses dois anos, o artilheiro: Milani em 42, com 24 gols, e Hércules em 43, com 19.

Teve mais, nesses dois anos. Ganhou duas vezes a Taça São Paulo, um torneio disputado entre os três primeiros colocados do Paulista do ano anterior. O campeão dos campeões...

E ainda: na primeira vez, ganhou a Taça justo em cima do Palestra, goleada de 4 a 2. Na segunda, outra vitória sobre o rival favorito, agora por 3 a 1. Com um detalhe: o Palestra agora já se chamava Palmeiras. Que nesse ano, 42, estava para ser campeão invicto quando, no último jogo, tinha que enfrentar o Corinthians. Perdeu de novo, 3 a 1 de novo. Invicto pra cima de nós?

Em 1944, vamos reconhecer, só ganhamos o Torneio Início e em 45 fomos, outra vez, vices, e o único time para o qual o



Foto: Arquivo Corinthians





campeão São Paulo perdeu. Perdeu por 2 a 1, escapou de goleada, pois este jogo ficou famoso pelas cinco bolas na trave que o Corinthians mandou. Uma quinela do azar.

Mas olha como as coisas se formam.

Nesse ano, 45, não só o artilheiro foi nosso, Servílio, 17 gols, como começam a pintar no time nomes devastadores como Cláudio, Baltazar...

Que década, essa de 40. Brilhante e azarada.

Dos 20 jogos disputados no campeonato de 46, o Corinthians ganha 18 e Servílio é de novo o artilheiro, faz 19. Não empata nenhuma, mas perde para o São Paulo.

O ano de 1947 foi particularmente maluquinho.

De cara, o Corinthians ganha de novo a Taça Cidade de São Paulo. Começa tomando 5 a 0 da Portuguesa e logo faz 5 a 1 no já posudo São Paulo de Leônidas.

No Paulista, ainda em 47, o time é vice pela quinta vez em seis anos e faz de novo o artilheiro, Servílio. Maior alegria: tirar de novo a invencibilidade do campeão, Palmeiras. 2 a 0.

BALTAZAR BRILHA, LUIZINHO ENSAIA

As poucas alegrias no Paulista de 48 (quarto lugar) e 49 (quinto) foram compensadas com duas importantes vitórias internacionais. O Corinthians ganha do já poderoso River Plate da Argentina por 2 a 1 e vence também outro visitante ilustre, o Torino da Itália. Diga-se, só o Corinthians conseguiu vencer o grande campeão italiano.

A nota triste: no ano seguinte, 1949, esse magnífico time do Torino, base da Seleção Italiana, é dizimado num desastre aéreo. O avião em que viajavam os jogadores bate na torre da catedral de Superga e todos morrem. Em homenagem a eles, o Corinthians jogaria com camisas grenás um amistoso no Pacaembu contra a Portuguesa.

No fim de 1949, mais uma compensação ilustre foi a excelente participação no Torneio Rio São Paulo, que nesse ano voltava em grande estilo. Começou mal, 6 a 2 para o Flamengo. Azar do São Paulo no jogo seguinte, 4 a 1 para o Corinthians, com um detalhe histórico: foi o começo da consagração de Baltazar, que fez três nessa goleada.

O Torneio entra 1950 adentro e o Corinthians firme, picado. Passa pelo Palmeiras, 3 a 2, e encara um Vasco que tinha a base



da Seleção Brasileira da Copa de 50. Começa perdendo e vira gloriosamente, 2 a 1. O gol da vitória foi feito por Baltazar, de cabeça, inspirando o famoso samba, da autoria de Alfredo Borba, que a torcida passaria a repetir extasiada: “Gol de Baltazar, salta o Cabecinha, 1 a 0 no placar”.

Depois foi a vez do Fluminense, 3 a 1. Depois a Portuguesa, 5 a 3. O título veio em casa com o empate, 1 a 1, contra o Botafogo.

Campeão dos campeões e mal em casa – como pode? Já eram oito anos sem o título estadual.

O pior é que o time era bom. Faltavam alguns ajustes e eles começaram sob a regência de José Castelli, o Rato, um grande técnico e um saudoso ídolo dos anos 20.

Já no time de aspirantes um moleque atrevido, Luizinho, andava arrasando tanto nos treinos quanto nas preliminares. A torcida chegava mais cedo só para vê-lo jogar... Em dezembro de 48, durante um amistoso em Lorena, o Pequeno Polegar faz sua estreia no time principal.

Logo viriam o goleiro Cabeção, o lateral Idário e o centromédio Roberto Belangero.

O time parecia tão cioso da sua nova era que perder o título de 50 nem pesou tanto. Como que se guardando para o que viria.

Foto: Arquivo Corinthians



O ENIGMA DA BOLA QUADRADA

Criada na década de 30, o sentido desta bola quadrada permanece um mistério no Memorial do Corinthians. Alguma brincadeira com a Portuguesa? Bem, aqui está ela ilustrando este capítulo sobre uma década sem grandes títulos. Tempos de bola quadrada...



10 Os anos dourados e seus craques imortais

O TIME DOBRA OS ANOS 50 ARRASANDO, AQUI E LÁ FORA. TAMBÉM, COM CRAQUES COMO ESTE LUIZINHO AÍ AO LADO, JÁ NO FIM DOS SEUS DIAS DE GLÓRIAS, MAS QUE GLÓRIAS

Quando um bom time se forma e a diretoria não é obrigada a deportar parte dele para a Ucrânia ou a Turquia, aí não tem quem segure.

No início dos anos 50 ninguém segurava o Corinthians. Deu um time cantado em prosa, verso e no samba de Alfredo Borba.

E olha que ainda falta gente boa nesse samba. Cabeção, Rafael e Nelsinho. E podiam ser incluídos também um grande e apaixonado presidente de charuto mágico e fala candente, Alfredo Ignácio Trindade, e um técnico de faro fino, José Castelli, o Rato, aquele que, como jogador, era considerado o rei do drible dos times tricampeões de 22/23/24 e 28/29/30.

Todos somados fizeram o Corinthians merecer o apelido de Gualicho, um cavalo da época, famoso por não perder corrida.

Esse Corinthians quase não perdia.

Mesmo perdendo o Rio-São Paulo de 51, vai atrás do título paulista, que desde 41 perseguia. Aí foi campeão, e de forma espetacular. Goleada atrás de goleada, 9 a 2 no Comercial, 7 a 1 no Jabaquara, 4 a 0 e 4 a 1 no São Paulo, 4 a 1 no Santos. No começo, bem que o Palmeiras e a Portuguesa ainda tentaram seguir de perto esse Corinthians Gualicho, mas terminaram comendo poeira. Com uma goleada sobre o Guarani, 4 a 0 já no início de 52, o Timão liquida a fatura na antepenúltima rodada. Com 46 pontos, não tinha pra mais ninguém.

Que grande ano, 1951. O ano do lendário ataque dos 103 gols em 28 partidas, média 3,67 por jogo, única no Paulista e na história do futebol profissional até ali. Nosso, claro, foi o artilheiro do ano, Carbone, meia-esquerda.

Mas o ataque todo era fantástico.

Pela direita, Cláudio e Luizinho. Cláudio, de chutes mortais e passes precisos, o maior artilheiro da história do Corinthians, 305 gols em 549 jogos. Luizinho, 1,64 metro de altura, o Pequeno Polegar, moleque driblador, alegria do povo.

Ali pelo meio, Baltazar, Cabecinha de Ouro, dos seus 267 gols em 402 jogos pelo Corinthians, pelo menos 70 foram de cabeça.

Na ponta-esquerda, o misterioso carioca Mário, que fazia o



Foto: Arquivo Agência Estado



que queria com a bola e com os adversários, menos chutar para dentro do gol, o que devia considerar uma vulgaridade, porque deixava pra lá, para os outros. Para se ter uma idéia: dos 103 gols marcados, Carbone fez 30, Baltazar fez 25, Cláudio fez 18, Luizinho fez 13 e esse bom e desapegado Mário só fez um... Não era disso. Nem precisava.

Na defesa, Gilmar dos Santos Neves, saudado em um cartaz da torcida como “o supremo guardião do campeão dos campeões”. Entre os beques, o mineiro Murilo Silva, clássico, e o vigoroso e raçudo Julião. Depois, na linha média, vinha Idário Sanchez Peinado, símbolo eterno da garra corinthiana, mais o gaúcho Touguinha, guerreiro e habilidoso, e o eficiente Lorena.

Todos mereceriam estar no samba de Alfredo Borba.

*“Gol de Baltazar, gol de Baltazar,
salta o Cabecinha, 1 a 0 no placar.
O Mosqueteiro ninguém pode derrotar,
Carbone é o artilheiro espetacular,
Cláudio, Luizinho e Mário,
Julião, Roberto, Idário,
Homero, Olavo e Gilmar
são os 11 craques que São Paulo vai
consagrar.”*

Música e letra de Alfredo Borba

SHOW NO URUGUAI, TURQUIA, SUÉCIA...

Pois esse Corinthians criou asas e voou. Em 1951 vai participar, em Montevideu, de um quadrangular que reunia o Peñarol, um combinado uruguaio e o nosso Bangu. Os uruguaio estavam festejando o primeiro aniversário da vitória na Copa de 50.

Em seu primeiro jogo no exterior, o Corinthians chega e esraçalha em pleno Estádio Centenário: 4 a 1 num combinado uruguaio. Que não era, aliás, um time qualquer. Tinha quatro campeões mundiais, Rodriguez Andrade, Hector Vilches, Mathias Gonzalez e Ruben Morán. O Corinthians nem aí, 4 a 1. Dois de Baltazar, um do Luizinho e um do Nelsinho.

Só então cai a ficha dos uruguaio. Catimbeiros, exigem que a decisão entre Peñarol e Corinthians fosse apitada por um juiz uruguaio, Esteban Marino. O Timão sugere um juiz neutro, argentino, por exemplo. Os uruguaio ficam o pé e o Corinthians fez o que tinha de fazer, veio embora.

Volta para ser o bicampeão paulista de 52. Com a entrada de Gilmar no gol e Roberto Belangero, o Professor, um dos mais técnicos centromédios (hoje volante) da história do futebol brasileiro, afinando o meio-campo, mais Homero e Olavo garantindo a defesa, o que já era bom ficou melhor.

Assim reforçado, o time voa mais alto. Faz, pela Europa, um giro inacreditável: 15 partidas invictas. A única derrota foi para o Besiktas, da Turquia, por 1 a 0, no jogo de estreia. Também, dizem que desceu do avião e entrou em campo.

O mais foi uma festa.

GOLEIROS COM ASAS

*Na virada dos anos 50,
o time inteiro voa. Nada nelhor
para homenageá-lo do que
estes dois grandes goleiros
voadores, Cabeção e Gilmar*



Fotos: Gazeta Press





Só para não deixar má impressão na Turquia, fez 6 a 1 no Fenerbahçe, 1 a 0 no Galatasaray, empatou com a Seleção Turca, venceu a de Ankara, venceu também a Seleção B da Turquia, venceu o segundo jogo contra a Seleção A e se despediu com 4 a 2 no Galatasaray.

Na Suécia, o espetáculo continua. Empata, 3 a 3, contra o AIK e ganha do Djurgardens, 3 a 2, empatou com um combinado de Copenhague, ganha do Malmoe, 2 a 1, enfia 9 a 3 na Seleção de Gotemburgo – já preparando o 58?

Na inauguração do Estádio Olímpico de Helsinque, na Finlândia, 5 a 1 contra a seleção olímpica do país.

Na Suécia outra vez, goleia alto o Combinado de Gävle, 6 a 0, e o de Halmstads/Hamília, 10 a 1.

A imprensa da época brinda o time com a “Faixa Ouro do Futebol Brasileiro”.

BATALHA NO MARACANÃ

O Corinthians está com tudo. É convidado para ser um dos representantes do Brasil na segunda edição da Copa Rio, uma espécie de Mundial de Clubes disputado no Pacaembu e no Maracanã. E começa triturando, 6 a 1 no vice-campeão alemão, Saarbrücken, 6 a 0 no Libertad, campeão paraguaio. Vai às semifinais ao vencer por 2 a 1 o temido Áustria Viena.

O jogo seguinte, contra o Peñarol, se transforma num pesadelo. Ou os uruguaios ainda não haviam esquecido os 4 a 1 em Montevideu ou o Peñarol era mesmo um time violento.

Foi uma batalha, com três corinthianos gravemente feridos. Roberto Belangero teve um dedo do pé quebrado, Baltazar, o molar fraturado e Murilo nunca mais se recuperou completamente de uma fratura na perna. Ghiggia, o carrasco do Brasil na final da Copa de 50, fez 1 a 0, mas no fim deu Corinthians de virada. 2 a 1, dois de Cláudio. Como da vez do baile em Montevideu, os uruguaios não querem saber da partida de volta e o Corinthians se classifica para a decisão contra o Fluminense de Didi e Telê Santana.

Os dois jogos são marcados no Maracanã. Desfalcado, exausto, o Corinthians perde o primeiro, 2 a 0, e empatou o segundo num jogo duríssimo, 2 a 2.. É vice, um respeitado vice.

No segundo semestre, mais duas alegrias para a torcida.

O time fica para sempre com a Taça São Paulo, conquistada



que já fora em 42, 43, 47 e 48. O melhor dessa conquista foi um 5 a 1 contra o Palmeiras na decisão.

O Campeonato Paulista de 52 é decidido no começo de 1953. O Corinthians ganha o título com uma rodada de antecipação. Antes um pouco, e o melhor de tudo, um 6 a 4 contra o Palmeiras.

SHOW EM CARACAS

Em 1953, São Paulo inteira se preparava para celebrar seu quarto centenário no ano seguinte. O clima já era de euforia.

O Corinthians não vence o Paulista, mas ganha pela segunda vez o já prestigioso Torneio Rio-São Paulo. Em agosto vai até a Venezuela disputar a cobiçada Pequena Taça do Mundo, valorizada pela presença de times como Barcelona e Roma, mais a Seleção de Caracas.

O Timão nem aí: 1 a 0 na Roma, 3 a 2 no Barcelona e 2 a 1 na Seleção de Caracas, vence tranquilamente todos os jogos. Parece que um segundo turno não estava previsto, mas o Corinthians deixou todo mundo mordido e teve de repetir a dose, só mudando um pouco o placar para não ficar chato: 1 a 0 no Barça, 2 a 0 na Seleção de Caracas e 3 a 1 na Roma, cujo ponta-direita era o temível Ghiggia da Seleção Uruguaia de 50.

Tá bom assim, posso voltar pra casa?

Voltou com muita festa no aeroporto de Congonhas. Parece que todo mundo já sabia de cor o novo hino do time, composto dois anos antes por Lauro D'Ávila. A multidão inteira cantava: “Salve o Corinthians, o campeão dos campeões”.

APOTEOSE NO PACAEMBU

O ano, enfim, do Quarto Centenário, 1954, começa com a conquista do bi no Torneio Rio-São Paulo, com vitória sobre o Palmeiras e tudo.

Mas o sonho mesmo era ser o Campeão do Quarto Centenário de São Paulo, como já fora nos cem anos da Independência, em 1922. Um campeão literalmente histórico.

E tudo caminhava para isso. Sob o comando do carismático Oswaldo Brandão, o Corinthians vai ganhando todas. Mas, diz o Senhor, “meus caminhos não são os vossos”. Os do Corinthians também não. Mesmo com aquele timaço, tinha que haver um toque corinthiano de sofrimento na sonhada conquista.



Time-base desta era de grandes títulos

Em pé: Cabeção, Idário, Goiano, Homero, Olavo e Roberto; agachados: Cláudio, Luizinho, Carbone, Souza e Baltazar





e conquistas no Brasil e fora dele

Foto: Arquivo Corinthians





E ele veio.

Quando só bastava vencer o Santos na Vila para ser campeão, o time perde, e por 4 a 1.

Agora, na penúltima rodada, o Corinthians só precisava de um empate contra o Palmeiras e “por 100 anos serás o campeão”, como já tinha até uma música celebrando.

Pacaembu, 6 de fevereiro de 1955, decisão do Campeonato Paulista de 1954 e do título de Campeão do Quarto Centenário.

O Palmeiras entra em campo de azul. Ordem, dizem, de um pai-de-santo.

Logo aos 10 minutos, Cláudio centra, o baixinho Luizinho pula entre os gigantes do Palmeiras e Pedro Luiz, no microfone da Rádio Panamericana, berra: “Gool!!! Esplêndida cabeçada do mignon avante alvinegro!!!”

Corinthians 1 a 0.

Segundo tempo duríssimo, o Palmeiras empata e, a favor do vento, ataca sem parar. Gilmar faz milagres, inclusive num chute à queima-roupa de Humberto, o artilheiro daquele histórico campeonato paulista.

Até que o juiz apita e um Pedro Luiz em chamás anuncia no microfone da rádio Panamericana o campeão do IV Centenário, um título válido, segundo alguns corinthianos, por 100 anos!

Mas o Corinthians é o Corinthians.

Tempos difíceis se anunciam. Então, caro leitor, enquanto é tempo vamos curtir mais um pouco estes momentos reconfortantes, interromper nossa história para celebrar pelo menos quatro heróis destes tempos de glória.

Em 2008, o jornalista, escritor e pesquisador esportivo Celso Unzelte convidou 10 renomados jornalistas esportivos para eleger os dez maiores jogadores da história do Corinthians. A partir dessa enquete, Celso publicou o livro *Os Dez Mais do Corinthians*, onde traça um rico perfil dos eleitos. Dentre eles, quatro, quase a metade, integrou o time de ouro da primeira década dos anos 50 – Luizinho, Cláudio, Baltazar e Gilmar.

É justo que se faça aqui uma breve memória desses ídolos.

EL CHIQUITITO NÚMERO OCHO

Vejam que história mais bonita e corinthiana a desse Luiz Trochillo, o Luizinho. Moleque da Zona Leste, desde os 10 anos vivia ali pelo Parque São Jorge soltando pipa e fascinado por dois cra-

“...e termina a partida, consagrando o Corinthians campeão paulista de futebol do Quarto Centenário... Festa máxima, apoteose no Estádio Municipal do Pacaembu. Já algumas centenas de representantes da maior torcida paulista invadindo o gramado, quase que sufocando todos os seus jogadores. E assim vibra a família alvinegra, que foi o jogador número 12 do certame do centenário número quatro. Ganhando com o Corinthians, ganhando pelo Corinthians, ganhando para o Corinthians o campeonato mais expressivo dos últimos anos de contenda do futebol paulista”.



caços do time, Teleco e Servílio. Bom de bola, fez carreira completa no time: infantil, juvenil, amador e aspirante. No dia 16 de abril de 1949 vive a emoção de substituir seu ídolo Servílio num jogo contra o Santos na Vila Belmiro. Uma semana depois está jogando ao lado de Servílio num jogo contra o Noroeste. Em novembro começa um jogo como titular em pleno Pacaembu.

É o começo de uma carreira gloriosa. Campeão paulista de 51, depois de um jejum de dez anos; campeão de 52 com um histórico gol de letra num jogo contra o Palmeiras; artilheiro da Pequena Copa do Mundo da Venezuela em 53 e autor do gol que fez do Corinthians o Campeão do Quarto Centenário.

Numa das suas últimas visitas ao Pacaembu, Luizinho apontou para as arquibancas vazias e disse com orgulho: “Puxa, eu levantava tudo isso aqui”.

Era pura verdade e muita gente se lembra. Quando a bola chegava aos seus pés, a torcida fazia um silêncio cúmplice, maroto. No primeiro drible, entoava “Êêêêê!!!” O segundo e mais um êeeee! No embalo da torcida, ele às vezes exagerava. Tinha o seu lado Garrincha. Dizem que um dia ousou sentar na bola diante do centromédio argentino Luiz Villa, do Palmeiras. Ele negava sorrindo, “devo ter escorregado”...

Foi várias vezes convocado para as seleções paulista e brasileira. Quando, em 1956, a Seleção Brasileira venceu a Argentina em Montevideu pelo Sul-Americano Extra, após dez anos que os dois países, brigados, ficaram sem se enfrentar, ele não só fez o gol da vitória como mereceu do jornal *El Clarín* a seguinte manchete: “El chiquitito número ocho nos destrozó”.

Apesar de toda a sua brilhante performance em jogos difíceis fora do país, Uruguai, Venezuela, não teve seu nome lembrado para a Copa de 54, na Suíça.

Foi o primeiro jogador brasileiro a dizer um palavrão ao vivo pela televisão. Por ocasião de um jogo contra o Santos pelo Rio-São Paulo, no dia 25 de abril de 1955, disse ao microfone do repórter Silvio Luiz, da TV Record, referindo-se ao juiz que o expulsara: “Foi tudo culpa daquele filho duma puta!” O desabafo virou até debate na Câmara de Vereadores...

Entre os anos de 65 e 67, Luizinho chegou a jogar algumas vezes ao lado de Rivellino. Fez sua última partida pelo Corinthians no dia 21 de setembro de 1967, contra o Bragantino. Mais tarde foi técnico das categorias infantil e juvenil. No dia 11 de julho de 1994 foi homenageado com um busto nos jardins do



Foto: Arquivo Corinthians

Taça do Campeonato Paulista de 1954, ano do IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo



Fotos: Gazeta Press

Eis como a Gazeta Esportiva celebrou a conquista do título do IV Centenário contra a o Palmeiras. O baixinho Luizinho fez 1 a 0, de cabeça, logo aos 10 minutos de jogo

Parque São Jorge. No dia 25 de janeiro de 1996, entrou brevemente em campo no jogo de estreia de Edmundo contra o Coritiba no Pacaembu. Cada vez que tocava na bola a torcida gritava emocionada o seu nome. A Fiel bem tinha plena consciência de que estava aplaudindo uma lenda viva.

Luiz Trochillo morreu de parada respiratória no dia 17 de janeiro de 1998. Foi o segundo jogador que mais vestiu a camisa do Corinthians, 603 vezes, depois de Vladimir, 805. Numa das suas últimas entrevistas, contou que, na noite redentora de 13 de outubro de 1977, ele estava lá, no Morumbi, anônimo no meio da torcida, “e que aquilo foi de arrepiar”.

CLÁUDIO, O REGENTE

Cláudio Christóvam de Pinho, maior artilheiro da história corinthiana, 305 gols em 549 jogos. Baixinho, 1,62 de altura, 60 quilos. Apelido: Gerente. Talvez porque usasse pastinha, era contador e despachante marítimo. Talvez porque fosse um líder em campo, um regente, mais do que um gerente. Foi bi no Paulista, bi no Rio-São Paulo, campeão do Centenário - dos seus pés saiu o cruzamento para o gol do título.

Curioso que na sua estreia no time, dia 7 de maio de 1945, nosso maior goleador não marcou nenhum num jogo contra o São Paulo que terminou 4 a 4. Vai ver que para fazer seu primeiro gol dias depois, e em grande estilo: contra o Palmeiras e contra o lendário Oberdan Catani. Baixinho danado.

Na Seleção Brasileira jogou menos do que merecia. Quando, na Copa de 50, estava no auge da sua forma, foi preterido por um certo Alfredo II. No ano anterior, ajudou o Brasil a ser campeão sul-americano e nos anos seguintes venceria duas vezes, e com muito brilho, os uruguaios de um combinado e depois do Peñarol. O que não poderia ter feito naquela trágica tarde no Maracanã? Certamente mais do que Alfredo II faria.

Era perito em bola parada. Mais que gerente, um contador: corria, batia – e caixa! Em 1955, na decisão do Torneio Internacional Charles Miller, com tanta arte e malícia cobrou uma falta que o goleiro do Benfica, Costa Pereira, comentou estarecido: “Ué, mas foi de curvita?” Em tradução aproximada.

O jornalista Juca Kfourri conta que só passou a comer agrião quando seu pai explicou que Cláudio só era o que era porque – comia agrião! Mais ou menos como Popeye com o espinafre.



Cláudio Christóvam de Pinho faleceu no dia 1º de maio de 2000 e seu busto está hoje no Parque São Jorge.

GILMAR, DRAMA E REDENÇÃO

Gilmar dos Santos Neves veio do Jabaquara de Santos como contrapeso de uma negociação envolvendo um certo Ciciá, que no Corinthians não deu certo.

Gilmar deu tão certo que ficou 10 anos no time, de 51 a 61. Logo no primeiro ano no Parque, vive um drama. O Corinthians perde por 7 a 3 da Portuguesa e Gilmar é acusado de corpo mole no desastre e dá lugar a outro bom goleiro, Cabeção.

No ano seguinte, Cabeção é convocado para a Seleção Brasileira, Gilmar viaja com o Corinthians na brilhante excursão pela Europa – e arrasa. Em 54 garante a vitória corinthiana num duríssimo 1 a 0 justo contra a Portuguesa; em 55, na histórica decisão contra o Palmeiras, pegou tudo. Em 58, na Suécia, só foi tomar gol no quinto jogo, contra a França. Em 62, no Chile, foi bi mundial com o Brasil.

Quando, em 1990, o Corinthians foi campeão brasileiro pela primeira vez, Gilmar recebeu as faixas ao lado de Idário e Carbone. Dono de uma concessionária de automóveis, sofreu um sério acidente cerebral-vascular em 2000.

Por ocasião do centenário da FIFA, em 2004, foi eleito um dos cem melhores jogadores de todos os tempos. Sobre o Corinthians, declarou um dia para a *Manchete Esportiva*: “Esse time é uma religião”.

BALTAZAR, GLÓRIA E CREPUSCULO

Ficou famoso como Baltazar, mas, na verdade, se chamava Oswaldo, Oswaldo Silva. Baltazar era o irmão. O pai, funcionário do Porto de Santos, proibia os meninos de jogar na rua. Oswaldo dava um jeito e chegava avisando: “Vim jogar por mim e pelo Baltazar”. E Baltazar ficou.

Como Cláudio, jogou 12 anos no Corinthians, de 1945 a 1957. Sua arte para gols de cabeça, 71 dos 267 que fez, se deve à impulsão fatal, à boa colocação e à clara percepção de onde o goleiro não estava, que alto não era – 1,75 metro.

Em seu livro *Corinthians, minha vida, minha história, meu amor*, André Martinez conta uma história deliciosa. Em meados



Foto: Arquivo Corinthians

Esta bola da vitória sobre o São Paulo lembra um jogo festivo: o Corinthians já era campeão do IV Centenário





Cláudio, Luizinho, Baltazar, Carbone e





Mário, o fabuloso ataque dos 103 gols!



Foto: Romulo Fialdini - Memorial Corinthians





Foto: Arquivo Corinthians

O maior goleador corinthiano de todos os tempos, 305 em 549 jogos, Cláudio Christóvam de Pinho jogou no Timão de 1945 a 1957. Com apenas 1,62 m de altura, foi um destes nossos baixinhos geniais

de 50, durante um comício na Praça da República, um candidato ao governo paulista em altos brados proclama que São Paulo precisa de um homem de cabeça para governar o estado. Foi mal ele falar, a multidão repete uníssonamente: “Baltazar! Baltazar! Baltazar!”

Ele adorava carrões e, quando teve seu Cadillac incendiado, logo ganhou um Studebaker num concurso de jogador mais querido do Brasil. E ele não era de confraternizar muito com a torcida.

Várias vezes convocado, guardou mágoas do “ambiente de máfia” que, segundo ele, reinava na Seleção. Na Copa de 50, fez dois jogos, um no Maracanã, 4 a 0 contra o México, e outro no Pacaembu, 2 a 2 contra a Suíça. Em 54, na Copa da Suíça, foi tirado do time a partir das quartas de final. O médico alegou que ele estaria com um “caroço na perna”... Além de mentira, uma injustiça: durante as eliminatórias para aquela Copa, Baltazar fora o autor de 90% dos gols do Brasil.

No Corinthians, encerrou discretamente sua carreira com um gol contra num jogo com o Santos, em 57. Envelheceu amargo com o futebol, a falta de recursos e a saúde abalada. Morreu aos 71 anos, de pneumonia, no dia 25 de março de 1997. Um dia declarou que, apesar de todas as decepções, “aprendi a amar o Corinthians com todas as minhas forças”.

Baltazar, como Cláudio, era de Santos.

Santos, o time, muitas frustrações haveria de causar ao Corinthians. Mas a Santos, a cidade, o time muito deve sua era dourada dos anos 50. De Santos vieram Gilmar, Cláudio e Baltazar. Cláudio e Baltazar costumavam, aliás, jogar vôlei na praia do Embaré. Cláudio, baixinho, levantava e Baltazar, mais alto, cortava. Exatamente como faziam no Corinthians.

O DESERTO, PRIMEIROS PASSOS

Ao fim desses tempos de glória, qualquer leitor minimamente corinthiano (se é que isso é possível) já sabe que vem aí um longo período de deserto, a mais dolorosa e interminável das travessias.

Mas é justo que ele se faça algumas perguntas. Como uma era dourada dá lugar a uma de chumbo? Como pode um grande time se desmanchar no ar, assim tão de repente?

Não foi de repente. Foi, como tudo na vida, um processo.

Em 1955, quase foi bi. Na penúltima rodada, virou um jogo de 0 a 2 para 3 a 2 contra o Santos, na Vila, e terminou o campeonato apenas um ponto atrás desse mesmo Santos.



Em 1956, ainda cravejado de craques, o Corinthians até que começa bem o ano, faturando o Torneio de Classificação para a fase decisiva do Campeonato Paulista. Foi bem até as últimas rodadas e chega a merecer a Taça do Invictos, criada pela *Gazeta Esportiva* para o time que ficasse 25 jogos sem derrotas.

O Corinthians fica com ela pela primeira vez e tudo caminha bem até que, nas últimas rodadas, é ultrapassado pelo São Paulo e pelo Santos. No jogo decisivo, Gilmar chegou a defender um pênalti. Não adiantou. O time fica em terceiro.

Depois da era de ouro, começa a do quase.

Em 57, outra vez o Corinthians quase chega lá. Mesmo sem Baltazar, ainda tem um bom time, Gilmar, Oreco, Cláudio, Luizinho, Rafael. Fica 35 jogos sem perder nenhum, ganha de novo a Taça dos Invictos, dessa vez em definitivo, para sempre, até hoje lá está ela no Memorial do Parque São Jorge.

A duas rodadas do fim do campeonato, precisa ganhar do Santos e perde, 1 a 0. Mesmo assim, para ser campeão, basta vencer o São Paulo, mas perde, 3 a 1. Termina em terceiro outra vez.

Em 58, terceiro de novo. Um ano vibrante para o Brasil, campeão do mundo com os corinthianos Gilmar como titular e Oreco na reserva de Nílton Santos, um ano triste para um Corinthians já em adiantado estado de fim de festa.

Luizinho, Idário, Olavo começam a envelhecer sobre suas próprias glórias. Mas ainda conseguem vencer o Santos de Pelé pelo Rio-São Paulo, 2 a 1; no Estadual, perdem para o Palmeiras, o que há 7 anos não acontecia em jogos pelo Campeonato Paulista. O time fica em terceiro pela quarta vez seguida.

A série de fracassos decreta, em 1959, a queda do presidente Alfredo Ignácio Trindade, sobe Vicente Matheus, mas nada de título. Pior: o Corinthians fica em quinto.

No ano seguinte, 1960, Vicente Matheus tenta comandar uma reação, que ninguém aguenta mais aquela supremacia toda do Santos de Pelé. Dizem que com dinheiro do próprio bolso, Matheus traz do Vasco um sonhado “Pelé branco”, o temperamental Almir, o Pernambuquinho.

E nada. Entre contusões e confusões, Almir mal consegue fazer cinco gols em 29 jogos. E ainda por cima larga o time para brilhar justo onde? No Boca Juniors da Argentina.

Tristes tempos. Terceiro lugar no campeonato, Luizinho vai para o Juventus, Cabeção vai para o Comercial de Ribeirão Preto.

E, no horizonte, um longo deserto pela frente.

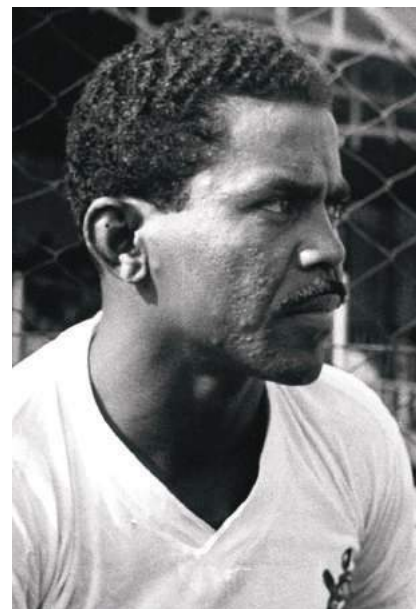


Foto: Arquivo Corinthians

Como Cláudio, Baltazar também jogou no Corinthians de 45 a 57. O Cabecinha de Ouro: dos 267 gols que fez, 71 foram de cabeça



11 A mais longa das travessias

COMO SE EXPLICA?

QUASE 23 ANOS...

SÓ QUE NEM SÓ DE

LUTO E FRUSTRAÇÕES

FOI ESSA LONGA

E CRUEL ESPERA.

HOUE ALEGRIAS,

CRESCIMENTO,

FORTALECIMENTO

Os mais radicais vão logo arredondando: foram 23 anos de espera, de fila e agonia. Os minuciosos amenizam um pouco. Alegam que, na verdade, entre 6 de fevereiro de 1955, quando o Corinthians foi campeão do Quarto Centenário, até a noite de 13 de outubro de 1977, quando conquistou o título outra vez, passaram-se não 23 anos, mas 22, oito meses, sete dias, quatro horas e 36 minutos. Isso de arredondar para 23 já seria um pouco de masoquismo.

Mas, como em outras travessias, essa foi comprida mas teve também suas nuances. Nem tudo foi, o tempo inteiro, humilhação e tristeza. O Corinthians atravessou esses 22 anos corinthianamente, aos trancos e relâmpagos. Quedas cruciais e, aqui e ali, luzinhas de esperança.

Mais do que cronometrar anos, dias ou horas, esse período talvez pudesse, com justiça, ser dividido em: *Alegrias, alegrias; Assim não dá; e Quase deu.*

ALEGRIAS, ALEGRIAS

Ora, quem pensa que a gente só penou nesses 22, 23 anos, ou é verde da cabeça ou nada sabe da alma corinthiana.

Vamos agora atravessar um longo deserto de títulos, isso é verdade. Deserto é lugar propício a miragens, isso também é verdade. Mas nossas muitas vitórias nessa comprida espera não foram, de forma alguma, miragens. Elas aconteceram de fato.

Sim, ganhamos muito. Não só na vida, aprendendo coisas que só a dor ensina, mas dentro de campo também.

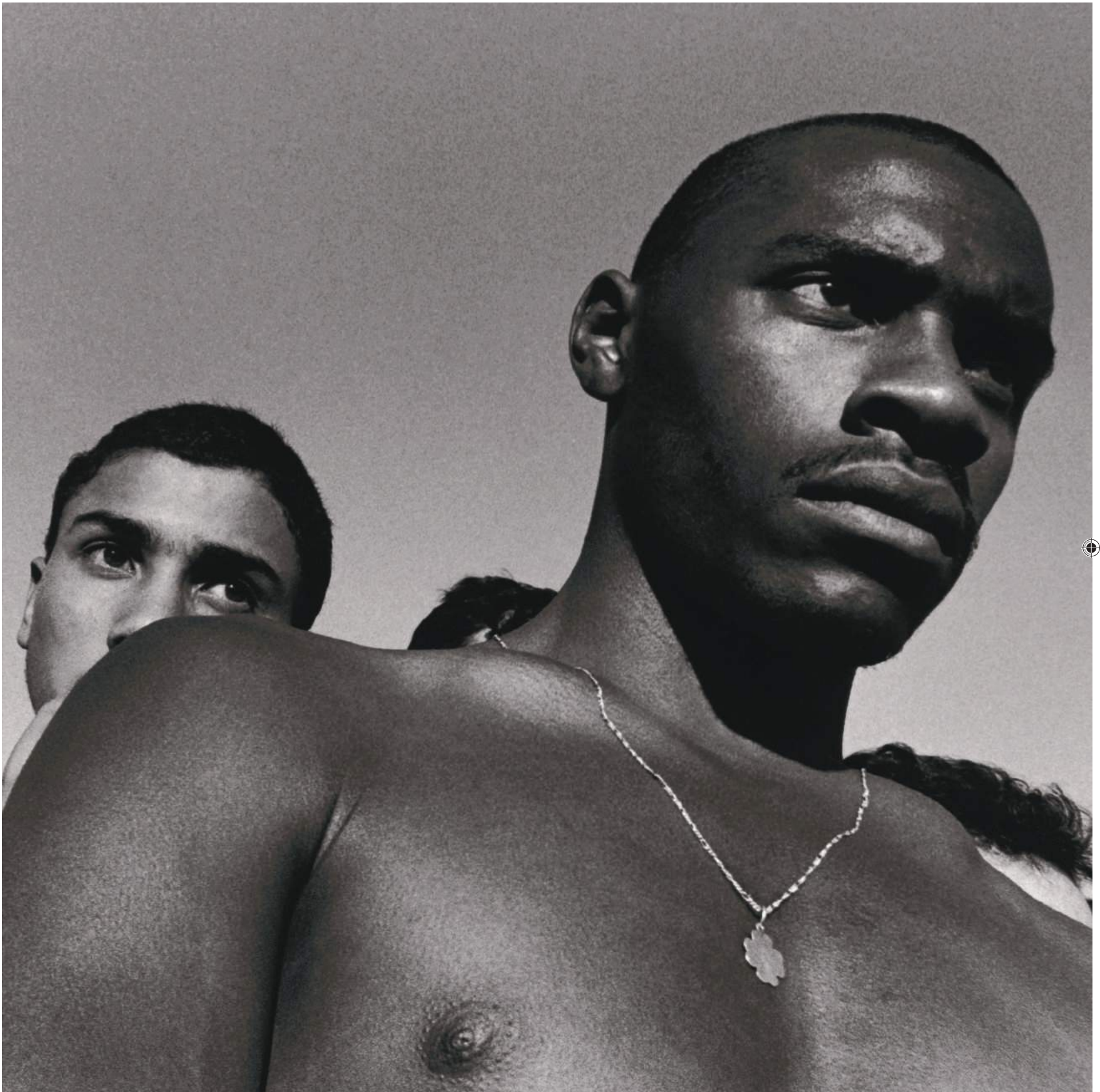
Ora, vejam só.

No próprio ano do Faz-me Rir, 1961, inaugurando os refletores do Parque São Jorge, tascamos 7 a 2 no Flamengo do Gérson e do Dida. E mais 2 a 0 no Santos, pelo Rio-São Paulo, que o tabu foi só no Paulista.

No ano seguinte, 62, ganhamos a I Taça São Paulo, que reunia os grandes times do futebol paulista. E mais: com final contra o Santos, 3 a 1 no Parque e 3 a 3 na Vila Belmiro. No fim do ano,



Foto: Ed Viggiani





Da sensacional virada contra o Palmeiras em 71, dois corinthians saíram consagrados: Adãozinho, de 19 anos, e Mirandinha, autor de dois gols

agora na Fazendinha, outro empate com o Santos, 2 a 2.

Ganhamos, em 1965, o Torneio Pentagonal do Recife, que homenageava a fundação da cidade e reunia os times da casa, mais o Corinthians e o São Paulo. No jogo contra o Santa Cruz, a estreia de um mito alvinegro, Roberto Rivellino, e na final, 5 a 2 contra o Náutico.

Nesse ano ainda, a Confederação Brasileira de Desportos pede que o Corinthians represente a Seleção Brasileira num amistoso contra o Arsenal, em Londres. O time sai de um jogo contra o Santos, a mais de 30 graus, toma o avião, desembarca em Londres sob um frio intenso, leva dois gols em dois contra-ataques, mas sai do campo com a torcida inglesa aplaudindo o bom futebol de Dino Sani, Rivellino, Flávio, Ney...

Estão pensando o quê?

E tem mais.

Ganhamos, em 1966, o Torneio Rio-São Paulo, ainda que o título tenha sido dividido com Botafogo, Santos e Vasco por falta de datas para o desempate. Nesse ano o Corinthians monta um Timão, como a imprensa chamava, nome que ficou. Da Portuguesa veio um corinthiano nato, o zagueiro Ditão, e do Botafogo, Mané Garrincha, já com 32 anos e vida bastante aturdida.

Com eles ganhamos a Copa Cidade de Turim, da qual participaram a Inter de Milão e o Español, da Espanha.

Em 67, nossa maior alegria foi estragar a festa do São Paulo, que desde 57 estava também na fila e que, se ganhasse do Corinthians, seria, enfim, campeão. Deu empate, Benê aos 44 do segundo tempo, só para sacanear. Aí o São Paulo teve de enfrentar o Santos e – mais um ano de fila. Como a gente.

Uma alegria menor, vamos reconhecer.

A maior, em 68, 6 de março de 68, foi derrotar enfim o Santos de Pelé depois de dez anos e 22 jogos pelo Paulista. Dois gols históricos do carioca Paulo Borges, recém-chegado do Bangu e, vai ver, com essa missão na vida, sepultar um tabu, e outro do gaúcho Flávio. A torcida, alma lavada, feliz com Ditão e Luís Carlos, Buião e Rivellino, Benê e Eduardo, saiu do estádio cantando: “Com Pelé, com Edu, nós quebramos o tabu”.

Só para completar 68, só para completar: já no jogo seguinte da vitória contra o Santos, esse mesmo Corinthians aprontou um virada histórica contra o Palmeiras, 2 a 1: nos últimos quatro minutos, cabeçada de Ditão e um gol de Benê.

Alegrias, alegrias.



Querem mais?

Ganhamos, em 1969, o Troféu Apolo V em Nova York, suplantando o River Plate na final.

Ganhamos, ainda em 1969, a IV Copa Costa do Sol, em Málaga, na Espanha. A final foi dramática. No tempo normal, 1 a 1 contra o Barcelona. Vieram as prorrogações, quatro prorrogações de 15 minutos cada uma! No fim, Gol de Benê, Corinthians campeão.

Com tanta experiência internacional, ganhamos, em 70, a Copa do Mundo no México? Aí já é exagero de sofrimento, mas lá estavam nosso Rivellino, o nosso Ado e praticamente nosso Zé Maria. Alegrias, mais alegrias.

Ganhamos, em 71, o Torneio do Povo, que reunia os times de maior torcida no país, Flamengo, Internacional, Atlético Mineiro. Final no Mineirão, contra o Inter, gol de Rivellino. Precisa dizer que a Fiel estava toda lá?

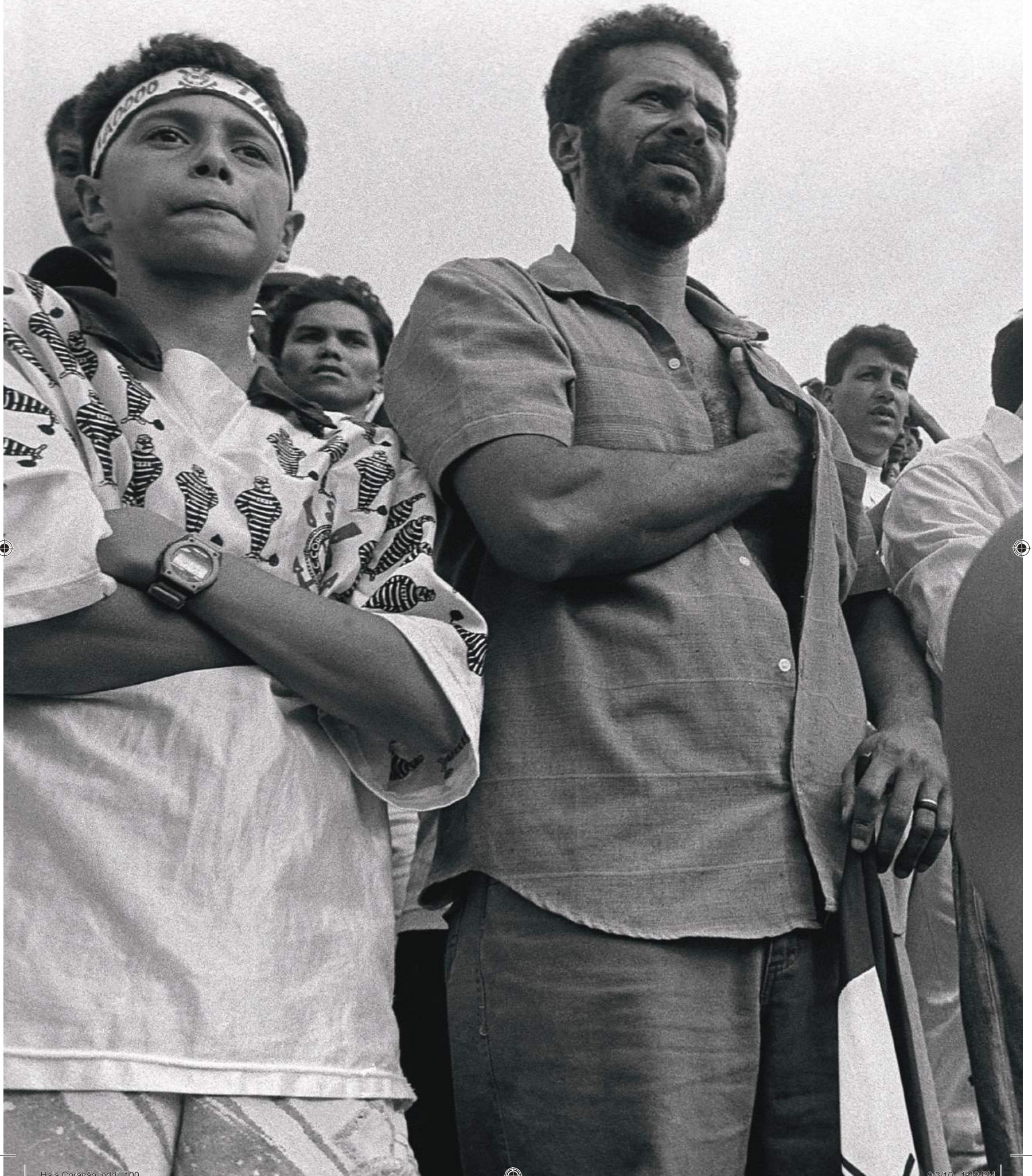
Ganhamos, ainda em 71, pelo Paulista, um jogo que não foi um jogo qualquer. Bem, foi contra o Palmeiras, o que também não diz tudo. E, no entanto, este jogo não sai da cabeça do corinthiano. Começou cheirando a goleada e humilhação, dois a zero para eles já nos primeiros dez minutos. Para alegria de Leão, César, Ademir da Guia, Leivinha, Dudu... Aí, no segundo tempo, algum Neco, Idário ou mesmo Alfredo Ignácio Trindade baixou no Corinthians. Logo aos cinco minutos um gênio em fazer e perder gols, Mirandinha, deixou 2 a 1. E aí veio. O gol do menino Adãozinho. De uns 40 metros de distância, Leão não viu nem a cor da bola. Aquilo parece que desequilibrou. Nem o gol do Leivinha conseguiu mudar o espírito do jogo. O volante Tião foi lá, invadiu a área meio na coragem e empatou. Mirandinha, em tempo de fazer, fez. Corinthians 4 a 3. Ninguém esquece esse jogo.

Bem, talvez ainda se possa dizer que em 73 ganhamos o Torneio Laudo Natel, e contra o Palmeiras, e de virada.

Claro, teve alguns Assim não dá. Mas poucos.

ASSIM NÃO DÁ

1961 foi um ano de Assim não dá. O time até andou ganhando o apelido de Faz-me Rir, um bolero que a cantora Edith Veiga na época consagrou. Dos 11 primeiros jogos disputados, o time perdeu sete. No desespero, 27 jogadores e dois técnicos passaram pelo time num rodízio fúnebre. Gilmar foi brilhar no Santos.



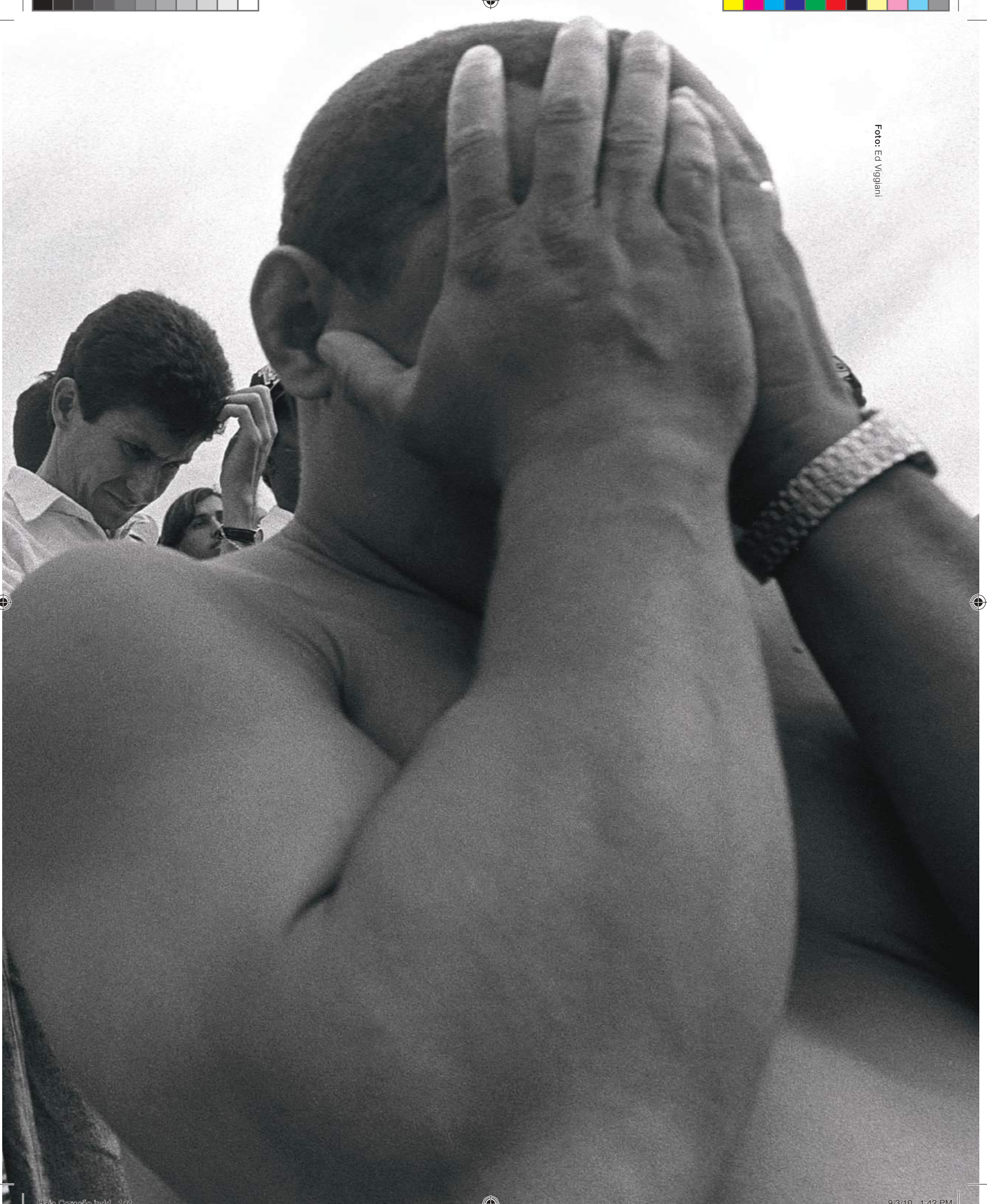


Foto: Edi Vigdani





Foto: Gazeta Press

O gaúcho Flávio jogou de 64 a 69; em 67 foi o artilheiro do Paulista, superando Pelé. Nos 2 a 0 do fim do tabu contra o Santos, fez o segundo gol

1963 foi outro aninho de lascar. Nono colocado entre os 16 participantes do Paulista.

O Paulista de 1972 era o do ano do sesquicentenário da Independência do Brasil, e o Corinthians sempre foi bom em centenário. Mas, nada. Nem encostou na concorrência. Em pleno Pacaembu, sofreu uma derrota histórica para o Juventus, 1 a 0, gol de Brecha. O que só foi bom para um certo Dudu da Loteca, que acreditou na zebra e ganhou sozinho o concurso 85 da Loteria Esportiva.

Pior, no entanto, do que o Assim não dá não é o Quase deu. E esses foram muitos.

QUASE DEU

No politicamente fatídico ano de 1964, o Corinthians só não ganhou o Rio-São Paulo porque o Palmeiras, digamos, não demonstrou maior interesse em endurecer um jogo contra o Botafogo do Rio. No Paulista, emparelha firme com o poderoso Santos. Na penúltima rodada, um jogo histórico. Por duas vezes o Corinthians de Flávio e Silva fica na frente do Santos de Pelé e Coutinho. No fim, não tem jeito, 7 a 4 pra eles, com quatro gols do Pelé. Mas que jogo para a memória do futebol.

Em 66, o Corinthians vem bem no campeonato, mas termina vice do Palmeiras, e pior: apenas quase quebra o tabu de nove anos sem vitórias contra o Santos. O jogo estava 1 a 1 e – pênalti a favor do Corinthians! É hoje? Não foi. Nair cobra e o goleiro do Santos, Cláudio, defende.

No Torneio Roberto Gomes Pedrosa de 1967, um Rio-São Paulo expandido e quase um Brasileirão de hoje, o Corinthians do clássico Dino Sani e um infernal moleque, Rivellino, estraçalha durante toda a primeira fase, vai para o quadrangular decisivo e, bem, fica em terceiro.

No Paulista, sonha com o título até uma derrota para o Palmeiras, 2 a 0, duas faltas magistralmente cobradas pelo gaúcho Tupãzinho. Demitido, o técnico Zezé Moreira sai filosofando: “Esse time não precisa de um técnico, precisa de um psicólogo...”

Em 69, mais quases.

No Paulista, vitórias sobre o São Paulo, Palmeiras e Santos prenunciam o fim do sofrimento. Mas uma dor maior se abateu sobre o time, e não veio do campo, veio da Marginal Tietê, onde o ponta-esquerda Eduardo o lateral-direito Lidu morrem num aci-





dente de carro, bem perto do Parque São Jorge. Emocionalmente arrasado, o time não vai bem no quadrangular decisivo.

No Robertão, por pouco o Corinthians não conquista seu primeiro título nacional. Bastava vencer o Cruzeiro de Dirceu Lopes, em pleno Mineirão. Começa perdendo, Rivellino empata, mas ele, Dirceu Lopes, faz 2 a 1.

Em 71 começa o Brasileirão nos moldes atuais e o Corinthians é, como sempre e apesar de tudo, favorito. E corresponde. Abre os trabalhos com uma goleada contra o Santa Cruz (4 a 1) e é o melhor dentre os 20 na primeira fase. Nas finais, ganha duas, empata uma e perde três. Não deu.

No ano seguinte, lá está ele outra vez quase nas semifinais. Só precisa vencer o, na época, forte Ceará no Pacaembu lotado, 68.961 torcedores. Mas o jogo é complicado. No fim, vitória bem corinthiana, gol do cabeludo meia-direta Sicupira, aos 45 do segundo tempo. Um gol bem corinthiano: antes de entrar, a bola bate na trave e na cara do goleiro Hélio Show.

Depois de empatar com o Fluminense, vai decidir a vaga na final contra o o Botafogo no Maracanã. Basta um empate e sai na frente, Néelson Lopes, aos 10 do primeiro tempo. Mas o Botafogo tinha Jairzinho, que marca aos 15 do segundo tempo. O empate basta. Quando faltam 7 minutos para terminar, Nei Conceição vem estragar a festa. Botafogo 2 a 1. Baldochi ainda empata para o Corinthians, mas o juiz vê, só ele, um toque de mão do jogador. Quem aguenta tanto quase?

PAUSA PARA EXPLICAR

Rio-São Paulo, Brasileirão, tudo bem. Mas o Brasil não era tão comunitário como hoje e o Corinthians sonhava mesmo era com a glória em casa. E não dava.

Por que não dava?

A espera foi não só tão longa como fértil em explicações de toda ordem. Políticas, sociológicas, místicas e psicológicas...

É coisa contra o povo, desde que o Getúlio morreu não fomos mais campeões, os populistas alegavam. Só que, por essa mesma época, o povo estava no poder com o Internacional em Porto Alegre, com o Flamengo no Rio, com o Atlético em Minas e até com o Bahia na Bahia.

É falta de profissionalismo, vociferavam sociólogos em geral, especialmente os alviverdes e os tricolores. O Corinthians não

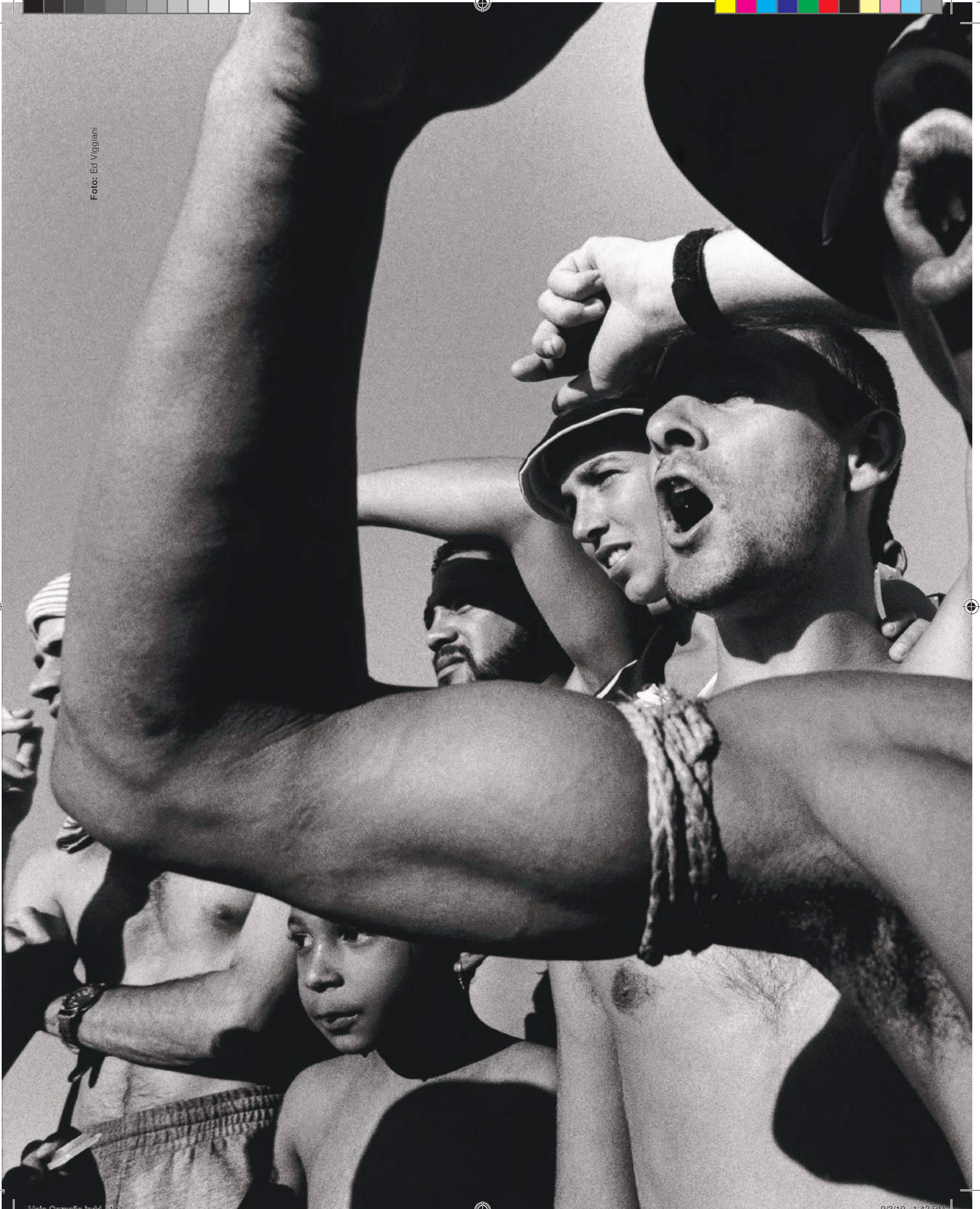


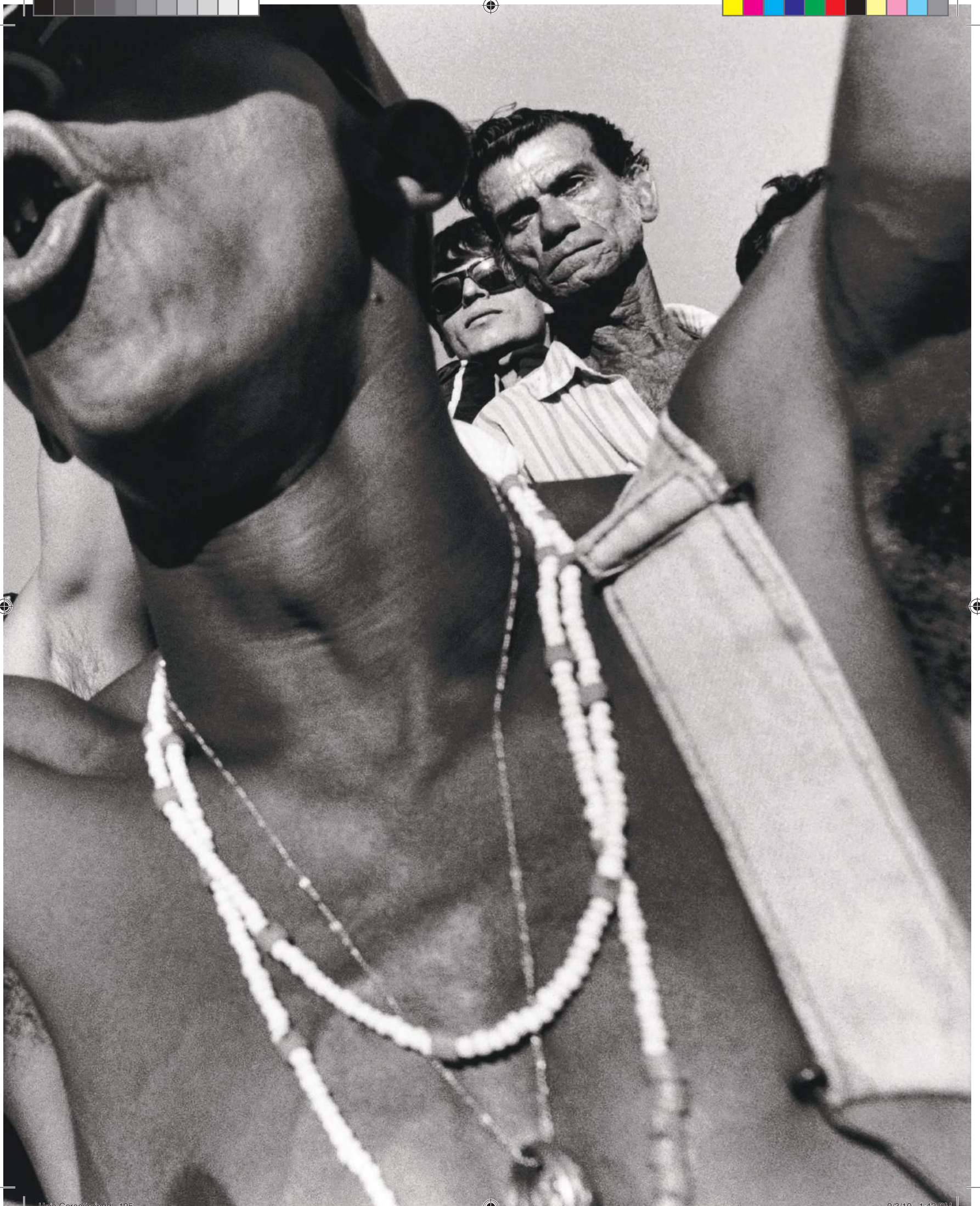
Foto: Gazeta Press

Luís Carlos Galter segura Pelé no jogo da quebra do tabu. Tabu, diga-se, no Paulista. Fora dele, nesses 11 anos, o Corinthians venceu o Santos quatro vezes, três delas pelo Torneio Rio-São Paulo



Foto: Ed Viggiani







soube passar da fase romântica para a fase empresarial do futebol. Nem estádio grande conseguiu fazer, coisa que até a Portuguesa já tem.

E, por fim, na área mística, havia os supersticiosos e os penitentes, cada um com suas devidas teologias.

É o sapo, diziam os supersticiosos, é o sapo enterrado, bradou um ouvinte durante um programa da Rádio Gazeta. Um dia, ele contou, a mãe de um jogador injustiçado no clube pegou um sapo, costurou a boca e pôs dentro de um vidro de sal de fruta Eno, jurando que por 20 anos o Corinthians não seria campeão.

Tese que, segundo reportagem da revista *Realidade*, não era validada por quem de direito: Euclides Barbosa, o Pai Jaú, cinco anos capitão pelo Corinthians e campeão paulista em 1937. Com 48 anos de umbanda, chefe espiritual de 150 terreiros em São Paulo, Pai Jaú declarou que o único sapo enterrado no Corinthians se chamava política interna e não era caso nem de despacho. Disse mais: que o time andava era mal sugestionado da cabeça e que devia ser tratado com mais sabedoria. Mal sabia Pai Jaú que o Corinthians contratara o psiquiatra Paulo Gaudêncio justamente para dessugestionar o time com terapia de grupo e tudo o mais.

E, na visão do psiquiatra, o problema era excesso de pressão, a obsessão por um título depois de tantos anos. Os jogadores tinham de assinar uma espécie de contrato moral com o clube: ser campeões. Ele conta que, ao chegar lá, ouviu de um jogador: “Olha aí, mais um que quer que a a gente seja campeão e não uma pessoa feliz”. Um a um, concluiu Gaudêncio, jogadores que eram ídolos nos seus times como Paulo Borges, Buião, Ivair, Suingue, ali iam virando mártires esmagados entre uma diretoria desunida e uma torcida que “até em treino vibra, aplaude e xinga”.

Nesse clima, floresciam também os místicos penitentes, gente que por qualquer motivo se sente culpada perante os céus. Esses, até com certo orgulho, viam no longo jejum uma clara punição dos céus. Escolados em dores, bem sabem esses corinthianos penitentes quão rápido se arrependem os deuses do pouco que ao seu pobre time concedem. E se perguntavam as razões: “Foi porque, logo nos primeiros 30 anos, fomos onze vezes campeões? Foi porque, em 14 e em 16, por exemplo, ganhamos tudo sem derrota e nem empate? Foi porque, de 50 a 55, ganhamos três dos cinco Rio-São Paulo disputados? Ou foi por acaso aquele 11 a 0 no Santos em 1920? Ou é o nosso maior número de títulos no cômputo geral? Ou os nossos eternos recordes de público?” Ou



os três tricampeonatos até hoje inigualados? Ou foram os nossos quatro títulos invictos também até hoje únicos no futebol paulista? E que agora em 2009 aumentaram para cinco? Sim, porque para os deuses o futuro é logo ali. E então alguns corinthianos mais iluminados já podiam, sim, continuar se perguntando, sensíveis. Teria sido porque lá adiante, nos anos 80, ganharíamos três campeonatos paulistas, assim na maior? E nos anos 90, três brasileiros, uma Copa Brasil e mais três paulistas? Ou foi porque tão variadamente resolvemos iniciar o novo milênio com um Mundial da FIFA, uma Copa do Brasil, um paulista e um Rio-São Paulo?

A busca de explicações era intensa, delirante.

Mas estamos ainda ali por 1973 e o leitor percebeu que ainda faltam alguns anos para a redenção. Só que, para chegar lá, não podemos assim sem mais jogar na vala comum do quase deu uma certa derrota em 1974 nem um certo levante popular em 1976.

Não, não podemos. Seria fazer pouco da grande alma corinthiana. Do jeito que ela vive suas dores e esperanças.

Aquela derrota em 74 e aquele levante em 76 merecem um capítulo à parte.

Foi neles que 77 começou.

12 Os bons ventos da esperança

A DOR DA LONGA
ESPERA CHEGA AO
SEU AUGE NAQUELA
TARDE, EM 74,
NO MORUMBI.
NOSSA ALMA COMEÇA
A SER LAVADA
NAQUELA CHUVA EM
76, NUM MARACANÃ
LOTADO – POR NÓS?

A deus assim não dá, bye bye quase deu. Em 1974, o espírito corinthiano era de agora vai. E o time justificava esse sentimento. Começa o campeonato goleando o América de São José do Rio Preto, 5 a 0. Como quem tinha pressa de chegar lá, Rivellino fez nesse dia, na saída de bola do segundo tempo, o gol mais relâmpago do mundo: simplesmente encobriu o goleiro lá do meio do campo. Em cinco segundos, caixa.

Bons sinais, bons sinais, a goleada e o gol.

Na última rodada, o Corinthians vai disputar contra o São Paulo o título do primeiro turno. Time coeso, Ado, Zé Maria, Brito e Wladimir lá atrás, Rivellino, Vaguinho e Zé Roberto na frente. Basta um empate. Aos dois do segundo tempo, Zé Roberto, de cabeça. Adeus, São Paulo. Mas no jogo seguinte, o primeiro do segundo turno, contra o Botafogo de Ribeirão Preto, rolo grosso.

Rolo grosso, em pleno Parque São Jorge. Deu-se que um certo Sócrates, do Botafogo, com rara maestria, lança um tal de Geraldão e 1 a 0 para o time visitante. Geraldão estaria impedido e Rivellino vai para cima do bandeirinha. Chutou, não chutou a canela do homem? Cutuquei, reconheceria ele mais tarde. Mas o juiz faz uma súmula severa e o camisa 10 vai a julgamento, ameaçado de não jogar mais naquele ano. Tem contra ele o fato de ser o campeão de cartões vermelhos do time, 13 ao todo.

É julgado no dia 5 de novembro, pega cinco jogos de suspensão e, ufa!, pode jogar a final. Mas a verdade é que, com tanta confusão, o time se atrapalha e o Palmeiras de Dudu, César e Ademir da Guia ganha o segundo turno.

E os dois vão para a final em dois jogos.

PÓLVORA, AMOR E PAIXÃO

Pacaembu, noite de 18 de dezembro de 1974. Eram decorridos 20 anos desde aquela final contra o Palmeiras que decidiu o campeão do O IV Centenário, quando ganhou o Corinthians. Era a primeira disputa direta por um título de campeão paulista desde 1957, quando ganhou o São Paulo.





Um jogo maluco. Logo aos 58 segundos, Edu faz 1 a 0 para o Palmeiras. Dois minutos depois, Lance empata. E ficou nisso.

O mando do segundo jogo era do Corinthians e tudo apontava para o velho e bom Pacaembu. O técnico Brandão, do Palmeiras!, sugeriu o Morumbi, onde a renda poderia ser maior. Dizem que Vicente Matheus se mostrou sensível a este último argumento. Dizem que o esperto Brandão sabia que a grama recém-plantada do Morumbi faria patinar mais o time que estivesse mais ansioso.

Morumbi, 22 de dezembro de 1974, um domingo nublado e triste. Nas arquibancadas, 120.522 torcedores. Destes, seguramente, cem mil corinthianos. Mas, como belamente registrou Carlos Maranhão na revista *Placar*, o Corinthians não teve muitas chances de vencer “no gramado fofo e enlameado, a batalha que sua imensa e angustiada torcida ganhou com sobras no cimento frio das arquibancadas pintadas de branco e preto, com cheiro de pólvora, amor e paixão”.

Ele se referia à comovente entrada do time em campo. Porque o jogo em si se desdobrou inosso, travado, com toda a pinta de 0 x 0. Não foi. Aos 24 do segundo tempo, o mineiro Ronaldo, primo do Tostão, o danado, faz 1 a 0 numa bola espirrada.

E ficou nisso. O Palmeiras travou o jogo com uma troca de passes de um time de craques que há quatro anos jogavam juntos.

O jogo termina.

Pelo estádio todo, um silêncio de Maracanã 50.

No filme *23 Anos em 7 Segundos*, o jornalista Juca Kfourri conta que, mesmo na saída, o único ruído que se ouvia era o da sola dos sapatos contra o chão. Como tambores fúnebres.

O compositor Toquinho lembra que quase não aguentou quando viu um imenso senhor negro chorando em silêncio com o filho pela mão.

Jogadores tentavam entender a derrota.

De repente o time inteiro foi tomado de uma apatia profunda, como se a gente tivesse tomado tranquilizante, disse Wladimir.

Zé Maria conta que foi direto para a casa do zagueiro Brito e depois passou uns dias sem sair na rua, de vergonha. Pensou até em deixar o futebol, se esconder em Botucatu.

Honesto, reconheceu que jogou mal, que não conseguiu segurar o endiabrado ponta-esquerda Nei e que era tremendamente injusto que o Orelhinha estivesse levando sozinho uma culpa que, afinal, era de todos.

Orelhinha era o apelido do Rivellino.

ALVINEGRO DESPERTAR

Naquele domingo, 5 de dezembro de 1976, até as praias do Rio amanheceram alvinegras. Meio de bicicleta, meio Deus sabe como, Ruço vira o jogo contra a Máquina Tricolor no Maracanã. Depois foi só Tobias segurar nos pênaltis. Enquanto isso, nas arquibancadas, a Fiel reinava





Até no mar a bandeira do Corinthians mostrava a presença da Fiel

TIMÃO-NO MAR, NO AR E NA TERRA

Fotos: Gazeta Press





Fotos: Arquivo Agência Estado







ROBERTO RIVELLINO

Rivellino conta que saiu a pé do estádio e, de cabeça erguida, caminhou até sua casa, no bairro do Morumbi. Depois lamentaria o lamaçal em que se transformara o campo com aquela grama recém-plantada. Porém, mais que tudo, lamentaria mais ainda a lama que respingou sobre sua honra e sua dedicação naquela tarde irreparável.

Bode-expiatório de uma derrota contra um Palmeiras bem estruturado, campeão paulista de 72 e bi brasileiro em 72 e 73, Rivellino foi vendido ao Fluminense em fins de janeiro do ano seguinte. Em suas entrevistas no Rio, de muitas maneiras fazia esta declaração de amor ao time onde reinou por 10 anos: “Deus não quis eu desse um título ao time, mas o que ninguém vai me tirar é o orgulho de ter vestido a camisa branca do Corinthians”.

Roberto Rivellino. Rejeitado no Palmeiras por ser considerado um tanto miudinho, foi levado ao Parque pelo pai palmeirense, onde se firmou e terminou fazendo, entre 1965 a 1974, 473 jogos pelo Corinthians.

Entre 65 e 67, Rivellino jogou 137 partidas seguidas com a camisa do Corinthians, sem ser suspenso e sem se machucar. Relativamente baixinho, 1,68 m de altura, seu chute potente um dia imprimiu um crucifixo no peito do goleiro Buticce, do San Lorenzo, que tentou encaixar uma falta por ele cobrada. No lendário jogo da quebra do tabu contra o Santos, em 68, foi o melhor homem em campo e, na Copa de 70, brilhou entre feras. Em 74, na Copa da Alemanha, fez três dos seis gols brasileiros.

Entre os admiradores confessos do seu grande futebol estão o alemão Franz Beckenbauer e o argentino Diego Maradona.

Roberto Rivellino. Uma glória nacional e ao mesmo tempo um atormentado destino corinthiano.

Roberto Rivellino. Vamos reencontrá-lo daqui a pouco, no momento em que, no lado oposto, volta a fazer parte de um momento histórico do time.

UM ÊXODO, UM LEVANTE

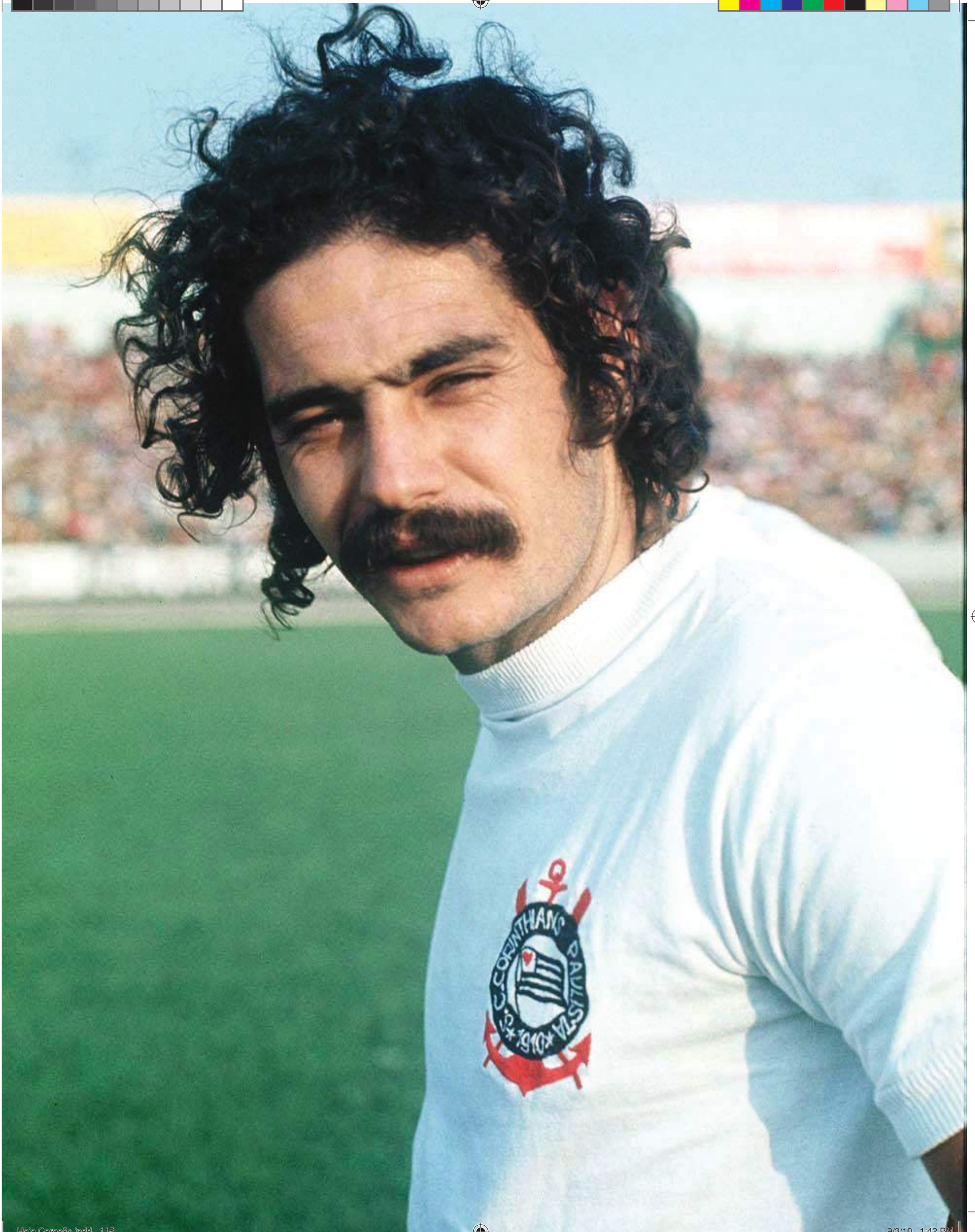
Quando é que um time, ou alguém, junta os cacos, sacode a poeira e se reinventa? De si cada um sabe, mas com o Corinthians, depois de 74, não foi de imediato. Abalado, ainda penou no Paulista de 75 e depois no de 76.

REI DO PARQUE FOREVER

Colegas de profissão e jornalistas esportivos consideram Rivellino o mais completo dos craques que vestiram a camisa do Corinthians. Estrela entre estrelas na Copa de 70 no México, melhor jogador do Brasil na Alemanha em 74, fez o que pôde pelo seu time do coração durante uma das suas mais dolorosas fases

Foto: Gazeta Press







Em 76 é quando as coisas começam a virar, pelo menos no Brasileirão. O time começa a olhar sem medo seus adversários, sob a regência de um volante pernambucano preciso e competente: Givanildo.

Esse novo Corinthians chega e bate no Morumbi o poderoso Internacional, campeão brasileiro e seriamente a fim de um bi. Foi 2 a 1.

Como sempre, a Fiel foi a primeira a farejar esse novo Corinthians no ar. Como sempre, generosa. Lotou o Morumbi para esse jogo contra o Inter, 113 286 torcedores. Já nem aí para 74, e inflamável, como sempre, à mínima faísca de esperança.

E veio uma semifinal contra o poderoso Fluminense em pleno Maracanã, contra uma constelação de craques que era então chamada *Máquina Tricolor*.

E o que era uma faísca virou um incêndio de grandes proporções. Com centenas de ônibus partindo da capital e do interior.

Um êxodo bíblico. Um levante, uma revoada.

Mais de 70 mil corinthianos lotam 350 ônibus, fazem da Dutra uma 9 de Julho e tomam com sua paixão a cidade do Rio para ver o jogo. Está no livro dos recordes, o *Guinness Book*: foi o maior deslocamento humano em tempos de paz.

Do Corcovado às praias, era uma mancha só, e alvinegra.

Num famoso cartum do Ziraldo, uma criança se queixa: “Mãe, caiu um corinthiano na minha sopa”.

O grande escritor Nelson Rodrigues confessa que nunca tinha visto coisa igual: “O jogo começou na véspera, quando a Fiel explodiu na cidade. Durante toda a madrugada, os fanáticos do Timão faziam uma festa no Leme, em Copacabana, Leblon, Ipanema. E as bandeiras do Corinthians ventavam agitadas. Os corinthianos chegavam aos borbotões. Ônibus, avião, carros particulares, a pé, de bicicleta”.

O jogo começa, travado.

O Fluminense faz o primeiro.

Meio de bicicleta, meio Deus sabe como, Ruço empata.

No intervalo, um dilúvio desaba sobre o Maracanã.

Nos pênaltis, milagres de São Tobias, 4 a 1 para o Corinthians.

Dizem que a Dutra nem sentiu o peso da volta.

Dizem que em Aparecida do Norte os ônibus passaram flutuando, alados de bandeiras.

Mas o milagre nem foi da santa.

Foi da Fiel.





PARA ALÉM DO SAPO E DA SOCIOLOGIA

O Corinthians, nesse levante, como que se descobriu. De alma forte, absorveu em Porto Alegre a derrota para o Internacional de Falcão, Batista, Figueroa e Dadá Maravilha, e perdoou os céus por aquelas duas bolas nas traves do Inter.

Os tempos, no Parque, eram outros. Não fáceis, que Corinthians... Mas outros. Para além do Quase deu e do Assim não dá, do sapo e da sociologia, uma nova esperança inundava os ares.

Ninguém sabia como nem por quê, mas aqui e ali começaram a pipocar sinais de que os longos anos de deserto estavam chegando ao fim. Que a Terra Prometida estava próxima e logo ninguém ia precisar ler nos botecos o desalmado aviso “Fiado só quando o Corinthians for campeão”.

Nessa longa travessia, até que a torcida não parava de aumentar, mas muitos pais já não aguentavam mais alimentar a fé dos meninos só com glórias passadas.

Num bar atrás da Igreja de Pinheiros, inaugurado em 1954, último ano do Corinthians campeão, o espanhol Mario Moreno também não aguentava mais reforçar o arame de 20 garrafas de pinga dependuradas no teto e que só seriam abertas no grande dia da redenção.

Como cada corinthiano viveu, no fundo da sua alma, os longos anos de espera? Isso só cada um sabe.

Uma coisa é certa: ninguém trocou de time e muito menos de coração. E quem tentou se deu mal. Os compositores Manuel Ferreira e Ruth Amaral disseram tudo na marchinha que conta a história do corinthiano que, cansado de sofrer, fez um transplante e trocou de coração. Mas logo nas primeiras batidas do novo coração percebeu que, bênção ou maldição, o novo coração era corinthiano também. O refrão da marchinha é de rir e chorar e todo corinthiano sabe:

Doutor, eu não me engano:
meu coração é corinthiano...

Mas houve, sim, um transplante assim, avassalador, coletivo, definitivo. Ele se deu numa clínica improvisada ali pelas bandas do Morumbi, numa certa noite de outubro. Dessa infinita e sonhada noite todo corinthiano saiu com um coração de criança.



13 A redenção

AQUELA NOITE
SAGRADA, 13 DE
OUTUBRO DE 77,
A FIEL SABE DE
COR, FAZ PARTE
DA SUA BÍBLIA, DO
SEU CATECISMO E,
PARA MUITOS, FOI A
PRIMEIRA COMUNHÃO
COM A VITÓRIA.
MAS NUNCA SERÁ
DEMAIS REVIVÊ-LA

Toda a nação corinthiana sabe como terminou aquela noite, aquela sagrada noite de 13 de outubro de 1977.

Mas quando e onde exatamente ela começou? Quando os insondáveis deuses do futebol retiraram enfim a maldição que sobre nós pesava? Difícil saber, eles têm razões que a bola obedece, mas desconhece.

Ela pode ter sido merecida, por exemplo, naquela tarde em que o Maracanã todo virou preto e branco, um ano antes. Aquilo foi de comover o mais palestrino dos deuses.

Mas ela pode ter sido merecida em outros tempos, outros momentos mais delicados e secretos.

Quando, em novembro de 1973, seu Dorvalino, no leito de morte, fez o filho Zé Maria prometer que não deixaria o futebol sem dar um título ao Corinthians.

Ou quando, em 18 de maio de 1977, Manoel Nunes, o Neco, talvez o maior corinthiano de todos os tempos, visitou pela última vez o Parque São Jorge, abraçou alguns jogadores e três meses depois, aos 82 anos de idade, foi ter um particular com São Jorge lá no céu.

Ela poder ter sido merecida na véspera, dia 12, quando Wladimir foi visitar o pai e disse na saída: “Não volto sem o título”.

Ninguém sabe quando foi, mas foi assim.

A ARRANCADA

Depois de tantos anos de espera, não pode um time vencer em paz um campeonato, vendo seus adeversários cair, um a um, a seus pés?

Pode, e merecidamente. Qualquer time do mundo. Menos o Corinthians.

Foi um longo e penoso campeonato, aquele de 77. Começou em fevereiro e só foi terminar em outubro.

O time começou mal, mas a torcida ali, firme, farejando coisas que só a Fiel fareja. Lotou o Morumbi para a estreia de Palhinha e viu o time tomar 3 a 0 do Guarani. E logo depois tomou a cidade



Foto: Sergio Sade - Editora Abril





de Jaú para ver o time levar outros 3 a 0 do XV. Fiel, lá estava ela outra vez lotando o Pacaembu para ver o Corinthians enfiar 2 a 0 no campeão daquele primeiro turno, o Botafogo.

A Fiel sabia, a Fiel sabe.

O fato é que o Corinthians foi acordando, venceu bonito o segundo turno, 2 a 1 contra o São Paulo nas semifinais e 1 a 0 contra o Palmeiras na decisão.

Mas, por uma curiosa lei da época, o Paulista de 77 deveria ser decidido entre os oito melhores colocados. A Ponte de Carlos, Dicá e Rui Rei ficou em primeiro no grupo E.

No grupo F, o Corinthians tinha pela frente o São Paulo, a Portuguesa e o Guarani. Mas os oito times deveriam jogar entre si. Nas quatro partidas finais do seu grupo, decisivas, o Timão começou perdendo para o Guarani, 1 a 0 com um gol de bunda, do Ziza, não era bom sinal.

Agora, ou ganhava os três seguintes ou estava fora.

Ganhou os três seguintes: 1 a 0 no Botafogo em Ribeirão, Romeu; 1 a 0 no Morumbi contra a Portuguesa, Geraldão; e, relativamente fácil, 2 a 1 contra o São Paulo no Morumbi, Romeu e Geraldão outra vez.

Agora, melhor nem pensar, mas só falta a Ponte, campeã do Grupo E, numa melhor de quatro pontos.

É agora? Melhor nem pensar. Tantos anos, tantos anos.

UM GOL E SUA LITURGIA

Morumbi, quarta-feira, 5 de outubro de 1977.

Melhor nem pensar, mas foi 1 a 0, gol de Palhinha, de cara. De cara mesmo: ele chuta no peito do goleiro Carlos, a bola volta em cheio contra a cara dele e entra. Gol bem corinthiano, de arder.

Morumbi, domingo, 9 de outubro de 1977.

Pode ser hoje. Melhor nem pensar. Mas pode ser hoje. Aos 42 minutos do primeiro tempo, Vaguinho, 1 a 0. Melhor nem pensar. Olha aí. Não disse? Falta perto da grande área e eles têm Dicá. Não deu outra, 1 a 1. Confusão na entrada da área. Eles têm Rui Rei, oportunista, Ponte 2 a 1. Lá em cima, 146 mil corinthianos calados, quase como em 74.

Morumbi, quinta à noite, 13 de outubro de 1977.

Melhor não pensar, mas o Corinthians tem a vantagem do empate para jogar por outro empate na prorrogação. Aos 15 minutos, Rui Rei xinga feio o juiz e é expulso. Mas o Corinthians já





vinha melhor e continuou melhor. Carlos tem que se virar, Tobias só assiste. O Corinthians está ganhando até nos corners, 12 a 0, nos cruzamentos da linha de fundo, 10 a 2.

Tudo pronto para um gol fácil, lógico, amadurecido, florescido, merecido.

Mas ele veio sofrido, aturdido, demorado, tortuoso, corinthiano, aos 36 minutos e 48 segundos do segundo tempo, 22 anos, oito meses e 689 jogos de campeonato paulista depois do último título. Números no lápis e no coração por Celso Unzelte cronometrados.

O gol como foi todo mundo sabe, mas vamos lá.

Zé Maria cobra uma falta da direita.

Bola mansinha na cabeça do Basílio.

Fosse outro time, já podia ter sido ali.

Mas Basílio pega de raspão e a bola espirra para o outro lado, vai cair entre Vaguinho e Polozi lá pelo bico da pequena área. Vaguinho se antecipa e chuta de esquerda, meio desequilibrado.

Já podia ter sido ali.

Mas a bola acerta quase no ângulo da trave do goleiro, no coração exposto da Fiel, e volta.

Volta, bate no chão, sobe justo para a cabeça de Wladimir, que, sem goleiro, pode até escolher o canto. Decide cabecear direto a fim de melhor cumprir a promessa feita ao pai.

Já podia ter sido ali.

Mas a bola bate na cabeça do zagueirão Oscar e volta.

Volta para os pés de Basílio que, entre a rebatida e o sem-pulo, a empurra enfim para dentro do gol, eternamente.

O resto o Brasil inteiro algum dia viu.

A bola entra, fura a rede, eleva-se pela noite em festa, viaja até o Parque São Jorge, desenterra um sapo, perde-se em meio ao foguetório nos céus do Tatuapé, passa por Pinheiros, libera 20 garrafas de pinga no teto de um bar e volta ao Morumbi a tempo de ver centenas de torcedores atravessando o campo de joelhos, ou montados nas traves, ou abraçados nas redes como quem enfim conquista uma fortaleza longa e desesperadamente sitiada.

Lá no alto a Fiel não arredava o pé e era um tremor só.

Ninguém vai esquecer esta noite e sua festa.

Até em Belém do Pará começou uma carreata pela cidade.

Na Rádio Jovem Pan, o crioulo Joca, símbolo do sofredor corinthiano do programa de humor *Show de Rádio* podia celebrar enfim o cumprimento de seu sonho tantas vezes anunciado:



Foto: Lemyr Martins - Editora Abril

CORREÇÃO

Esta foto de Vicente Matheus não foi feita na noite sagrada de 13 de outubro de 77.

Mas foi como passou sua vida: ajoelhado pelo Corinthians



Foto: José Pinto - Editora Abril







Foto: Lenny Martins - Editora Abril



Foto: Carlos Namiba - Editora Abril



“Mas na noite em que a gente ganhar, São Jorge, pode mandar desligar a Light que a noite vai ficar toda iluminada a vela de promessa e perfumada de arruda pelo ar”.

Foi essa, a noite.

GLÓRIA AOS HERÓIS DE 77

Registre-se para a história o time da redenção:

Tobias. José Benedito Tobias nasceu em Agudos no dia 13 de maio de 1949. Veio do Sport Recife e jogou também pelo Guarani de Campinas. Em 1976, no lendário jogo da invasão do Maracanã, deu a vitória ao Corinthians ao pegar dois pênaltis, um de Rodrigues Neto e outro de Carlos Alberto Torres. Tinha, por sua agilidade, o apelido de Gatão.

Zé Maria. José Maria Rodrigues Alves nasceu em Botucatu no dia 18 de maio de 1949 e chegou ao Corinthians, vindo da Portuguesa, no ano de 1970. Campeão paulista em 1977, 1979, 1982 e 1983, ano em que encerrou sua carreira. Foi reserva de Carlos Alberto na Copa de 70 e titular na de 74. Por seu vigor de corpo e de alma, era chamado de Super Zé, ou Cavalinho de Aço, apelido inspirado numa novela da época em que jogava. Ferido no supercílio durante um jogo contra a Ponte na decisão do Paulista de 79, fez questão de voltar a campo mesmo com a camisa empapada de sangue. Consciente do forte simbolismo deste ato, a torcida em peso aplaudiu emocionada. Durante a volta olímpica que, em 1983, marcou sua despedida do futebol, com igual carinho foi aplaudido por corinthianos e palmeirenses. Quem ali se despedia era alguém que, acima de tudo, havia honrado o próprio futebol.

Moisés. Moisés Mathias de Andrade nasceu em Resende, Estado do Rio, no dia 30 de janeiro de 1948, falecido em 26 de agosto de 2008. Jogou pelo Corinthians entre 1976 e 1978. Cultivava a fama de xerifão impiedoso, mas só para impressionar a torcida e o marcador: em 122 jogos pelo Corinthians foi expulso apenas uma vez.

Ademir. Ademir Gonçalves nasceu em Santa Bárbara D'Oeste no dia 19 de novembro de 1946 e veio do XV de Piracicaba em 1972. Ele é o zagueiro que, em foto famosa, tenta impedir o gol

EM ESTADO DE GRAÇA

Oswaldo Brandão nos braços da torcida e torcedores celebrando a tomada do forte. Lá no alto, nas arquibancadas do Morumbi, a Fiel não arredava o pé e era um tremor só





Não me prenda, seu guarda,



Foto: Sergio Sade - Editora Abril

que eu vou ser campeão



de Ronaldo na fatídica decisão de 1974. Hoje vive em Santa Bárbara, onde é comentarista esportivo e dono de uma rádio local.

Wladimir. Wladimir Rodrigues dos Santos nasceu em São Paulo no dia 29 de agosto de 1954 e, entre 1972 e 1985, tornou-se o jogador que por mais vezes vestiu a camisa do Corinthians: 805 jogos! Profissional consciente, cabeça adulta e sorriso de menino, foi campeão pelo Corinthians em 1977, 1979, 1982 e 1983 e um dos líderes da Democracia Corinthiana.

Ruço. José Carlos dos Santos nasceu no Rio de Janeiro no dia 3 de junho de 1949 e veio do Madureira. Jogou 201 vezes pelo Corinthians e fez 22 gols. Um deles, histórico: a meia-bicicleta que arrancou o empate do Fluminense na tarde da tomada do Maracanã, em 1976. A decisão foi para os pênaltis e o Corinthians venceu. Na visão da Fiel, Ruço era um corinthiano nato, guerreiro incansável.

Basílio. João Roberto Basílio nasceu em São Paulo no dia 4 de fevereiro de 1949, chegou ao Corinthians vindo da Portuguesa, fez 253 jogos e 29 gols com a camisa do Corinthians. Será eternamente lembrado pelo gol solitário contra a Ponte na decisão de 77. Foi campeão em 77 e 79; entre 1987 e 1992, por três vezes cumpriu a função de técnico do Corinthians.

Luciano. Luciano José Velozo nasceu em Olinda (PE) no dia 13 de agosto de 1948, veio do Sport e fez 70 jogos e nove gols como meio-campista do Corinthians. Na grande noite da decisão, substituiu o ídolo Palhinha e se saiu muito bem. Logo aos quatro minutos mandou uma bola na trave. No ano seguinte foi emprestado e depois vendido para o Juventus. Tinha o apelido de Coalhada, um personagem do humorista Chico Anysio que, como ele, usava uma cabeleira black power.

Vaguinho. Wagno de Freitas nasceu em Belo Horizonte no dia 11 de fevereiro de 1949, veio do Atlético em 1971 e por dez anos foi um temido e veloz ponta-direita. Fez 110 gols em 551 jogos. Nas finais contra a Ponte, teve atuações brilhantes. No segundo jogo, fez um belo gol por cobertura; no último jogo, de um chute seu no travessão teve início a confusão que resultou no gol da redenção. Foi campeão paulista também em 79.



Geraldão. Geraldo da Silva nasceu no dia 25 de julho de 1949 em Álvares Machado, interior de São Paulo. Começou no Botafogo de Ribeirão Preto, ao lado de Sócrates. Jogou no Corinthians de 1975 a 1981. Centroavante pouco refinado, mas matador, fez 91 gols em 280 jogos. Em 77, foi o goleador do time, com 23 gols, quatro contra o São Paulo.

Romeu. Romeu Evangelista nasceu em Esmeraldas, Minas, no dia 27 de março de 1950. Jogou pelo Corinthians de 1976 a 1980; em 220 jogos, fez 34 gols, a maioria deles comemorada com uma alegre cambalhota. Em 77, foi dele o gol de uma decisiva vitória contra o Botafogo de Ribeirão Preto.

Palhinha. O mineiro Vanderley Eustáquio de Oliveira (Belo Horizonte, 11-6-1950) veio do Cruzeiro por uma fortuna na época. Mas veio para ser campeão. No primeiro jogo contra a Ponte, fez um gol literalmente de cara. Dono de um futebol inteligente, em 148 jogos pelo time, marcou 44 vezes. Machucado, não jogou a última partida, mas foi campeão outra vez em 79, ao lado de Sócrates, com quem formou uma dupla infernal.

Oswaldo Brandão (18-09-1916 +29-07-1989). Esse gaúcho de Taquara, que jogou no Grêmio e no Inter, veio para o Palmeiras em 42, foi um técnico ao mesmo tempo abençoado e fatal na história do Corinthians, à luz do propício ou cruel signo do 1 a 0. Em 1954, foi o comandante do Campeão do Centenário e do Torneio Rio-São Paulo. Vinte anos mais tarde, em 1974, era ele quem dirigia o Palmeiras daquele lúgubre 1 a 0 que nos arrancou o título no Morumbi. Três anos depois nos redimia com aquele 1 a 0 contra a Ponte. Era um homem severo e paternal, simples e carismático. Matreiro. Quando o repórter perguntava como estava vendo o jogo, respondia: “Pelos óculos”. Como o time vai jogar? “De camisa, meia e chuteiras”. Em 77, depois de uma inesperada derrota para o Guarani e com três jogos cruciais pela frente, fechou-se com o time numa sala para de muitas formas dizer uma coisa só: “Agora tudo depende de vocês”. Na visão do preparador físico José Teixeira, os jogadores em campo morriam por Brandão porque bem sabiam que, fora dele, Brandão daria a vida por eles. Ele conseguia ser ao mesmo tempo um pai acolhedor e um técnico rigoroso. Entre 1980 e 1981 voltou a dirigir o Corinthians, mas não foi tão feliz, os tempos eram outros.



Foto: Arquivo Corinthians



OS CAMPEÕES DE 77
Em pé: Zé Maria, Tobias,
Moisés, Ruço, Ademir
e Wladimir;
agachados: Vaguinho,
Basílio, Geraldão,
Luciano e Romeu



14 O que é ser corinthiano

AQUI SE CHEGA
A UM IMPASSE,
À POBRE TENTATIVA
DE DEFINIR O
INDEFINÍVEL,
DE COLOCAR EM
PALAVRAS DESTE
MUNDO AQUILO QUE
A OUTRO PERTENCE.
MAS VAMOS LÁ

Caro leitor. Como nos casamentos, na dor e na alegria, na doença e na saúde, passo a passo caminhamos juntos da fundação do time à noite de São Basílio, ao longo de 67 anos de história do Corinthians.

Uma emocionante e valorosa história. Saímos de um bairro operário, com apenas 19 anos de idade fomos duas vezes tricampeões, em 1952 honramos o futebol brasileiro na Suécia muito antes de Pelé e Garrincha, fomos os campeões do primeiro centenário da Independência do Brasil e do quarto da fundação de São Paulo, aguentamos 22 anos de espera numa fila incômoda, vivemos, enfim, glórias e humilhações suficientes para, agora, parar um pouco e perguntar: o que é, afinal, ser corinthiano?

O poeta Menotti Del Picchia, um dos participantes da histórica Semana de Arte Moderna de São Paulo, um dia proclamou, cabreiro: “O Corinthians é um fenômeno social a ser estudado em profundidade”.

Bom poeta, melhor profeta: o Corinthians é um time que até hoje muito tem confundido estudiosos e aos próprios corinthianos, que muito se curtem mas pouco se explicam.

Torcedores de outros clubes alegam que com eles também é assim. Que para cada um seu time é único. E pode até ser verdade e aí do futebol se assim não fosse.

Mas o Corinthians, está provado, e parafraseando Orwell, é mais único do que os outros.

No planeta Corinthians tudo é diferente, os corinthianos juram.

Por que diferente?, alienígenas verdes e tricolores se perguntam, já meio enciumados.

Os corinthianos não respondem. Não sabem.

Ninguém sabe. Nem os corinthianos mais ilustres têm a mínima ideia de como explicar.

Washington Olivetto, um dos homens mais imaginosos desta terra, publicitário respeitado no Brasil e no mundo, humildemente reconhece: “O Corinthians não se explica. É uma religião, profana, é um combustível de um amor que o coração sente, mesmo quando os olhos não veem”.



Foto: Alexandre Battugli





Foto: Folha Press





Juca Kfourri, um dos jornalistas esportivos mais ouvidos do país, em nenhum dos seus dois livros sobre o Corinthians arrisca uma definição assim mais definitiva sobre o que é ser corinthiano. E olha que ninguém mais do que ele tem o direito de tentar. Pelo Corinthians, ele já viu balançar um casamento, comeu agrião e se desentendeu com Deus. A história do casamento foi quando sua primeira mulher lhe disse, logo após a derrota para o Palmeiras em 74: “Ora, bem, foi só 1 a 0”. Agrião ele conta que só comeu quando o pai lhe disse que Cláudio, o maior goleador do Corinthians, só era o que era porque comia muito agrião. E com Deus o problema começou quando, depois de muito pedir, não um campeonato, mas uma simples vitória contra o Santos, não foi atendido, mesmo sendo homem de missa e comunhão.

Paulo Gaudêncio, psiquiatra conceituado, autor de muitos livros, e que foi até terapeuta do time, garante que palmeirenses e são-paulinos há de vários tipos, mas que corinthiano é um só, integral: “Olha, eu tenho amigo médico, juiz de direito, operário e é tudo corinthiano de um jeito só, sofrido, apaixonado. Em geral, quanto mais baixa é a classe, mais importante é o time de futebol. Com o Corinthians isso não acontece. E a explicação quem me deu foi a Elisa, empregada doméstica, torcedora-símbolo do time: o Corinthians é tudo o que a gente tem. Eu nasci pobre, filho de operário e agora estou do lado de cá. Como muitos dos meus amigos corinthianos incuráveis, psiquiatras, professores, advogados, subi de classe. Mas às vezes fico pensando. Será que o Corinthians ainda não é tudo o que a gente tem?”

Celso Unzelte, jornalista e pesquisador esportivo, autor de três livros fundamentais sobre o Corinthians, também não arrisca uma definição, mas defende com fervor a teoria da diferença: “O sentimento que une a todos nós, corinthianos, é único. Já vi muito jogo de muito time pelo Brasil afora. A torcida do Corinthians é maior? É melhor? Não sei, nunca contei. É diferente? Tenho certeza. O que sei, também, é que um dos sonhos mais perseguidos pela humanidade, o sonho da igualdade, eu até hoje só encontrei no meio da torcida do Corinthians. Em mais de 40 anos de vida, confesso que o único lugar do mundo onde eu me senti realmente igual à pessoa que está sentada ao meu lado foi o estádio de futebol. Nem mesmo em uma igreja pude viver sensação semelhante. É no meio da Fiel que somos todos iguais. Às vezes, acho mesmo que viramos um só. Uma só pessoa, sonhando em preto e branco com a felicidade”.

DOIS ÍCONES

Ao lado, Elisa, a eterna torcedora-símbolo, com Sócrates, craque e pensador do time





Numa entrevista para a revista *Realidade*, em abril de 1972, um grande torcedor corinthiano, Didi, que, mesmo sendo cego, não perdia jogo do Corinthians, declarava o seguinte: “O Corinthians é a minha religião. Natal, Páscoa são festas que separam as pessoas, cada um festeja de um jeito. O gol, não. O gol é a minha maior experiência de comunhão. Eu pulo e abraço todo mundo sem saber quem. Mesmo não saberia, porque sou cego. Mas sinto que nessa hora todo mundo é cego como eu.”

Difícil definir, já se verá, esse amor pelo Corinthians. É forte, mas nebuloso como tudo aquilo que não é bem deste mundo. Derico Schiotti, saxofonista do Programa do Jô, confessa no emocionante livro *Fiel 100 anos*: “É uma paixão que vai do preto ao branco em segundos, e depois volta, e depois vai de novo, e depois volta, e não enjoa”.

É a mais bela e precisa indefinição que se conhece.

Na impossibilidade de definir, vamos brevemente indefinir assim o amor pelo Corinthians: donde vem não se sabe, mas a identificação é completa, vai além da derrota e da vitória, vira seita, vira senha, não tem medo do ridículo e pega até no jogador.

DONDE VEM NINGUÉM SABE...

Quando alguém se torna corinthiano? Dispõe-se para sempre a este amor sem garantias?

Dois DVDs recentemente lançados, *23 anos em 7 segundos*, sobre a nossa mais longa travessia e *Fiel*, sobre a saga da série B, colhem muitos depoimentos sobre o que é ser corinthiano e em todos se nota que, como queria Chico Mendes, o Corinthians mistério é um dom divino que não depende da matéria.

No filme *Fiel*, os depoimentos só confirmam este mistério:

“Nasce com a gente, tá no DNA. E não tem reversão”.

“Eu desde pequeno só dormia com o hino do Corinthians”.

“Existe a realidade e existe a ficção, mas o Corinthians é outra coisa. E tem hora que a gente chuta pra trás a realidade e a ficção e só fica o Corinthians”.

Não deu para entender? Mas é por aí. Não há nenhum mal nessa doce confusão entre mito e realidade, como escreveu na *Veja*, no mítico ano de 1977, o jornalista Renato Pompeu: “Também o Dom Quixote de Cervantes confundiu o simbólico com o real e foi caçar moinhos de vento. E que mal há em ser Dom Quixote ou corinthiano doente?”

AUTO-DE-FÉ

Durante o mais simples jogo, a Fiel viaja sem parar entre o céu, o inferno, o calafrio e o êxtase. E, aí, vale tudo, o esconjuro com as mãos, o berro na grade

Foto: Agência Tyba

Foto: Alexandre Battibugli





...MAS A IDENTIFICAÇÃO É COMPLETA

Essa identificação com o time torna-se cada vez mais forte, absoluta. Como diz o atacante Geraldão, herói de 77: “O sujeito mora lá longe, numa favela, numa rua sem número, mas por ser corinthiano ele se sente grande”.

Na noite em que o Corinthians estava para, enfim, ganhar o título em 77, ficou famosa a frase de um torcedor que tentava entrar no campo de joelhos diante da polícia: “Não me prenda, seu guarda, que eu vou ser campeão”.

Essa identificação o faz também responsável pela sorte do time – “se eu não estiver lá, não sei o que vai acontecer” é um sentimento que atravessa os tempos, os altos e os baixos do time.

Numa bonita cena do filme *23 anos em 7 segundos*, um Basílio já grisalho está entrando para um jogo no Pacaembu, vários corinthianos fazem questão de cumprimentá-lo e dizer, com orgulho: “Eu estava lá!” Eles se referiam àquela noite de outubro, em 1977.

Essa identificação sem limites com o destino do time está expressa num cartaz registrado pelo fotógrafo Daniel Augusto: “Corinthians, jogai por nós”. Naquela mítica noite de 1977, outra faixa pedia: “Eu te amo, não me mates. Seja campeão”.

Há quem formalize essa identificação. Quando, em 2000, o Corinthians ganhou o Mundial de Clubes no Maracanã, uma torcedora de Franca conseguiu do juiz que a palavra Corinthiana passasse a fazer parte do seu nome.

...E VAI ALÉM DA DERROTA E DA VITÓRIA

Para o rapper Rapin Hood, o importante é a grande fraternidade que nos une, o resto vem depois.

Neto, ídolo do time, hoje blogueiro e comentarista de tevê, concorda: primeiro vem o time e sua mística, depois nós, os jogadores, os resultados.

Ou como canta o compositor Toquinho, outro corinthiano irremediável – “não importa ser o primeiro”.

Ou como dizia, no início de 1977, o grande escritor Plínio Marcos, torcedor do Jabaquara de Santos, mas corinthiano de vida e obra: “Esse vai ser o ano do Corinthians. E, se não for, qualquer corinthiano terá forças para esperar mais 22 anos, ou a vida inteira por um título, sem esmorecer. A glória do corinthiano é ser corinthiano”.

DOCE MEMÓRIA

Em vários depoimentos para os livros e vídeos dos cem anos, uma forte e delicada verdade: a função do Corinthians no fortalecimento da relação pai-filho





Foto: Alexandre Battibugli



O grande milagre corinthiano, completa Juca Kfourri, foi ver a sua torcida só engordar durante o mais longo jejum do time...

Ou como Chico Mendes, épico torcedor, um dia assim tentou misticamente resumir: “Ser corinthiano é um dom de Deus no qual a matéria não influi. A grandeza do Corinthians está no todo dele. Ser campeão não é importante. Somos tão felizes que Deus nos tem punido com essa longa espera – e certas diretorias”.

...VIRA SEITA , VIRA SENHA

O corinthianismo, essa religião despreziosa, generosa e solidária, pode ser difícil de definir, mas é largamente e diariamente praticado. Está no ar. As histórias se multiplicam.

Não indo longe. Quando este livro estava sendo sonhado, dois jornalistas num restaurante conversavam sobre as pesquisas necessárias. Na mesa ao lado, um rapaz ouvia tudo interessado e, no fim, bastante nervoso. Quando os dois jornalistas pensavam que se tratasse de algum palmeirense bronceado, o rapaz explode: “Vocês têm que ouvir o Pedro Paulo! Vocês não podem escrever este livro sem ouvir o Pedro Paulo!” Explicou: a casa do Pedro Paulo, no interior de Minas, era um templo, um verdadeiro consulado do corinthianismo.

Os dois jornalistas presentes também tinham suas histórias.

Um deles recebeu em casa um técnico da NET. O homem vestia um avental imaculado e explicou que o problema era na fiação lá no forro e tinha que mandar alguém para dar um jeito. Mas isso já não era com ele. Aí foi olhando, no pequeno escritório, os pôsteres, os livros, os distintivos do Corinthians, e terminou perguntando:

— O senhor é corinthiano?

— Sou.

— Então eu subo.

Já o outro jornalista andara ligando para o depósito de uma editora atrás de uns livros fora de catálogo. O diálogo com o gerente:

— Qual é o desconto para quem for buscar aí?

— 10%.

— E se for um jornalista aposentado?

— 10%.

— E se for um jornalista aposentado e corinthiano?

— 20%!

E ainda reclamou:





— Por que não disse logo?
Histórias corinthianas, cotidianas, dariam outro livro.

...NÃO TEM MEDO DO RIDÍCULO

Quem ama não teme o ridículo, dizem as canções. O que gente de respeito não faz pelo Corinthians.

Certa vez um vigário, padre Aristides Pimentel, estava batizando um menino, Eberval, quando ouviu no rádio lá fora um gol de Flávio contra o Santos. Tomado de santa alegria, convenceu os pais e o menino passou a se chamar Flávio Eberval...

Tan Tan, outro lendário torcedor corinthiano, enfrentou mil dificuldades para mudar a data do casamento que caía justo no dia de um jogo decisivo do Corinthians. Mágoa de noiva ou praga de sogra, o Corinthians perdeu.

E as superstições, as superstições. Em jogo pela TV, dizem, Rita Lee pega uma linha da cor da camiseta do adversário e passa o jogo costurando o ataque deles. Em jogo pelo rádio, Celso Unzelte baixa o volume cada vez que o inimigo ataca, para tirar a força. Hortência não tira do dedo o anel da vitória. Toquinho, para aproveitar a rima, só assiste jogo sozinho. Teve um caso de torcedor que ameaçou comprar um penico para o pai porque toda vez que ele ia no banheiro o Corinthians...

E as promessas, as promessas. Dudu Braga, filho do corinthiano Roberto Carlos, conta que uma vez, por ocasião de um jogo difícil, prometeu dar a volta no quarteirão – sem calças. Por sorte diz que tinha uma camiseta do Corinthians bem comprida...

Quem ama não teme o ridículo. No filme *Fiel*, um empresário admite: “Puxa, eu tenho 40 anos, sou um executivo e tô aqui pulando e cantando no meio de um bando de loucos. Puxa, como eu sou feliz”.

...E PEGA ATÉ NO JOGADOR

Goiano, o grande zagueiro que veio do Linense e jogou no Corinthians entre 1952 e 1957: “As lembranças que eu tenho daquela época são tão boas que dá vontade de nascer de novo só para jogar no Corinthians”.

Baltazar, que veio do Jabaquara, de Santos: “Aprendi a amar o Corinthians com todas as minha forças e jamais conseguirei pagar tudo o que ele fez por mim”.



Paulo Borges, que veio do Bangu, referindo-se à quebra do tabu contra o Santos: “Foi a melhor partida da minha vida”.

Sócrates, que veio do Botafogo de Ribeirão Preto: “Se eu pudese, eu gostaria de ter nascido no Parque São Jorge”.

Neto, que veio do Palmeiras: “O Corinthians sempre foi o time da minha vida. Sem ele, ficaria faltando alguma coisa para mim como jogador”.

Marcelinho, que veio do Flamengo: “A camisa do Corinthians já se tornou uma segunda pele. Nem que eu queira, ela nunca vai sair de mim”.

Rincón, que jogou na Seleção da Colômbia, no Palmeiras, no Santos, no Cruzeiro, no Real Madrid, no Napoli, declara no jornal *O Fiel*: “No Corinthians vivi os melhores e os piores momentos da vida; foi o time com que mais me identifiquei”.

CORINTHIANS, DOCE MEMÓRIA

Mesmo pouco mencionado, um dos bons frutos de ser corinthiano está no fortalecimento deste vínculo nem sempre fácil entre pais e filhos.

Foi com intensa e, às vezes, incontrolável emoção que alguns dos entrevistados para o filme *Fiel*, por exemplo, citaram os grandes momentos do time vividos ao lado do pai.

“Os melhores momentos da minha infância foram passados nas arquibancadas do Pacaembu ao lado do meu pai”, diz o jornalista, editor e corinthiano Marcelo Duarte.

No livro do escritor e designer Lalau, *Fiel Cem Anos*, o cientista político Rubens Figueiredo narra uma lembrança rica e sutil de um jogo do Corinthians contra a Ferroviária a que assistiu no Parque São Jorge. Lá no campo, Dino Sani dando confiança ao time. Ali, pertinho, o pai transmitindo confiança na vida: “Ao meu lado, na arquibancada de madeira, meu pai segurava a minha mão. E eu tinha a segurança de Dino Sani dentro do campo, e tinha a segurança do meu pai na arquibancada de madeira. De certa maneira, eles se pareciam. O Corinthians venceu.”

RESUMINDO

Mas há, neste pequeno grande livro do Lalau, uma história que talvez resuma tudo o que vem sendo dito sobre ser corinthiano. Nela, de forma simples e definitiva, entram família, fraternidade,



fidelidade e uma irretocável história de amor pelo Corinthians.

No primeiro jogo do Timão pela série B, o médico Osmar de Oliveira, corinthiano irreparável e, durante anos, médico do clube, vai ao Pacaembu apoiar o time com os filhos e os netos.

Ao seu lado, na arquibancada, um senhor negro de passos trôpegos e rosto abatido pede licença para contar a sua história.

Ele havia sofrido o terceiro infarto do miocárdio e sabia que o fim estava próximo. Morava no interior e, com a ajuda de um amigo, viera ao Pacaembu para – se despedir do Corinthians.

O médico abraça o velho torcedor e sente que seus filhos e netos entenderam ali e para sempre o que é ser corinthiano e o que pode ser o Corinthians na vida das pessoas.



Foto: Paulo Pinto – Agência Estado





15 A Fiel, seus símbolos, suas igrejas e sua arte

UM SÍMBOLO

SÓ PEGA SE BEM

REFLETE A ALMA DOS

SIMBOLIZADOS.

QUE NOS DIZEM

A ÂNCORA E OS

REMOS DO NOSSO

DISTINTIVO?

E SÃO JORGE?

E O DRAGÃO?

Uma vez não explicado o corinthiano individual, vamos tentar, sem muita esperança, celebrar o corinthiano coletivo, a torcida.

Da torcida nasceu e floresceu o Corinthians. O jornalista José Roberto de Aquino expressou isso numa frase hoje clássica: “Todo time tem uma torcida. No Corinthians é o contrário. A torcida é que tem um time”.

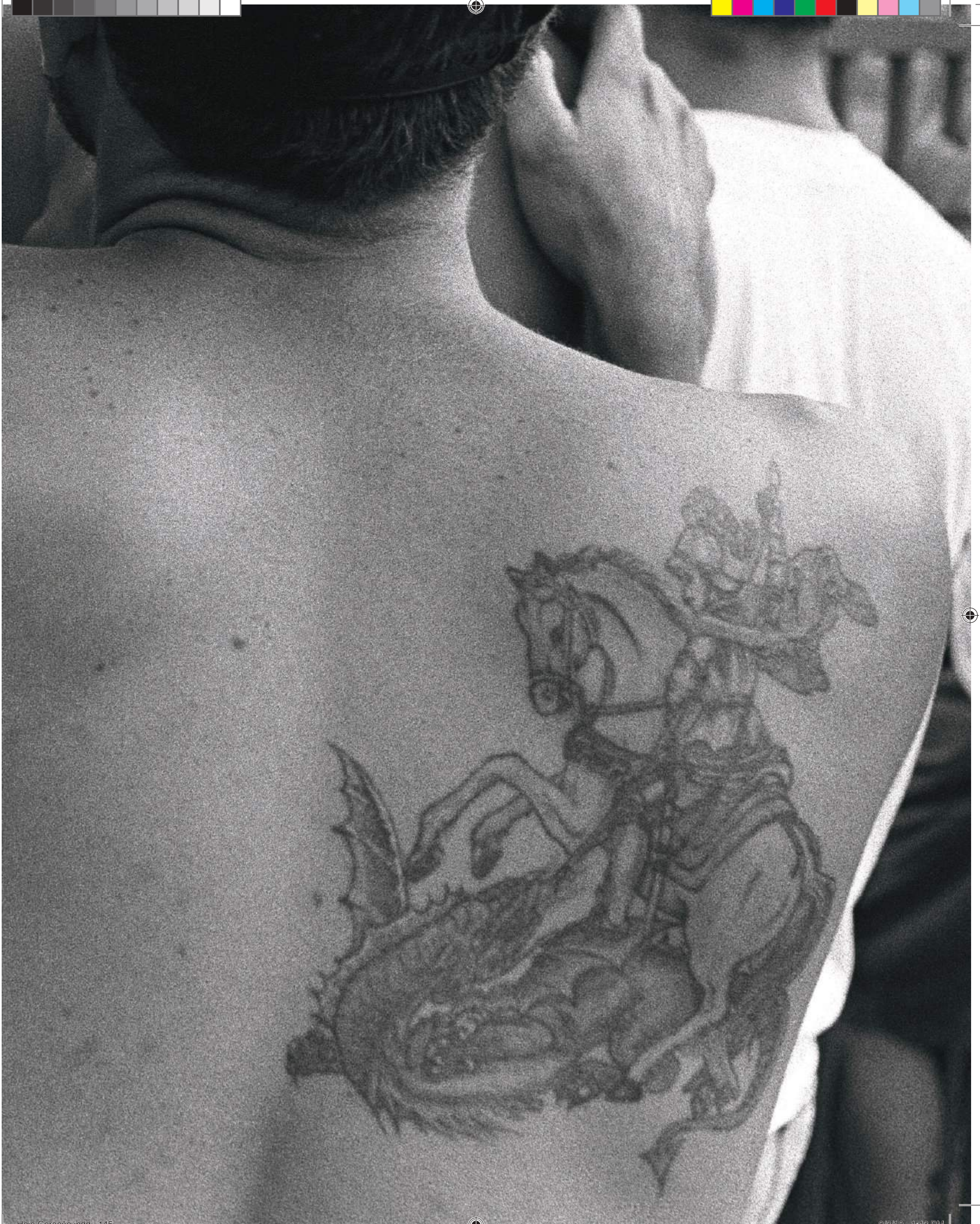
Consta que nem precisou do primeiro jogo, em 10 de setembro de 1910. Dizem que o primeiro treino do time, ali num campinho da José Paulino, foi entusiasticamente acompanhado por centenas de torcedores. Já ouvimos antes o psiquiatra Paulo Gaudêncio dizendo que corinthiano é um torcedor que até em treino aplaude, xinga e sofre.

Numa das suas últimas entrevistas, o gande Neco fala com saudade da boa e íntima relação do time com a galera: “Depois dos jogos, a gente saía abraçado com os torcedores, íamos jantar na casa de um ou de outro”.

Também numa das suas últimas entrevistas, convidado a dar uns conselhos para o time em seu longo jejum de títulos, o bravo Antônio Pereira, um dos cinco operários que fundaram o Corinthians, declarou que as diretorias do clube nunca deveriam esquecer que dinheiro não é tudo num time que nasceu e cresceu no puro amor pelo bairro e pelo futebol.

Mesmo em relação ao dinheiro a torcida faz o que pode, além de propiciar as maiores rendas e as melhores negociações com a mídia e patrocinadores, coisas que alguns marqueteiros nem sempre reconhecem. Quando Wladimir estava renovando o contrato, a Fiel achou um jeito de contribuir com as luvas. Quando a contratação de Marcelinho Carioca foi leiloada através de chamadas telefônicas, a Fiel simplesmente houve por bem engarrafar as linhas da Telesp. De tal forma compareceu que, na marra, Marcelinho terminou ficando no Corinthians.

Não é, pois, historicamente justo quando, ouvidos apenas os empresários, a torcida não é nem levada em consideração na hora em que, de repente, se vê privada dos seus ídolos. Nem quando





NO PRINCÍPIO

No princípio eram apenas um C e um P, de Corinthians Paulista, no peito dos jogadores. Depois as letras foram-se sofisticando um pouco na direção do atual formato

sua parte mais pobre é punida com ingressos exorbitantes em jogos especiais, justo ela que, para ajudar o time, não perdia nem joguinhos anônimos da série B.

A Fiel torcida deve também ser respeitada porque não é uma massa qualquer, ela tem alma própria, música própria, rituais próprios. Ela se orgulha de um distintivo que um grande pintor concebeu e um grande ator explicou. Essa Fiel tem um padroeiro tão guerreiro como ela e uma torcida organizada cujo símbolo é um gavião, bicho livre que voa alto e enxerga longe.

SOBRE REMOS E ÂNCORAS

Tudo, na história do Corinthians, nasceu caseiro e amoroso, corinthiano, a começar pelo seu distintivo, um símbolo ao mesmo tempo popular e nobre. Ele foi desenhado na década de 30 por ninguém menos do que o grande pintor Francisco Rebolo, um dos fundadores do famoso Grupo Santa Helena, do qual faziam parte artistas como Alfredo Volpi e Clovis Graciano.

O primeiro distintivo do time era apenas um elegante CP já presente no peito dos jogadores por ocasião da estreia na Liga Paulista de Futebol, em 1913. Depois as iniciais deste Corinthians Paulista foram se sofisticando e se complicando um pouco. Em 1920 o distintivo ganha uma bandeira do estado e, mais tarde, remos, bóia e âncora como a um clube de regatas convinha. Na década de 30, com muita graça e limpidez, Francisco Rebolo estilizou esses elementos náuticos e soprou um vento na bandeira. E ele não fez isso como um mero artista contratado num frio estúdio de prestação de serviços.

Francisco Rebolo Gonsales bem que merece ter sua memória eternizada no símbolo maior do time. Porque foi de coração que ele o fez. A vida inteira Rebolo teve sérias ligações com o Corinthians. Quando menino, levava marmita para o irmão José, pintor de paredes e colega de um dos fundadores do time, Antônio Pereira.

Jovem, Rebolo jogou muito futebol na mesma várzea que gerou o Timão. Foi um bom ponta-direita de times como o São Bento e o Ypiranga, sem nunca abandonar a várzea pura, onde jogava no Paulista de Aninhagem. Convidado para jogar no Corinthians, ele integrou o elenco do time campeão do Centenário da Independência, em 1922.

Francisco Rebolo foi um artista que conseguiu impressionar os críticos sem perder suas raízes populares. Operário, ponta-direita





e pintor, brilhou tanto nas Bienais de Arte como no Paulista de Aninhagem. Tem lugar tanto na grande arte brasileira como no peito anônimo de cada corinthiano que hoje ostenta o distintivo do clube cujas parcas finanças fazia questão de ajudar doando quadros.

Rebolo faleceu em 1980, sem ver no distintivo que desenhou as estrelas douradas dos três títulos nacionais nem a estrela maior do Mundial de 2000.

A âncora, os remos, a bóia e a bandeira. Muitas leituras já se fizeram destes gloriosos signos. A mais bonita talvez tenha sido aquela de Lourenço Diaféria, que o ator e corinthiano Antonio Fagundes leu num *Globo Repórter* comemorativo da conquista do Campeonato Paulista de 1988. Vale a pena ouvi-lo: “Se você olhar bem direito o distintivo do Corinthians, vai descobrir dois remos e uma âncora. A âncora é o símbolo da esperança. Os remos somos nós, torcedores corinthianos. Porque o torcedor corinthiano não tem pressa. Pode ficar vinte anos na espera. Nossa esperança é de aço, nossa esperança é eterna. O torcedor corinthiano não se cansa, rema sempre, a favor ou contra a corrente, jamais abandona o barco. É nisso que ele é melhor, é nisso que ele é valente. No distintivo do Corinthians há também uma bandeira. Olhe bem, a bandeira está aberta. O torcedor corinthiano tem tanta esperança, e rema tanto, que jamais enrola a bandeira, enquanto a bola rola em campo. Porque o torcedor corinthiano sabe, que se a bola tem coração, ela também é corinthiana”.

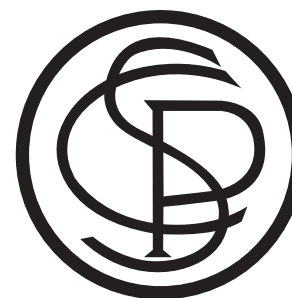
Este é o eterno recado deste distintivo e vale para o futebol do time o que seu autor, Francisco Rebolo, dizia da sua arte: “Deve-se fazer coisas de forma espontânea, com as marcas do amor e do entusiasmo, para poder se emocionar e emocionar as pessoas”.

SÃO JORGE, UM RESISTENTE

Um símbolo só pega quando de alguma forma bate com a alma daquilo que simboliza. O que vale tanto para o nosso distintivo como para o nosso padroeiro, São Jorge. Historicamente, o nome veio meio junto com o Parque comprado pelo Corinthians para construir seu estádio, em 1926.

Mas tudo indica que o santo se deu bem com a Fiel e a Fiel com ele. São Jorge foi um santo que teve que brigar até para fazer parte da série A da Igreja.

Sabe-se que foi um soldado romano convertido e martirizado na





REMOS E ÂNCORA

Aqui também houve uma evolução da bandeira estática no centro do círculo para a inclusão dos símbolos náuticos, a bandeira de treze listras desfraldada e as cinco estrelas das grandes conquistas. A arte-final foi obra do pintor Francisco Rebolo na década de 1930



Capadócia (hoje Turquia) pelo imperador Deocleciano, em torno do ano 303. Segundo a tradição popular, o soldado Jorge foi um mártir duro de matar. Torturado pela polícia do imperador, resistiu. Arrastado sobre brasas, resistiu. Enterrado vivo, sobreviveu. Um corinthiano típico. O jeito então foi decapitá-lo. Passou a ser venerado como um exemplo de fé, perseverança e rebeldia contra os poderes imperiais. Um corinthiano completo.

Devido à sua história um tanto nebulosa e pouco documentada, bem que a Igreja andou tentando rebaixar o santo do seu calendário oficial. Não foi propriamente negado, apenas rebaixado. Quando era cardeal de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, teólogo emérito e corinthiano praticante, intercedeu pessoalmente junto ao Papa Paulo VI para que São Jorge fosse reabilitado. Em sua Carta Pastoral ao Povo Corinthiano, Dom Paulo diz que “o Corinthians é o símbolo do povo que não se abate, que sabe que precisa recomeçar, e recomeça”. Estava aí claramente falando dos dois, do time e do santo. E também do Brasil da ditadura militar.

A própria imagem de São Jorge é corinthiana na medida em que expressa a dura e perigosa batalha da vida. Nela, temos um dragão medonho, corpo de serpente, cara de jacaré e garras do Zé do Caixão. Um símbolo do lado difícil, escuro e ameaçador da existência. E temos o cavalo branco, símbolo das forças do bem e da luz. E temos São Jorge que, com sua coragem e sua lança, está por nós, corinthianos deste mundo. E não custa lembrar que no Oriente, China, Japão, o dragão vem a ser, na sua poderosa irrealidade, um símbolo grandioso do poder do imaginário, do sonho revitalizador. No Oriente, até o dragão é corinthiano.

Quando o Corinthians estava caindo para a série B um grupo de devotos retirou São Jorge de sua capelinha no Parque para, em procissão, pedir a sua ajuda. Mas o santo caiu do andor e se espatifou no chão. O santo sabia. Caiu junto.

E já que estamos na área religiosa. Anos atrás, os jornais publicaram o resultado de uma pesquisa sobre a real imagem de Jesus, cientificamente concebida à luz de como eram os homens palestinos do seu tempo. Deu um homem de traços fortes, moreno. Mais para corinthiano, foi a conclusão de muitos observadores ali pelas cercanias do Parque São Jorge. Segundo eles, o Jesus louro e de olhos azuis, visivelmente palestrino, teria sido invenção da Parmalat, séculos depois.

Mas esta é uma hipótese, vamos reconhecer, sem maiores fundamentos científicos.





BRILHANDO DE NOVO NOS OLHOS DA ELISA

Tem gente que, na ânsia de explicar a profundidade do ser corinthiano, chega a citar o sombrio e inquieto teólogo dinamarquês Soren Kierkegaard: “Somente um interesse apaixonado nos faz viver plenamente”. À luz dessa frase, pode-se perguntar o que é, simbolicamente, o Corinthians. Se uma religião, uma nação ou uma fraternidade única.

Como religião leiga, não deixa de ter santos padroeiros próprios, gente que, em vida, muito amou o time e por ele se entregou.

Elisa, a torcedora-símbolo, tornou-se uma dessas devoções.

Elisa Alves do Nascimento nasceu em Tietê, no interior do estado, e muito cedo veio morar na periferia de São Paulo. A paixão pelo Corinthians foi imediata, simples e avassaladora. Em 1935 conheceu Antônio Pereira, um dos fundadores do Corinthians, tornou-se sócia do clube em 1941 e quando, em 1945, perdeu o marido, casou definitivamente com o time.

Cozinheira de patrão são-paulino, não perdia jogo e tinha lugar próprio entre a torcida. Discreta, fiel, pioneira como torcedora e mulher, ia aos jogos com duas saias para pular bastante. Foi amiga de presidentes e jogadores, o goleiro Gilmar foi padrinho do seu neto Benedito.

Quando faleceu, no dia 1º de agosto de 1987, aos 77 anos, foi enterrada, como pedira, coberta pela bandeira do Corinthians. Aquela toda branca, com o distintivo do time bordado em lantejoulas, fio de seda e purpurina.

As circunstâncias talvez não tenham permitido, mas bem que seu enterro merecia aquela canção de Laura Tetti e César Vieira que Inezita Barroso chegou a gravar – *No meio do povo Elisa agita a bandeira/ bandeira que é preta, bandeira que é branca....*

Podiam ter sidos recitados também os versos de Gioia Júnior:

*Lá vem a bandeira brincando na brisa
lá vem o Corinthians suando a camisa
buscando a vitória que o povo precisa
brilhando de novo nos olhos da Elisa.*

DOIS DEVOTOS E UM CONSULADO

Outro símbolo da alma corinthiana foi o presidente Alfredo Ignácio Trindade, um homem carismático que vivia com o time à flor da pele, e que costumava descer até o vestiário para decretar



ARTE-FINAL

Da autoria de Orpheu Maia, artista que trabalhou anos para o clube, foram os retoques finais no distintivo desenvolvido por Rebolo. Foi ele quem desfraldou a bandeira e definiu melhor os remos e a âncora. São de sua autoria também os desenhos dos presidentes na sala do Memorial do Corinthians. Abaixo, o brasão do centenário



*Sport Club Corinthians Paulista
100 anos de Glórias*





a obrigação de virar algum jogo difícil com palavras incendiadas: “Presos nos cárceres, velhos nos asilos, crianças nas favelas, todos os sofrendores deste imenso Brasil esperam de vocês um momento de alegria e esta alegria está nos pés de vocês!”

Ignácio Trindade fumava charuto, um curioso símbolo de vitórias corinthianas, iniciado em 1922 com um torcedor roxo, José Costa Martins, que acendia um charuto a cada gol do time como convidava os torcedores mais próximos a fazer o mesmo.

Chico Mendes foi outro torcedor-símbolo que não abria mão do charuto. Como lembra Oswaldo Mendes, autor do texto para o Calendário do Centenário lançado pela Editora Anotações com Arte, o último charuto de Chico Mendes foi degustado durante um solene 4 a 2 contra o Palmeiras. Naquela noite mesmo ele veio a falecer, foi velar pelo time com São Jorge lá no céu.

Isso num plano quase religioso.

Num plano mais civil, a nação corinthiana multiplica-se em consulados informais por São Paulo, o Brasil e, vai ver, o mundo inteiro. Eles são incontáveis.

Só para dar um exemplo.

Em São Paulo, na esquina da Oscar Freire com a Teodoro Sampaio, funciona um supermercado, o Luzita. O dono, José Maria Rio, de origem portuguesa e corinthiano desde os tempos de Camões, mantém ali um desses consulados corinthianos informais. Do Luzita partem romarias para os grandes jogos. Ali, em caso de vitórias do time, são erguidas faixas de celebração ou de gozações com os palmeirenses e são-paulinos do pedaço. Ali todas as quintas-feiras se reúnem amigos torcedores da região ou fora dela, dirigentes do clube (de todas as correntes) e mesmo ex-jogadores. Nos últimos anos, até um cenáculo no andar de cima foi reservado para essas alvinegras eucaristias.

Hoje, 7 de janeiro de 2010, é a primeira do ano, o ano do centenário. O advogado Geraldo Jabur conta histórias das suas muitas funções no clube. O goleiro Tobias fala da sua dor por não ter participado do segundo jogo contra a Ponte, naquele Morumbi lotado em 77. Teria pegado a linda cobrança de falta do Dicá? Ele não sabe. Mas não abre mão do orgulho de ter segurado dois pênaltis contra o Fluminense naquela invasão do Maracanã um ano antes. No fim da reunião, o porco assado foi feito e é servido, e só podia, por um palmeirense, o administrador de empresas José Augusto Belo.

Tudo dentro da mais santa paz corinthiana.

NOSSO ARTISTA MAIOR

Em 1936, Francisco Rebolo, criador do atual distintivo do clube, pintou este óleo sobre tela, intitulado Futebol. Há quem diga que se trata do seu autorretrato com a camiseta do Corinthians, de cujo elenco fez parte na década de 20

Foto: Arquivo Corinthians





00





16 Os Gaviões no time, na vida e na avenida

COMO NASCERAM,
E COM QUE SONHOS,
OS GAVIÕES DA FIEL.
E COMO ORGANIZAM
DENTRO E FORA DO
ESTÁDIO SEU GRANDE
E RUIDOSO AMOR
PELO TIME

Não é de hoje que as torcidas se organizam, que o Corinthians tem sua torcida organizada. Já na década de 40 lá estava uma delas cantando:

*Chi Bumbá, lubaraca, lubaraca-á,
zunzunzum, rarrarrá,
Corinthians
Corinthians
Corinthians!*

Como já antes entoava:

*Que é, que é?
É jacaré? Não é!
Que que é?
É tubarão? Não é!
Então o que é?
Corinthians! Corinthians!*

Com a mesma alma com que hoje canta:

*Aqui tem um bando de louco
Louco por ti, Corinthians!
Aquele que acha que é pouco
Eu vivo por ti, Corinthians!
Eu canto até ficar rouco
Eu canto pra te empurrar
Vamo, vamo meu Timão
Vamo meu Timão, não para de lutar!*

Ou ainda:

*Le e e e leleô
leleô, leleô, leleô
Corinthians!*



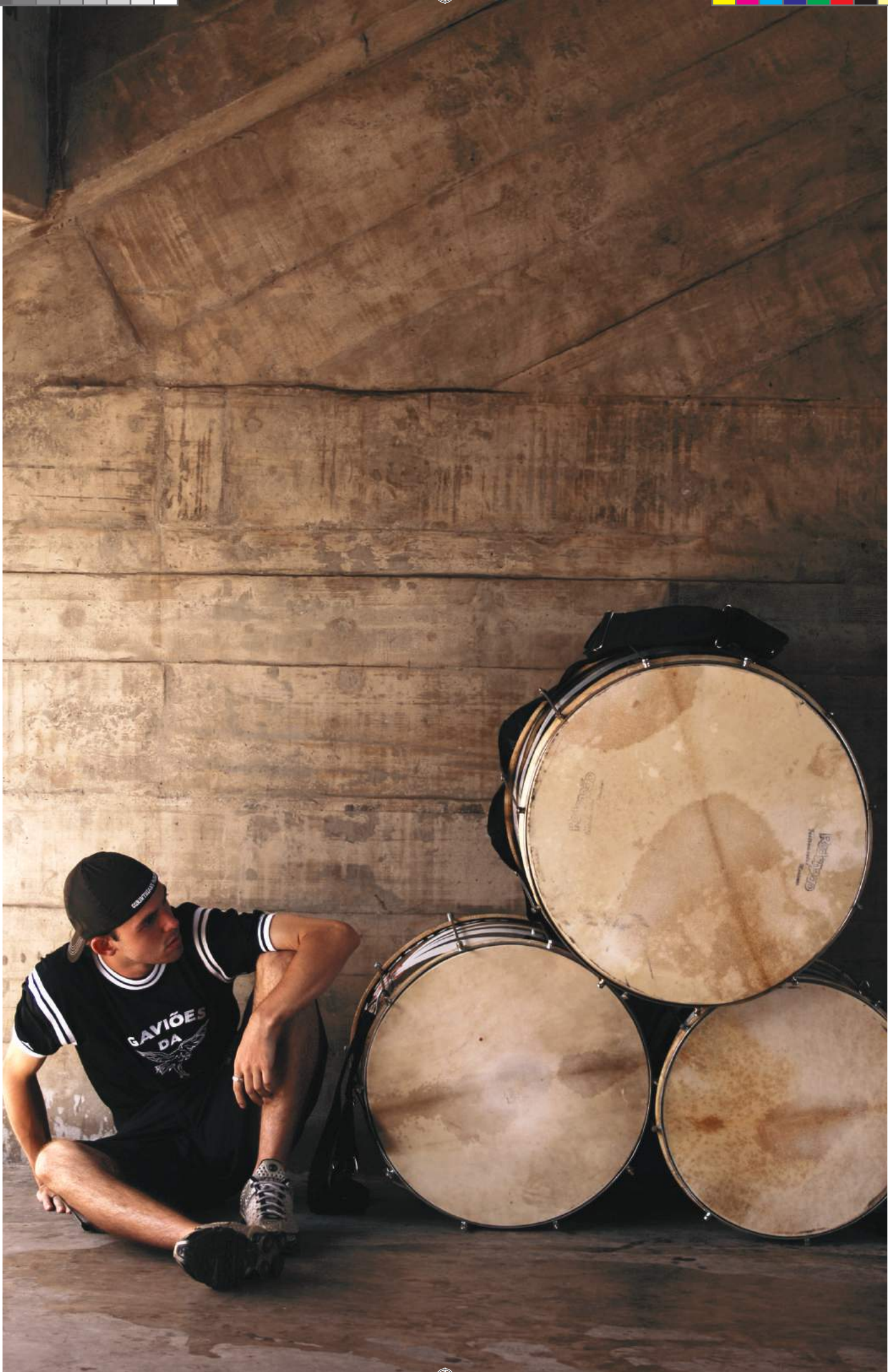


Foto: Agência Tyba





Ou então:

Corinthians
Corinthians, minha vida
Corinthians, minha história
Corinthians, meu amor.

Ou para reanimar o time:

Não para, não para, não para!...

A corinthiana talvez seja a única torcida do mundo que compõe uma trilha sonora para apoiar seus jogadores favoritos:

É Wladimir, oba! É Wladimir, oba!
Uh, Marcelinho! Uh, Marcelinho!

GAVIÕES, POR QUE GAVIÕES?

No seio dessa nação criadora e inquieta incontáveis torcidas se formaram ao longo dos tempos, Camisa 12, Estopim da Fiel, Patota do Timão, Biônicos da Fiel, Pavilhão Nove, Unidos da Barra Funda, SWATimão...

Dentre elas, por seu grau de consciência e organização, um grupo mais coeso e combativo se formou, a Gaviões da Fiel.

O ano era 1969, time em pleno jejum de títulos, quando, unidos pela mesma paixão, um grupo de torcedores começa a se encontrar também fora do estádio.

Dois líderes se destacam: Flávio La Selva, o místico recém-saído de um seminário, e Alcides Piva, Joca, do tipo intelectual-guerreiro. Havia também o Chico Malfitani, que depois faria carreira no jornalismo político, o Inaté, emérito tocador de surdo, mais e ainda o Arthur, Alfredo, Aranha, Igor, Nenê...

Eram de diferentes classes sociais. Inaté vivia na favela da Vergueiro e Chico morava na Alameda Santos, tinha até um Simca Chambord. Foi na garagem da casa dele que aconteceram as primeiras reuniões.

Descontentes com os rumos do time e sua diretoria, eles foram chegando à conclusão de que só reclamar e bater bumbo não adiantava. O time ia mal no campo e, fora dele, nas finanças. Joca era o líder teórico das reivindicações. Eles já formavam, a estas



alturas, uma torcida consciente e combativa. Nas eleições, conseguiram a queda de um presidente, mas logo se sentiram traídos e usados pelo seguinte.

Tudo isso só fortaleceu a ideia de uma torcida organizada independente que, por sugestão do jornalista Brasil de Oliveira, recebeu o nome de Gaviões da Fiel.

Por que gaviões? Porque o gavião é uma ave que voa alto, vê tudo e preza a liberdade, explicam hoje líderes históricos como Roberto Daga, José Claudio Moraes, o Dentinho, e Andres Moreno Castilho, um espanhol corinthiano de nascimento. Eles só torcem para que o crescimento quantitativo não venha ferir a qualidade de independência e rebeldia que deu origem ao grupo.

Às vezes malvistas e até perseguidos por certos cartolas, os Gaviões resistem, crescem e sua justa febre participativa nos destinos do time talvez tenha sido a primeira semente da futura Democracia Corinthiana. Porque seu amor pela democracia no futebol transcendia os muros dos estádios. Já em 1979 uma grande faixa da Gaviões pedia anistia geral para os perseguidos políticos. Anos depois, num Morumbi lotado para um jogo contra o Santos, em meio torcida uma imensa faixa clamava por *Diretas Já*.

Hoje, com cerca de 90 mil associados, eles são presença certa nos jogos do time, com sua imensa alegria, seus cantos, sua afinada bateria e aquela mítica bandeira de 143 metros de largura que cobre a curvinha do Pacaembu, solo sagrado da Gaviões.

PAZ, HUMILDADE E PROCEDIMENTO

A consciência social foi sempre marca do grupo. Na grande festa dos 29 anos de existência, em 18 de julho de 1998, a Gaviões conseguiu arrecadar, em meio a um grande show para 15 mil pessoas no sambódromo, 14 toneladas de mantimentos. Em sua sede na Marginal Tietê, a participação nas campanhas do agasalho, combate ao câncer e auxílio a flagelados já se tornou uma rotina. Como a sede fica próxima de um bairro carente, na Páscoa há distribuição de chocolate para as crianças, brinquedos no Natal e ainda um almoço comunitário no Dia das Mães. Na parede da sede, uma placa agradece a Gaviões por sua campanha de doação de sangue. O slogan foi: “Eu dou o sangue pelo meu time”.

No Dia das Crianças, o galpão-sede se transforma numa mini-disneylândia com todo tipo de brincadeiras, de segura-peão num touro elétrico a animados duelos de algodão-doce. Não só crian-





Foto: Antonio Milena - Editora Abril



DE FUTEBOL 1992







ças da favela próxima participam. Ônibus fretados trazem gente de regiões carentes de Brasilândia, Freguesia, até de Carapicuíba.

A Gaviões já cedeu um imóvel para crianças vítimas de violência doméstica e, em 1998, abriu para adolescentes da CASA (ex-Febem) uma Oficina Produtiva para confecção de adereços carnavalescos. Um gesto abençoado: com estes adereços a escola foi campeã no Carnaval de 99.

Assim vivem e vibram os Gaviões em sua sede junto à Marginal Tietê. Há os membros da jovem e da velha guarda, as grandes tias torcedoras como Ofélia, Geni, Amélia e Dirce, todos dentro de um espírito de solidariedade e democracia: em 30 anos de existência, só duas vezes o presidente ocupou mais de um mandato. Virou filosofia local a frase de um dos líderes, Júlio Toledo, o Julião: “Às vezes temos que nos pintar de fosco para que a entidade brilhe”.

Em 1982, por ocasião da Copa do Mundo na Espanha, um documentário da BBC apontava a Gaviões como um belo exemplo de torcida organizada apaixonada e solidária.

No enterro de um dos fundadores da Gaviões, o Joca, Roberto Daga mandou escrever na coroa de flores que homenageava o amigo estas três palavras: Humildade, Lealdade, Procedimento. Elas se tornaram uma espécie de lema dos Gaviões. Decência, generosidade e respeito são valores cultivados no grupo. Quando, em 1974, Pelé se despediu do futebol num jogo do Corinthians, uma faixa da Gaviões esbanjava graça e gentileza: *Maior que Pelé: só a Fiel*. Depois dos incidentes causados pelas embaixadas de Edílson na decisão do Paulista de 99, uma grande faixa da Gaviões proclamava nos jogos seguintes: *Queremos paz nos estádios*.

Mesmo assim, por sua combativa independência crítica, os Gaviões enfrentaram problemas com as chamadas autoridades. Em 1995, a liminar de um juiz proíbe as atividades da Gaviões nos estádios. Dois anos depois a liminar é suspensa, sob a correta argumentação de que uma entidade comprovadamente séria não pode ser punida pela falta isolada de um ou outro associado. Justo como pedia a música *Liminar Corinthiana* de Ernesto Teixeira e José Rifai, compositores da Gaviões: *Aqui na terra nosso Pai pagou por todos/por que todos têm que pagar por alguns?* O curioso, nisso tudo, é que o juiz que puniu a Gaviões, antes, compôs um hino exaltando a torcida como “vida dos estádios, alma do futebol, nascida para a festa livre das comemorações populares”...

Não custa lembrar que os psicólogos são unânimes em apontar o futebol como uma forte, barata e saudável catarse, isto é, in-





tensa descarga de emoções. O semiólogo francês Roland Barthes lembra que em determinadas épocas e culturas o teatro reunia a cidade inteira para uma experiência comum: o conhecimento das próprias paixões. E que esta função hoje é exercida pelo esporte. Em poucos lugares tantos sentimentos humanos podem vir à tona como durante aqueles 90 minutos de uma partida de futebol. Ali se vivem, em altas, rápidas e fortes doses, o amor e o ódio, o perdão e a revanche, o orgulho e a inveja, o medo e a autoconfiança, a resignação e a arrogância, a fé e o desespero. Tudo de brincadeira, que o esporte é essencialmente lúdico. Podem essas emoções redundar em violência? Podem, excepcionalmente. Mas nada comparável às violências deflagradas pelas religiões e pelas ideologias com sua fria capacidade encarnar o Mal e em alguém ou em algum lugar, e a mais cega necessidade de riscá-los da existência ou do mapa. Já o futebol sempre foi e sempre será, em essência, uma alegre guerra simbólica onde os soldados lutam de calças curtas, como meninos, e no fim, às vezes, ainda trocam os uniformes. Nele, tudo se resolve ali, na bola, ou em infindáveis gozações durante a semana. Ninguém morre e domingo tem mais.

Filosofias à parte, vamos voltar à Gaviões, que ela ainda tem mais para contar, na sede e no Sambódromo.

SÁBADO, CULTURA E FRALDÁRIO

Neste sábado, 9 de janeiro de 2010, dois eventos movimentam ainda mais a animada sede de Gaviões: a Arquibancada Literária, exposição e venda de livros sobre o Corinthians, e a inauguração de um fraldário junto aos banheiros.

No pequeno escritório do segundo andar, o papo corre solto.

Quem chega? Rob Cavallini, jornalista britânico que está escrevendo sobre o Corinthians inglês e, enquanto mora em São Paulo, no Tatuapé, também sobre o nosso Corinthians. Ele veio perguntar a que hora sai o ônibus amanhã para o jogo contra o Monte Azul, em Ribeirão, pelo Campeonato Paulista. Perguntado sobre qual seria hoje o mais corinthiano e sofredor dos times ingleses da primeira divisão, ele pensa um pouco e acha que é o Newcastle, que há 55 anos não ganha um campeonato... Mesmo assim, seus torcedores não arredam o pé do estádio, 50 mil a cada jogo, há décadas e décadas. Tudo irmão, tudo irmão.

Quem chega? Sócrates em pessoa. É cercado, aclamado, fotografado e pateticamente abraçado por um torcedor que declara:





A Gaviões conta e canta na avenida os





100 anos de uma paixão sem fim

Foto: Folha Press





Foto: Folha Press





Fotos: Folha Press





“Que Ronaldo, que Roberto Carlos, meu ídolo é este aqui: chutava até pra trás!”

Quem chega? Marlene Matheus. Ela e Sócrates ficam um bom tempo sentados no sofá de mãos dadas, fraternos. Sócrates fala em desfilas na Gaviões na Ala da Democracia Corinthiana, Marlene diz que também topa desfilas junto. Sócrates vibra: “Quem diria, a família Matheus enfim aderindo à Democracia!”

Vicente Matheus é carinhosamente lembrado. Sócrates acha que transferiu para ele as brigas que tinha com o pai. Alex, que já era presidente da Gaviões, lembra o dia em que foi falar com ele e, de nervoso, ficou abrindo clipes, um atrás do outro. No fim, Matheus, emérito mão-de-vaca, foi consertando os clips um a um e no fim disse: “Ó, ainda dá pra aproveitar.”

Um desses corinthianos épicos, Alex até casou ali na sede da Gaviões, com fundo musical da bateria e bênção do padre Nei, da Paróquia de Santana, devoto corinthiano. Na campanha pela série B, passou com mais oito companheiros 12 dias na estrada dentro de uma van: depois de torcer em Brasília no jogo contra o Gama, foram a Natal enfrentar ao ABC.... Sócrates lembra de um dia de gelado inverno em que o Corinthians foi fazer um amistoso qualquer em Montevideu: “Um frio de rachar. No Estádio Centenário, uns 100 uruguaio e uns duzentos corinthianos. Eu me perguntando: como é que pode?”

Mas o assunto volta à Democracia e Sócrates lembra que não é só no futebol: dirigentes em geral não gostam muito de povo organizado e consciente. E mais: o futebol brasileiro vai ser outro no dia em que os cartolas se preocuparem mais em melhorar o espetáculo aqui dentro do que em vender os artistas lá fora.

Sócrates desce para espiar os livros e conhecer o novo fraldário.

O clima é de muita fraternidade e alegria.

Amanhã cedo parte um ônibus de gaviões que, de pá e enxada, vão apoiar a remoção de escombros em São Luís do Paraitinga, cidade arrasada pelas enchentes. Com o apoio da subsede da Gaviões no Vale do Paraíba.

OS GAVIÕES NA AVENIDA

Aos poucos, pelo mérito e força da sua própria batucada, formada por bambas de todas as escolas, especialmente da alvinegra Vai Vai, cresce entre os Gaviões a ideia de voos próprios no carnaval paulista. Eles podiam contar, por exemplo, com Vinho Tinto,





o melhor cuiqueiro de São Paulo, e muitas feras em outros instrumentos. Os Gaviões passam então a fazer parte do carnaval paulista com seu bloco próprio, com espetacular sucesso: entre 1976 e 1988, vence 12 vezes e uma vez foi vice-campeã.

Em 93 a escola passou para o Grupo Especial, onde, em 95, ganha seu primeiro título. Sagra-se campeã do Grupo Especial em 1999, 2002, 2003; por três vezes foi campeã do Grupo de Acesso. Em 2004, quando tudo apontava para o tricampeonato, os Gaviões vivem no Sambódromo seu corinthiano destino: um acidente com um dos carros alegóricos rebaixa a escola. Mas, bons corinthianos, eles voltam e, mais corinthianos ainda, sacodem a poeira para se tornarem campeões disparados do Grupo de Acesso.

Escritor, cantor e compositor, agitador cultural do time, gavião desde 1976, Ernesto Teixeira é, desde 84, o intérprete do samba-enredo nos desfiles da Gaviões. Roberto Daga, outro gavião histórico, é diretor da bateria e tem honrado um posto que já foi do famoso Mestre Feijoada. Destaque também para Ianes Tsukalas, o Grego, que já venceu seis concursos de samba-enredo e compôs o samba *Coisa Boa é para Sempre*, que deu à Escola seu primeiro título no Grupo Especial. Ao assumir a presidência da Gaviões Torcida, em 1993, José Claudio Moraes, o Dentinho, tão bem estruturou a Gaviões Escola que ela foi vice em 94 e campeã em 95.

Em 2010, o enredo celebrou, e só podia, o centenário do clube. Sob as asas de um imenso gavião semovente, o enredo “Corinthians... minha vida, minha história, meu amor” pegou o time em 1910 no Bom Retiro e veio com ele, suas glórias e dores, até 2010.

Desfilaram craques como Ronaldo e Basílio, ex-dirigentes como Adílson Monteiro Alves, um dos mentores da Democracia Corinthiana, e Marlene Matheus, a vibração corinthiana em pessoa.

A certa altura, o samba-enredo assim fala do time que celebra:

Derrubou barreiras, questionou!

E quem diria?

Surgiu um ideal: democracia.



17 Quando a democracia foi a nossa bandeira

UM FILÓSOFO
ESPONTÂNEO,
VICENTE MATHEUS,
E UM MÉDICO COM
NOME DE FILÓSOFO,
SÓCRATES, FORAM
PERSONAGENS DE
UM MOVIMENTO QUE
DISSE A QUE VEIO,
DENTRO E FORA
DO CAMPO

O difícil não é fácil. De gole em gole a galinha enche o papo. Depois da tempestade, vem a ambulância.

Isso é uma faca de dois legumes. Jogador tem que ser completo como o pato, que é um bicho aquático e gramático.

Minha gestação foi a melhor que o Corinthians teve.

Vou inclusive anestesiá-los os sócios inadimplentes. Por isso, na eleição, todos deviam naufragar meu nome.

E haja o que hajar, o Corinthians vai ser campeão.

Nem precisa citar o autor dessas reflexões. E hoje, lá no céu, Vicente Matheus nem vai se incomodar com toda essa errática filosofia que lhe atribuíam na terra. Já em vida não se incomodava. Para Washington Olivetto, quando, numa festa, ele agradeceu à Antarctica pelas Brahmas recebidas, estaria inclusive apenas profetizando a criação da AmBev.

E quando foi a Cuba se tratar de um logotipo, bem sabia que era de vitiligo que se tratava...

Nascido em Toro, na Espanha, Vicente Matheus chega ao Brasil no ano do primeiro campeonato do Corinthians, 1914.

Ainda menino, um dia entrou em campo com a camisa do Corinthians, num jogo contra o Germânia. Estava ali selado seu destino, uma paixão sem fim pelo time. Foi o homem que mais vezes presidiu o Corinthians, de 59 a 61, de 72 a 81 e, por fim, de 87 a 91. Sem contar o período entre 91 e 93 em que foi vice plenipotenciário da sua mulher, Marlene.

Pode-se discutir os acertos ou equívocos das suas várias administrações, mas não a pureza e inteireza do seu grande coração corinthiano. Tinha fama de autoritário, centralizador e pão-duro, mas, empresário bem-sucedido, não hesitava em botar a mão no próprio bolso para ter no Corinthians craques como Almir e Pa-lhinha. Nesses casos, aliás, revelava-se um negociador duro mas decente e cumpridor do combinado. No mais, matreiro e manhoso. Anunciava um tal de Lero-Lero, do Bahia, e vinha de Biro-Biro, do Sport Recife. Insinuava que ia trazer Falcão, do Inter, e lá vinha com Sócrates, do Botafogo.

Sócrates. Ironias da história. Matheus, o iletrado, o autoritário,





Foto: J. B. Scalco - Editora Abril





Foto: Antonio Lúcio Agência Estado



traz para o Corinthians um homem com nome e cabeça de filósofo, e de filósofo da Grécia, berço da democracia. Foi outro grande e fecundo sacrifício que Vicente Matheus, querendo ou sem querer, fez pelo Corinthians. Porque Sócrates era uma faca de dois legumes: além de bom de bola, haveria de se tornar o símbolo de uma era também fora do campo.

ANO SIM, ANO NÃO...

Retomando nossa história: em 78 o Corinthians não fez feio no Paulista, mas foi apenas um ano de ajuste da dupla Sócrates-Palhinha. Foi campeão só do primeiro turno. Segundo Juca Kfourri, o time ainda estava de ressaca pela festa de 77...

Tudo indicava que 79 seria o ano de um cada vez mais imbatível Palmeiras. Tão demolidor andava que Vicente Matheus conseguiu arrastar a decisão do campeonato para o início de 1980, quando Sócrates, Palhinha e o resto do time já estavam devidamente afinados. As semifinais ficaram para janeiro, Corinthians x Palmeiras e Ponte x Guarani.

O Corinthians acaba com o poderoso Palmeiras com um gol de Biro-Biro, de canela, e, como em 77, vai para outra melhor de quatro pontos contra a Ponte. Só que agora foi mais tranquilo. Ganha a primeira, empata a segunda e vence a última, 2 a 0. Campeão de 1979!

Já tinha carro com adesivo anunciando: “Já tô com o saco cheio de ser campeão.” Ou corinthiano cantando, inebriado: “Ano sim, ano não, o Corinthians é campeão”. Em 68, depois de um jejum de onze anos contra o Santos, saiu do estádio cantando: “Um, dois, três, o Santos é freguês!” Corinthiano tem esse lado sobranceiro. Na ruim, aguenta firme; na boa, com a mínima glória se lambuza. Tripudia.

Mas o time logo voltaria a si. Aos seus altos e baixos.

Ainda em 80, fomos bem tanto no Brasileiro como no Paulista, mas sem títulos.

Já 81 foi um destes típicos anos corinthianos, cheio de derrotas inexplicáveis e viradas que ninguém espera. No Paulista foi tão mal que, no Brasileirão, teve de disputar a Taça de Prata, uma espécie de série B para times mal colocados no estadual. Mas tão bem se saiu contra times como o Leônico da Bahia e o Colatina do Espírito Santo que no mesmo ano foi promovido para tentar a Taça de Ouro, onde fez bonito, ficando em quarto lugar.

PELAS DIRETAS LÁ

Na véspera das primeiras eleições diretas para governador, Casagrande, um dos democratas mais conscientes da equipe, estimula o comparecimento às urnas. Ele e o time inteiro



NOVOS ARES NO PARQUE

A estas alturas, num Brasil ainda sob ditadura, um vento fresco de sonho e liberdade começa a soprar ali pelas bandas do Parque São Jorge.

A estas alturas, o Corinthians já contava, além de Sócrates, com um garoto comprido e hábil de 19 anos, Walter Casagrande, e um meia de talento, Zenon, que se juntavam a craques da casa como Wladimir, Zé Maria e Biro-Biro para formar, com o apoio de uma diretoria arejada, um bom time em campo e, fora dele, uma nova visão de relações humanas e profissionais no acanhado e intimidado mundo do futebol.

E tudo começou, outra vez, com Vicente Matheus.

Naquele final de mandato, em 1981, o presidente Matheus bem que gostaria de continuar no cargo, mas reeleição era contra os estatutos do clube e ele apostou no testa-de-ferro errado.

Uma vez eleito com seu apoio, o empresário Waldemar Pires resolveu atuar por sua própria conta e risco. Não só diminuiu os poderes do vice, Vicente Matheus, claro, como convidou para ser diretor de futebol um jovem e voluntarioso sociólogo, Adílson Monteiro Alves.

E o Corinthians passou a viver uma brilhante, breve e fecunda era, dentro e fora do campo: a Democracia Corinthiana.

DA DEMOCRACIA PELO FUTEBOL

A expressão Democracia Corinthiana teria sido cunhada pelo jornalista Juca Kfoury durante um debate na PUC de São Paulo. Em pleno regime militar, ele teria dito, como quem não quer nada, “lá no Corinthians pelo menos eles estão experimentando a democracia”.

O movimento não surgiu de repente, foi uma combinação de fatores que foi reunindo dirigentes, jogadores e mesmo técnicos na direção de uma maneira de perceber o futebol. O próprio Sócrates, seu líder mais expressivo, chega ao Corinthians em agosto de 78 e revela-se decisivo no título paulista de 79, mas, com o resto do time, atravessa maus momentos em 80 e 81.

No final desse complicado ano de 81, o Corinthians faz uma excursão pela América Central e ali, longe de casa, a boa cabeça do vice-presidente de futebol, Adílson Monteiro Alves, propicia discussões sobre a situação do time, que não era lá muito boa, e





sobre a melhor maneira de formar uma equipe consciente dos seus direitos e responsabilidades.

E tudo o que até então vinha de cima, pronto e obrigatório, passa a ser objeto de debate e votações, do horário dos treinos à necessidade de concentração. A ideia era que todos participassem do que a todos dizia respeito, da diretoria aos jogadores, do técnico ao massagista. Até então, como lembrou Sócrates numa entrevista, o jogador de futebol era tratado de forma paternalista e autoritária, o que vinha resultar num ser humano infantilizado e dependente, apesar de todo o eventual sucesso financeiro.

O time, espiritualmente, voltou outro dessa excursão. E as conquistas se seguiram, dentro e fora do campo. Uma das primeiras foi o fim da concentração obrigatória, tese defendida por Sócrates. Jogadores casados podiam passar a noite com a família, solteiros deviam se apresentar até as 22 horas da véspera do jogo. Atletas e comissão técnica passaram a ter direitos sobre a renda dos jogos. As novas contratações eram democraticamente discutidas. Mesmo a do técnico. Durante o Brasileiro de 1983, Zé Maria foi escolhido para substituir Mário Travaglini. Sócrates foi voto vencido na contratação do goleiro Leão, mas depois honestamente concordou com o acerto dos colegas.

Jogador também pensa, entende de futebol e pode se tornar parte viva dos destinos e decisão do clube. Essa participação mais consciente redundava num melhor ambiente, mais envolvimento e mais alegria de jogar. Há mais dedicação e solidariedade. Quem ouve e respeita tem o direito de exigir mais. Esse era o espírito da Democracia Corinthiana.

O jogador é um trabalhador que deve exercer seu ofício e também um artista que tem de exhibir sua arte à luz da paixão, às vezes impiedosa, de milhares de torcedores. Mesmo sem grande cultura formal, ele tem muito a dizer sobre a melhor forma de exercer sua arte. Havia bons precedentes na história do Corinthians e do futebol. Homens da estatura de um Neco, Amílcar Barbuy, Roberto Belangero. Luizinho, Cláudio, Didi, Gérson – já não eram marionetes infantilizadas tão ao gosto de agentes espertinhos ou diretorias manipuladoras.

Esses conceitos justos e simples logo tiveram o apoio de pessoas lúcidas e coesas. O presidente Waldemar Pires apoiava Adílson que, por sua vez, soube se assessorar de pessoas igualmente brilhantes como o publicitário Washington Olivetto na vice-presidência de marketing, o jornalista José Roberto de Aquino na comu-





Foto: Sergio Berezovsky







nicação, o psiquiatra Flávio Gikovate na assistência psicológica dos jogadores. Esse clima de confiança se estendeu a todos. Frase do preparador físico Hélio Mafía: “Posso confessar que foi na Democracia Corinthiana que vivi os melhores momentos do futebol”. O técnico Jorge Vieira também soube lidar com esse momento do time e Mário Travaglini até escreveu um livro a respeito dela.

Mas nada seria possível sem uma equipe, toda ela boa de bola e de cabeça. Sócrates, Casagrande, Zenon, Zé Maria, Wladimir, Juninho, Biro-Biro, Alfinete... Alguns deles, como Wladimir e Zé Maria, assumiram mais tarde suas vocações políticas, sendo eleitos vereadores.

O fato é que, num país sob ditadura e censura, esse Corinthians democrático mostrou-se corajoso e sensível ao que se passava na cena política brasileira. E não só entre os jogadores. Já em fevereiro de 79, antes de uma partida contra o Santos, em meio à torcida corinthiana é erguida uma faixa pedindo anistia para os perseguidos políticos. Por ocasião da emocionante vitória de 1977, o corinthiano Cardeal Arns, um desassombrado defensor dos direitos humanos, havia dito: “Tenho certeza de que a vitória do Corinthians deve levar a outras vitórias essenciais na vida”. Frase, na época, do sociólogo Sérgio Micelli: “A esta altura o Corinthians é menos um time do que uma militância, menos uma torcida desinteressada do que uma organização embrionária de anseios populares”.

Nesse clima, às vésperas das primeiras eleições diretas para governador desde 1966, em 1982, o time entra em campo com um claro recado na camisa: “Dia 15, vote”. Em 1983, na noite em que se sagraria bicampeão paulista, o time desfraldou em campo uma faixa de 10 metros: “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”.

Ganhar ou perder... Uma pequena ou grande revolução não pode ser medida por seus frutos imediatos, mas pelos novos ventos que sopra. Só para citar duas das mais grandiosas figuras da humanidade, Martin Luther King e Nelson Mandela não foram imediatamente bem-sucedidos. Mas quis o destino que a Democracia Corinthiana, além de inovadora, se revelasse também pródiga em títulos e emoções.

E olha que nos Paulistas de 82 e 83, em plena vigência daquela democracia interna, o São Paulo tinha tudo para acabar com todos os sonhos dos adversários.

Vejam como não foi bem assim.

Foto: Ronaldo Kotscho – Editora Abril

Foto: Arquivo Corinthians





UM QUE DAVA O SANGUE

Ferido no supercílio durante um jogo contra a Ponte em 79, Zé Maria insiste em continuar em campo e a torcida logo entendeu o significado daquele sangue na camisa.

Depois de 13 anos, em 1983, o Super Zé se despede do futebol num jogo contra o Palmeiras.

Saiu aplaudido pelo estádio inteiro, incluindo os palmeirenses



A DEMOCRACIA EM CAMPO

O São Paulo tinha tudo para levar o Paulista de 82.

Tinha Waldir Peres, Oscar, Darío Pereyra, Marinho Chagas, Serginho... Mas o Corinthians contava com a dupla de Sócrates, mais o goleador Casagrande, o regente Zenon, o inesgotável Biro-Biro, e ainda os imortais Zé Maria e Wladimir, e um sonho só: trazer a democracia para o futebol.

Ganhou o primeiro turno e foi para as finais com o São Paulo.

No primeiro jogo deu Corinthians, Sócrates 1 a 0.

No segundo também, Biro-Biro, Biro-Biro e Casagrande. 3 a 1.

Em 83, já com Leão no time, o espetáculo continua.

Nas semifinais, no primeiro jogo contra o Palmeiras, um carapato verde, Márcio Alcântara, cola em Sócrates de tal forma que o Doutor só de pênalti consegue fazer o gol do empate por 1 a 1.

No segundo jogo, Sócrates já aos 21 minutos humilha seu carapato, faz um 1 a 0 e passa o resto do jogo andando pelo campo todo, com Márcio Alcântara correndo atrás. A coisa vai ficando cômica. A torcida percebe e delira.

Na final contra o São Paulo, Sócrates faz o gol da vitória no primeiro jogo: 1 a 0. No segundo, aos 46 do segundo tempo, passe de Zenon, de calcanhar, gol do Doutor. Corinthians bicampeão, apesar do empate por 1 a 1.

A Democracia Corinthiana era tão democrática que mesmo quem não estava na sua linha de frente podia ser um ídolo do time. Foi o caso do pernambucano Biro-Biro, com sua fala mansa, seu futebol dedicado, sua encaracolada cabeleira holandesa contrastando com a pele queimada pelo sol do Recife.

Era tão popular que, nas eleições para senador em 1978, recebeu, de graça, 60 mil votos, 20 mil a mais de quando, mais tarde, se elegeu vereador. Em campo, era um polivalente, marcava, armava e conferia. Na vitória contra a Ponte pelo título de 79, brilhou na meia-direita. Em 82, contra o São Paulo, foi como pontaesquerda que enfiou uma bola entre as pernas de Waldir Peres. No ano seguinte, repetiu a dose contra o São Paulo, só que agora pela ponta-direita. Em 88 foi um eficiente volante na vitória do título contra o Guarani. Deixou o Corinthians naquele ano, depois de 10 anos e 589 jogos com a camisa do Timão. Com outra, nunca repetiu o sucesso.

Mas a Democracia Corinthiana até hoje é tão lembrada, foi vista de tantas maneiras que ainda merece mais algumas reflexões.





LIBERDADE COM RESPONSABILIDADE

A Democracia Corinthiana teve seus críticos ferozes. Claro que empresários espertinhos e diretorias manipuladoras preferem jogadores infantilizados e inibidos por um sistema onde, por mais que joguem bola, como pessoas não amadurecem.

No Corinthians, qualquer tropeço do time era atribuído “à bagunça reinante depois dessa tal Democracia”.

Um fato foi a gota d’água. Nas quartas de final do Brasileiro de 84, Sócrates não pôde jogar porque se contundira num jogo de futebol de salão em Ribeirão Preto, sua terra. O Flamengo ganha, 2 x 0. Era o cúmulo da permissividade, bradou a oposição, permitir que um jogador ande por aí disputando peladas.

No jogo de volta, em São Paulo, o Doutor estraçalha. Corinthians 4 a 1, baile regido por um Sócrates de tornozeleiras, ainda estava machucado, só que amarelas, que era a cor oficial da campanha Diretas Já.

Naquele ano mesmo, 1984, a exemplo do grande radialista Osmar Santos, Sócrates vai para a linha de frente da campanha por eleições diretas para presidente. Participa do histórico comício de um milhão e meio de pessoas no Vale do Anhangabaú e à revista *Placar* declara que não deixaria o Brasil caso a emenda Dante de Oliveira, que restabelecia imediatamente as eleições diretas para a presidência da República, fosse aprovada em votação no Congresso Nacional.

Não foi. No dia 16 de abril, a emenda das Eleições Diretas foi derrotada por 22 votos num Congresso Nacional omissivo. No dia 18 de abril, Sócrates aceita ser transferido para a Fiorentina, da Itália. Partiu desencantado com a política brasileira.

A Democracia Corinthiana foi e será objeto de discussão no futebol brasileiro. E é bom para o futebol que assim seja. Aos que a confundiam com mera bagunça, Sócrates na época respondia: “Este é o país onde mais se bebe cachaça no mundo e parece que eu bebo tudo sozinho. [...] Não querem que eu beba, fume ou pense? Pois eu bebo, fumo e penso. Não fico escondendo as coisas. É importante ressaltar que nenhum dos jogadores confunde democracia com anarquia. Ao contrário, quem participa de uma decisão tem mais responsabilidade sobre ela. Como resultado disso tudo, vivemos menos tensos e mais satisfeitos”.

Um dos técnicos da Democracia, Mário Travaglini, confirma essa visão do Doutor: “Jamais o time, enquanto eu fui o seu trei-



nador, esteve acéfalo. O fato de incentivar a participação de todos os atletas não lhes dava o direito de agir como bem entendessem. Todos agiam com liberdade, mas preservando a responsabilidade, os deveres e as obrigações naturalmente impostos pela própria estrutura que fomos montando com o passar do tempo”. Travaglini ainda faz questão de ressaltar que “naqueles tempos da Democracia, não só a liberdade era exigida, mas o fim das vaidades pessoais. E Sócrates dava aula de humildade”.

UMA SELEÇÃO SEM ALMA COLETIVA

Em 1984, o Corinthians quase chega ao tri. Quase. Tem no time uma constelação de craques comprados em parte com o lucro da venda do Doutor.

Mesmo assim vai mal no primeiro turno do Paulista, termina em quarto.

No segundo, reage bonito, ganha 22 em 24 pontos disputados.

Na final, é só vencer o Santos para chegar ao tri, mas perde, 1 a 0, gol de Serginho Chulapa.

Em 85 o time entra em campo com uma chamada Seleção Corinthiana. Puro jogador de seleção, Carlos, Édson, Juninho, Wladimir, Dunga, Casagrande, Serginho Chulapa, João Paulo, Paulo César... E De León, da seleção uruguaia, contratado por uma fortuna na época. O sonho do Corinthians era celebrar gloriamente seus 75 anos de existência, com a conquista, inclusive, do Mundial de Clubes.

No Brasileirão, foi eliminado num grupo que tinha o Coritiba, o Joinville e o Sport.

No Paulista, foi melhor um pouco.

Um pouco. Para ficar entre os quatro finalistas, viveu um milagre. Na manhã em que precisava ganhar do Comercial de Ribeirão Preto, perde por 1 a 0. À tarde, no Parque Antártica, o Palmeiras, que precisa ganhar do XV de Jaú para ficar com a vaga, também perde, 3 a 2. Mas, no fim, a vaga para as semifinais fica com a Ferroviária de Araraquara, que ganhara na Justiça os pontos de um jogo anterior contra o próprio Corinthians.

Enfim, uma Seleção com muito talento e pouca alma. Ou sem aquela coesão interna, fruto do respeito mútuo, pelo qual a Democracia tantas batalhas enfrentou. Ao voltar para o Santos no fim de 85, Serginho Chulapa declarou que vinha de um ano de férias no Corinthians...

Foto: Nico Esteves







18 Neto e os operários do primeiro título nacional

CORINTHIANS
DOS IMPOSSÍVEIS.
QUANDO O PAULISTA
PARECIA PERDIDO, VAI
LÁ EM CAMPINAS E
VIOLA...
QUANDO NEM
ESPERAVA MUITO SER
CAMPEÃO BRASILEIRO,
TUPÃZINHO ESTICA A
PERNA E...

Todo time exige certa dose de amor paciente, mas, no caso do Corinthians, haja coração.

Bem, pelo menos esse amor corinthiano está livre da chaga maior dos amores deste mundo, que é a monotonia. Essa o corinthiano não conhece. Ele sabe que o Corinthians tanto complica jogo fácil como vê baixar um anjo nos mais impossíveis.

Bem que dom Paulo Evaristo Arns, que é teólogo e humanista, diz em seu livro que duas coisas básicas o Corinthians não para de nos ensinar, a paciência e a esperança.

No período pós-democracia, o Corinthians passou a sonhar firme com o grande título que lhe faltava, campeão brasileiro.

E, como vamos ver, chegou lá, em 90. Mas do seu jeito, submetendo a Fiel a emoções de toda a ordem, entre trancos, relâmpagos e, no Paulista, um toque mágico de Viola.

87, O ANO DO GATO PRETO

Depois de 85, os craques bandeirosos, como Dunga, Serginho, De León, vão embora, e chegam os operários remadores, Wilson Mano, Jacenir.

Não dá certo logo. Em 86, o time fica ali ali, tanto no Paulista como no Brasileiro.

No ano seguinte, 87, reencontra seu corinthiano e imprevisível destino. Faz um primeiro turno pavoroso, chega a ficar sete jogos sem ganhar nenhum, termina lá embaixo, ao lado do Bandeirante de Birigui. Não foi chamado de Faz-me Rir porque o bolero, aquele, não estava mais nas paradas.

No segundo turno, dispara, corinthianamente.

Na vitória de 1 a 0 contra a Inter de Inter de Limeira, um gato preto misteriosamente atravessa o campo. Foi um bom sinal. Como no Corinthians tudo é meio ao contrário, foi o sinal. Dias depois, num difícil jogo contra a Ponte (sempre ela nas encruzilhadas), uma bela vitória por 3 a 0.

O time passa 19 jogos sem perder e, na semifinal, vai lá e tasca 5 x 1 no Santos, quatro do centroavante Edmar.

Foto: Ricardo Correa - Editora Abril







Foto: Ricardo Correa – Editora Abril





Foi perder só as finais contra o São Paulo, 2 x 1 e 0 a 0.

Uma pena, mas depois de tanto sapo enterrado, esse louquíssimo 87 foi o grande ano do gato preto, da maldição reversa.

VIOLA EXECUTA O GUARANI

Em 88, mais emoções. Para chegar à final contra o então poderoso Guarani, três pedreiras: São Paulo, Palmeiras e Santos.

O São Paulo vencia por 2 a 0 quando um guerreiro chamado Éverton empata, com direito, no segundo gol, a encobrir o goleiro Rojas, sim, aquele mártir simulado do Brasil x Chile de 89 no Maracanã. Depois de empatar de novo com o São Paulo e vencer o Santos, vai enfrentar o Guarani, que tinha Ricardo Rocha, Neto, Evair, João Paulo e mais as vantagens do empate e da final em casa.

No primeiro jogo, em São Paulo, o gol do ano: Neto para o Guarani, de bicicleta, quase uma humilhação. Um gol tão fantástico que quase ninguém percebeu que Édson havia empatado para o Corinthians.

Antes da final em Campinas, tanto ainda se falava na bicicleta do Neto que Vicente Matheus começou a fazer pouco: “Ora bicicleta. Domingo nós vamos enfiar uma lambreta neles”.

Mas o jogo foi tenso, travado, um 0 a 0 com prorrogação e onde o empate era deles. A hora da lambreta começou com um chute completamente torto de Wilson Mano. Todo mundo ainda se lembra: a bola, que ia fora, reencontrou o bom caminho nos pés de um menino de 19 anos chamado Viola.

Na tribuna de honra, Washington Olivetto, publicitário e corinthiano, comentou com Benito Juarez, bugrino e músico: “Maestro, acho que hoje o Corinthians executou o Guarani. Com Viola”.

Era o vigésimo título do maior campeão de São Paulo.

QUASE, QUASE, PURO QUASE

Aí recomeça. No Brasileiro de 88 o Corinthians vai mal e, no Paulista de 89, a única alegria foi ver o Palmeiras perder de 3 a 0 para o Bragantino e prolongar seu jejum de 13 anos sem título.

89 foi o primeiro ano da Copa do Brasil e, nas quartas de final, contra o Flamengo, o Corinthians emocionou. Perdeu a primeira no Rio, 2 a 0, precisava tirar a diferença no Pacaembu, mas até os 24 do segundo tempo o jogo se arrastava num travado 1 a 1. Para continuar na competição, o time precisava fazer, no mínimo, 4 a 1.

EXECUTANDO O GUARANI

Na decisão do Paulista de 88,

Edmar na Seleção, o técnico

Jair Pereira escala o menino Viola que,

aos 5 minutos da prorrogação, desvia

um chute de Wilson Mano e dá o título

ao Corinthians. Para o Guarani,

o empate bastava



E fez: Giba, Eduardo e Neto, 4 a 1. Mas, aí, Júnior, aos 42...

No Brasileiro de 89, mais um quase, um doloroso quase. Briga pela ponta de seu grupo o tempo inteiro, mas perde pontos em casa e vê a final acontecer entre Vasco e São Paulo. A única alegria, ah, essas alegrias do avesso, foi, antes, desclassificar o Palmeiras – 1 a 0. Cláudio Adão, de calcanhar.

No Paulista de 90 o Corinthians só perdeu uma, a primeira, para o Noroeste de Bauru, mas mesmo assim, ficou fora da final.

No Brasileiro, 90 seria o ano, o grande ano desse time operário de uma estrela só.

TUPÃZINHO, DO JEITO QUE DEU

Sim, o Corinthians vai chegar ao seu primeiro título nacional. Mas, corinthianamente, na primeira fase foi o sétimo colocado e foi para os mata-matas cheio de desvantagens.

Dois resultados iguais, vitória do adversário. Decisão na casa do adversário. Para quem conhece o Corinthians e seu destino, melhor impossível.

E foi o que se viu.

Contra o Atlético, no Pacaembu, 1 x 0 pra eles.

Em 15 minutos Neto vai lá e faz dois, cada um mais bonito.

No Mineirão, um 0 a 0 bastou.

Veio o Bahia.

A mesma coisa, 1 a 0 pra eles. A mesma coisa pra nós: Neto. Ele bate um daqueles seus escanteios tão maldosos que só restou ao volante Paulo Rodrigues fazer gol contra. Neto outra vez, de falta, 2 a 1. Aí, na Fonte Nova, a mesma coisa, 0 a 0.

Veio o São Paulo. O São Paulo do carismático Telê Santana.

Aos quatro minutos, Wilson Mano, meio de joelho, meio de canela e sem nenhum carisma, faz 1 a 0.

Nem foi preciso o empate no segundo jogo. Porque Fabinho avança com tudo pela direita, a bola sobra confusa na área para Tupãzinho empurrar, não se sabe como, para as redes.

Corinthians valente, Corinthians operário, campeão brasileiro.

NOSSOS PRIMEIROS CAMPEÕES BRASILEIROS

Ronaldo. Ronaldo Soares Giovanelli, nascido em São Paulo no dia 20 de novembro de 1967, estreou no gol do Corinthians em jogos de campeonato em 1988 pegando um pênalti cobrado pelo





são-paulino Darío Pereyra. Entre 88 e 98, jogou 601 vezes pelo Corinthians, ficando atrás apenas de Wladimir (805) e Luizinho (604). Foi campeão paulista em 88, 95 e 97, brasileiro em 90 e da Copa do Brasil em 95. Às vezes impulsivo e brigão, salvou o time em jogos decisivos. Em 97, garantiu o título defendendo um chute indefensável do atacante França, do São Paulo. Ainda em 97, quando uma derrota para o Flamengo no Morumbi significaria o rebaixamento, fez outro milagre num chute de Júnior Baiano. Depois Edílson fez 1 a 0 e nos economizou uma série B.

Giba. Antônio Gilberto de Souza, nascido em Cordeirópolis, interior de São Paulo, no dia 7 de março de 1962, veio do Guarani para ocupar a lateral direita do time campeão brasileiro de 90. Em quatro anos no time, jogou 211 jogos e fez 17 gols.

Marcelo. Marcelo Kiremitdjian nasceu em São Paulo no dia 6 de novembro de 1966 e foi um dos melhores zagueiros revelados no próprio clube. Entre 1987 e 1993, jogou 342 vezes pelo Corinthians e fez 4 gols. Foi fundamental nas conquistas do Paulista de 88 e do Brasileiro de 90.

Guinei. Valdinei de Paula, paulista de Sorocaba, nascido em 6 de maio de 1969, veio do São Bento em 1990 junto com Tupãzinho quando foi campeão brasileiro em dupla com Marcelo.

Jacenir. Jacenir Silva nasceu no Rio, em 11 de novembro de 1959, e jogou 214 vezes na lateral esquerda do Corinthians em duas ocasiões (1986-1987 e 1990/1992). Em sua melhor fase, foi campeão brasileiro em 90.

Márcio. Paulista de São José dos Campos, Henrymárcio Biten-court (19/10/64) foi um volante do tipo xerife de área fundamental para a conquista do Brasileiro de 90.

Wilson Mano. Wilson Carlos Mano, nascido em Aurifloma, interior de São Paulo, no dia 23 de maio de 1964, foi volante, lateral, zagueiro, meia-atacante quando necessário, um guerreiro em todas essas posições nos sete anos e 405 vezes em que jogou no Corinthians (1986/1992 e 1994). Fez 34 gols com a camisa alvinegra. Campeão no Paulista de 88 e no Brasileiro de 90, foi o símbolo desta era de pouca estrela e muito coração.



Foto: Daniel Augusto Junior





Domingo, 16 de dezembro de 1990: gol de Tupãzinho, primeiro título nacional





Tupãzinho. Pedro Francisco Garcia. Paulista de Uchoa, onde nasceu em 7 de julho de 1968, Tupãzinho chegou ao Parque São Jorge em 1990, vindo do São Bento e, em seus seis anos com a camisa alvinegra, fez 340 partidas e 52 gols. Muitas vezes saía do banco para incendiar o jogo e salvar o time. Seu gol contra o São Paulo, que no dia 16 de dezembro decidiu o título brasileiro de 90, no panteão da memória corinthiana, está muito próximo àquele de Basílio, em 77.

Fabinho. Foi ele, Fábio Ribeiro, paulista de Santo André (26/11/1965), quem deu o passe para o gol histórico de Tupãzinho contra o São Paulo. Veio do Novorizontino em 1989 e ajudou a dar três títulos ao Corinthians – o Brasileiro de 90, o Paulista e a Copa do Brasil de 95. Em 258 jogos, fez 25 gols.

Mauro. Mauro Aparecido da Silva nasceu em Ipaçu, interior de São Paulo, em 25 de setembro de 1962. Meio esquecido no Palmeiras, veio para o Corinthians em 89, como um ponta-esquerda veloz. Às vezes pegava um banco mas, quando entrava, era para surpreender. Em 105 jogos, fez 8 gols.

Ezequiel. Ezequiel Ataliba, volante guerreiro, muito querido pela torcida, paulista de Campinas (19/5/1962), jogou no Corinthians entre 1990 e 1995. Fez 254 jogos e 10 gols. Campeão paulista (1995), brasileiro (1990) e da Copa do Brasil (1995).

Paulo Sérgio. Paulo Sérgio Silvestre Nascimento nasceu em São Paulo no dia 26 de junho de 1969 e afinou seu futebol nos juniores do Parque São Jorge. Inteligente, versátil, foi campeão do mundo em 94, nos Estados Unidos. Jogou na Alemanha, aprendeu a falar fluentemente o alemão e é um exemplo de boa integração cultural na Europa. Jogou no Corinthians de 1988 a 1993, em 183 jogos fez 24 gols.

Nelsinho, técnico. Nélson Baptista Júnior (22/7/1950), paulista de Campinas. Em quatro oportunidades, 1990/1991, 1992/1993, 1996/1997 e 2007, foi técnico do Corinthians, tendo dirigido o time em 192 jogos. Como lateral-direito, atuou na Ponte Preta, São Paulo, Santos e Juventus. Foi campeão brasileiro pelo Corinthians em 90 e Paulista em 97. Depois de tantas conquistas, em 2007 caiu com o time para a série B.



Neto. José Ferreira Neto nasceu em Santo Antônio de Posse, perto de Campinas, em 9 de agosto de 1966. Famoso pelos passes perfeitos e letais cobranças de falta, e também pela luta contra a balança e contra o temperamento inflamável. Seu pavio-curto pelo menos uma vez prejudicou gravemente o time: no Paulista de 91, cuspiu no juiz José Aparecido de Oliveira num jogo contra o Palmeiras e por isso não estava presente na final contra o São Paulo, quando o Corinthians foi derrotado. Mas, não fosse o seu temperamento, teria vindo para o Corinthians? Porque, em 89, para tirá-lo do Palmeiras junto com o lateral-esquerdo Denys, o Corinthians só precisou ceder dois jogadores de menor expressão (o meia Ribamar e o lateral-esquerdo Dida). Neto ficou no Corinthians até 93, e arrebentou. Na conquista do Brasileiro de 90, faz nove dos 26 gols do time. Em 97, volta ao ao Corinthians para ser campeão. Torcedores de todo o Brasil acharam injusta a sua não convocação para a Copa da Itália, em 90. Em seu lugar, um cracaço testado, foi o carioca Bismarck, uma promessa. Em 227 jogos no Timão fez 80 gols.



Foto: Ricardo Correa – Editora Abril

QUANDO NETO MANDOU VER

Ele teve seus altos e baixos, seus quilos a mais e seus quilos a menos, mas a verdade é que, em 90, reinou. Dos 23 gols do título nacional, nove foram dele. Nas quartas de final, acabou com o Atlético. Nas semifinais, com o Bahia





19 Marcelinho e o fim do milênio

A DÉCADA DE 90,
QUE COMEÇOU MEIO
ASSIM, LÁ PELA
METADE, EM 95,
VIROU UMA FESTA
DE TÍTULOS OS
MAIS VARIADOS E
ESPERANÇAS AS
MAIS JUSTIFICADAS

Fundado na primeira década do século 20, o Corinthians dobra 1990 como campeão brasileiro e entra cheio de esperança na última década do segundo milênio da era cristã. O Bom Retiro, onde, em 1910, o time foi fundado, mudou relativamente pouco. Já a cidade, o futebol, o mundo...

Só não mudou o destino do time, seu jeito batalhado de chegar lá; para cada alegria, muitos sustos; para cada título na rede, tanta bola na trave.

É só ver esta última década do milênio, a maneira que começa, a glória em que termina. Puro Corinthians.

Até que começa com um título, logo no raiar de 91. Ganha uma Supercopa do Brasil, disputa que reunia o campeão brasileiro e o da Copa do Brasil do ano anterior. Foi um jogo só, contra o Flamengo, no Morumbi. Corinthians, Neto, 1 a 0.

Já na Libertadores...

Bem, classificou-se em segundo no seu grupo. Aí, contra o Boca Juniors, pelas oitavas de final, em Buenos Aires, bem que merecia melhor sorte. Empate suado, 1 a 1, quando o juiz chileno vê mão na bola numa bola na mão do volante Márcio. Pênalti. Logo depois Guinei comete uma bobeadada justo na frente de Batistuta, 3 a 1. No Morumbi, outro azar do Guinei e o jogo termina 1 a 1.

No Brasileirão, ainda em 91, a má sorte continua. No tapetão o Fluminense elimina o Corinthians das semifinais. No Paulista, Neto cospe no juiz em jogo contra o Palmeiras e fica fora do campeonato. Mesmo assim o time vai à final contra o São Paulo, mas dá com um Raí muito inspirado pela frente.

92 também não resulta num ano bom, nem no Paulista nem no Brasileiro e nem na Copa do Brasil.

Em 93, os adversários, vamos reconhecer, estão com tudo.

O São Paulo, bom de time, bom de finanças e bom de técnico, Telê Santana. E o Palmeiras, bem amamentado por um patrocinador de peso, a Parmalat.

Mas o Corinthians vai pra cima. Corta as asas do São Paulo, 1 a 0, Neto outra vez. Na primeira final contra o Palmeiras, Viola faz 1 a 0 e ainda fuça o gramado imitando um porco. Demais.

Foto: Folha Press





Já o segundo jogo, Corinthians com vantagem do empate, foi lambança pura. Com três corinthians expulsos, Ronaldo, Henrique e Ezequiel, o Palmeiras ganha no tempo normal e por 1 a 0 na prorrogação. Tudo bem, coitados, estavam na fila há 16 anos.

Ainda em 93, o Corinthians traz quatro jogadores do surpreendente Mogi Mirim, o lateral Admílson, o meia Válber e os atacantes Leto e Rivaldo. Quase deu certo. Quase: o time conquista o vice do ressuscitado Torneio Rio-São Paulo e fica em terceiro no Brasileirão, perdendo um único jogo, para o Vitória, na Bahia.

Vamos pular logo para 95?

Antes, vale lembrar fatos importantes de 94, ano em que o Corinthians, já meio por aqui com as glórias do Palmeiras, tenta se armar bem para o Brasileiro.

Do Rio chega um baixinho genial e genioso, Marcelinho Carioca. Do Rio Branco de Americana vem um meia-esquerda altamente técnico, Souza. Tudo craque de futuro no time. Ao contrário do Branco, que veio da Seleção e que, na decisão do Brasileiro contra o Palmeiras, deu uma entregada justo para o Rivaldo (já da Parmalat) que pelo amor de Deus. O Corinthians foi vice.

Mas é bom lembrar também que nesse ano, 94, o Corinthians foi campeão de uma certa Copa Bandeirantes, que o habilitou para a Copa do Brasil de 95.

É, tudo somado, 94 foi um bom ano-escada. Ou escola.

As coisas estão se armando, a Fiel pressentia. E chega de Palmeiras, já isso era uma certeza.

SEIS MESES DE PURO CORINTHIANS

O Corinthians de Souza e Marcelinho entra 95 – desfilando. Um espetáculo atrás do outro.

Começa conquistando, depois de uma longa espera, a Copa São Paulo de Juniores. Na avenida, a Escola de Samba Gaviões da Fiel é a primeira colocada no Grupo Especial.

Que venham o Paulistão e a Copa do Brasil.

A Copa do Brasil foi vencida em grande estilo. Nas semifinais, um demolidor 5 a 0 pra cima do Vasco. A seguir, um velho e espinhoso tabu, o Grêmio de Porto Alegre.

Que também não ofereceu maior resistência. Foi 2 a 1 no Pacaembu e quando, no Olímpico, um empate bastava, o novo ídolo do time, Marcelinho, não deixou por menos: 1 a 0 aos 27 minutos do segundo tempo.

CARAVANA DA ALEGRIA

Em 95, tudo era festa e a Fiel não largava o time, nem quando ia ganhar do Palmeiras no Estádio Santa Cruz em Ribeirão Preto





Foto: Ed Viggiani





Foto: Ricardo Correa - Editora Abril





Agora, no Paulistão, o Palmeiras.

A decisão foi em Ribeirão Preto. No primeiro jogo, Marcelinho faz 1 a 0 e eles só empatam ao 45 minutos do segundo tempo, Nilson.

No segundo jogo, Palmeiras na frente, outra vez Nilson.

Aí, falta para o Corinthians perto da área. O goleiro Velloso vê, assustado, Marcelinho se agachar e conversar com a bola. Não deu outra. No ângulo, 1 a 1. O empate bastava, mas o cuca-fresca do Elivélton, nem aí para o regulamento, vai e faz 2 a 1.

O Corinthians volta de Ribeirão com várias alegrias na bagagem. Continuava o campeoníssimo paulista, com 21 títulos. Impedira o Palmeiras de chegar a um tri que só conquistara 60 anos antes, em 1934.

E mais: pela primeira vez em toda a sua história ganha o jogo em uma decisão contra o rival.

Taça São Paulo, Copa do Brasil, Paulistão, olha os perigos da barriga cheia: no Brasileiro daquele ano glorioso ficou lá atrás. De olho já na Libertadores?

Se foi, não valeu tanto a pena.

Não que o time fosse mal na Libertadores. Sai em primeiro de um grupo que tinha o Botafogo, a Universidad Católica e a Universidad de Chile, passa pelo Espoli do Equador e para no Grêmio depois de uma inacreditável derrota por 3 a 0 em pleno Pacaembu.

Vence o jogo de volta em Porto Alegre, com gol de Edmundo. Contratado para reforçar o sonho da Libertadores, o Animal não correspondeu. Canalizou sua animalidade para os companheiros. Brigou com o roupeiro, brigou com Bernardo e foi colaborar com o time só em 2000, mas já com a camisa do Vasco.

Mas essa é a próxima história.

Só para fazer justiça com esse segundo semestre de 1996: no fim do ano, o Corinthians conquista na Espanha o Troféu Ramón de Carranza, vencendo o Cádiz e o Bétis, ambos por 2 a 0.

*Prata da casa, bom volante,
bom lançador, Zé Elias, o Zé da
Fiel, brilhou nas glórias de 95*



20 Rumo ao Mundial

O CAMINHO PARA O
MUNDIAL DE CLUBES
TEVE DE TUDO:
EDÍLSON GOZANDO
O PALMEIRAS, DIDA
PEGANDO PÊNALTI,
O BELO JOGO CONTRA
O REAL MADRID E,
ENFIM, NO MARACANÃ,
O TÍTULO

N uma entrevista, Marlene Matheus, essa grande militante corinthiana, conta que a camisa favorita de Vicente Matheus era uma completamente pura, sem o nome de nenhum patrocinador. Mas a verdade é que, desde a vaquinha para comprar a primeira bola em 1910, o futebol mudara bastante.

Para o bem ou para o mal, o século 20 chega ao fim consagrando nos times a era dos grandes patrocinadores. O próprio Corinthians teve o desprazer de ver crescer, entre 93 e 94, um imponente alviverde por conta da Parmalat.

Foi isso? Não, foram os tempos. O Corinthians saiu também em busca de apoio. Uma das primeiras empresas a apoiá-lo, ainda em 1985, foi a de um outro corinthiano militante, Damião Garcia, dono da Kalunga.

Em 97, uma parceria com o Banco Excel propicia ao time a contratação de craques como o zagueiro Antonio Carlos, o lateral-esquerdo André Luiz e os atacantes Túlio e Donizete.

DINEI, COMO EM 90

Deu certo? Deu certo, quase certo e errado, que nem só de dinheiro vive o futebol.

Quase certo na Copa do Brasil, o time foi até as semifinais.

Muito certo no Paulistão. Aí não teve para ninguém. Chegou a tascar 8 a 2 no Guarani e 5 a 2 no Palmeiras. No quadrangular decisivo, 4 a 3 no Santos, 2 a 0 no Palmeiras e um empate com o São Paulo para chegar com honras ao seu 22º título estadual.

Mas o Corinthians é o Corinthians.

No Brasileiro, por pouco não é rebaixado.

Na última hora se salvou com modesto 1 a 0 contra o Flamengo em casa, gol de Edílson, e depois 2 a 0 em Goiânia justo sobre esse fatídico Goiás. Por pouco, muito pouco, 2008 não chega antes.

No ano seguinte, 1998, a constelação de astros se completa. O time já tem Gamarra, Rincón, Edílson, Marcelinho de volta e um técnico experiente, Vanderlei Luxemburgo.

Foi vice no Paulista, mas fez um Brasileirão impecável.



Foto: Alexandre Battibugli - Editora Abril





Foto: Caio Guatelli - Agência Estado



Na reta final, passou pelo Grêmio, Santos e foi para a final contra o Cruzeiro.

No Mineirão, começa perdendo, 2 a 0, mas vira e empata, com um gol e depois um bonito passe de Dinei para Marcelinho.

No primeiro jogo do Morumbi, 1 a 1, gol de Marcelinho. No terceiro, decisivo, outra vez o herói Dinei. Ele substitui Mirandinha e deixa Edílson e depois Marcelinho na cara do gol, 2 a 0.

Dinei era o único em campo que também havia sido campeão brasileiro em 90. Grande Dinei. A Fiel, nessa tarde, gritou alto o seu nome.

EDÍLSON, O EMBAIXADOR

A Fiel está feliz. Sente que o time está com tudo para uma grande passagem de milênio.

E é o que acontece, é o que acontece.

No começo, a torcida estranhou o nome - Hicks, Muse, Tate & Furst. Menos corinthiano, impossível. Não vai dar rima para a Gaviões, era uma das ressalvas. Mas esse era o nome do fundo de investimentos americano que vinha fazer uma forte parceria com o Corinthians. Nas asas dela, e para coroar um time que já era bom, no segundo semestre chega do Cruzeiro o goleiro alto, elegante e terror dos batedores de pênaltis: Dida. E do La Coruña da Espanha, o centroavante Luizão.

Pois em 99 esse reforçado Corinthians brilhou em casa e penou fora. No Paulista, festa na final contra o Palmeiras, 3 a 0 no primeiro jogo.

O segundo foi aquele do show do Edílson, controvertido mas inesquecível. O Corinthians, que nem precisava ganhar, empatava em 2 a 2 quando, aos 31 do segundo tempo, Edílson recebe a bola lá atrás e, em vez de avançar ou passar, dá de ficar fazendo embaixadinhas, deixando a bola fluir pelo corpo inteiro, como se estivesse brincando sozinho na praça. Mordidos que estavam, os palmeirenses, Paulo Nunes à frente, partiram para cima dele, o tempo fechou e o juiz deu por finda a partida. O Corinthians, pela 23ª vez, era campeão paulista.

DIDA X RAÍ

Nas quartas de final da Libertadores, o Corinthians domina o jogo contra o Palmeiras, mas perde, 2 x 0. Precisa pelo menos

O SENHOR EMBAIXADOR

Edílson, Edílson... àquelas alturas do campeonato e do jogo, 31 do segundo tempo, o título já era nosso, não tinha mais para o Palmeiras. Mas enfim... Aconteceu. E a Fiel não esquece



devolver esse placar no segundo jogo, e devolve: 2 a 0 também, Edílson e Ricardinho.

A decisão vai para os pênaltis e Dinei e Vampeta desperdiçam os seus. Fim do sonho.

Mas no Brasileirão, ah no Brasileirão a primeira fase, já com Dida e Luizão no time, foi um passeio, com direito a empates nos mata-matas da segunda.

Passeamos pelo Guarani, pelo São Paulo, pelo... espera aí. No caso do São Paulo tem que detalhar. Nos 3 a 2 do primeiro jogo, Dida pega dois pênaltis cobrados por um perplexo Raí, na maior. Os 2 a 1 do jogo seguinte, tudo bem, normal. Nem foi preciso o terceiro jogo.

Finais contra o Atlético. No Mineirão, 3 a 2 pra eles. Em São Paulo, 2 x 0, os dois do Luizão.

No terceiro jogo, 0 a 0 e Corinthians campeão. Para ser mais exato: bicampeão brasileiro!

CAMPEÃO DO MUNDO

Para um time do tamanho emocional do Corinthians, qual a melhor maneira de fechar um milênio?

Ora, fazendo algo igualmente grandioso. Sendo campeão do mundo, por exemplo.

Pois não é que, em janeiro de 2000, a FIFA resolve organizar oficialmente seu campeonato mundial de clubes, e a sede é o Brasil, o país do futebol.

Da Inglaterra vem o Manchester, da Espanha vem o Real Madrid, da Arábia Saudita vem o Al Naser, do Marrocos vem o Raja Casablanca e da Austrália, o South Melbourne, e mais o Necaxa do México.

Do Brasil, o Vasco da Gama, campeão da Libertadores em 98, e o campeão nacional do país-sede, o Corinthians.

Na chave do Corinthians, em São Paulo, Real Madrid, Al Naser e Raja Casablanca.

No dia 5 de janeiro o Corinthians vence o Raja Casablanca, no Morumbi, por 2 a 0, Luizão e Fábio Luciano. Dois dias depois, Corinthians e Real Madrid. Edílson, o Capetinha, num dia verdadeiramente endiabrado, vira o jogo para 2 a 1. Mas eles também têm seu endiabrado, o centroavante Anelka, que empata no segundo tempo e ainda perde um pênalti. Ou talvez fique mais justo dizer: Dida ganha o pênalti.



Agora, para fazer saldo de gols na chave e ir para a final, o Corinthians precisa ganhar do Al Naser por, no mínimo, dois gols de diferença. Jogo duro, sofrido, era o jogo da vida deles. No fim, um 2 a 0 suado, Ricardinho e Rincón.

Maracanã, 14 de janeiro, Corinthians e Vasco decidem o título.

Dois timaços, dois galácticos caseiros.

O Vasco vem de Héilton, Paulo Miranda, Odvan, Mauro Galvão e Gilberto; Amaral, Felipe, Juninho Pernambucano e Ramón; Edmundo e Romário.

E o Corinthians: Dida, Índio, Adílson, Fábio Luciano e Kléber; Vampeta, Rincón, Ricardinho e Marcelinho; Edílson e Luizão.

Jogo tenso, Fábio Luciano segurando o liso Romário, Odvan e Mauro Galvão colando em Edílson e Marcelinho.

Nas arquibancadas, 22 mil corinthianos empurrando o time. Já no meio dos vascaínos, alguns colaboracionitas vestidos de verde, que nessas horas eles sempre aparecem.

Na prorrogação, mais 0 a 0.

A decisão vai para os pênaltis.

Rincón chuta, a bola bate na trave – e entra.

Romário bate, 1 a 1.

Fernando Baiano, um garoto, mas converte, 2 a 1.

Bate Gilberto – Dida pega!

Bate Edu, outro garoto do Parque, 4 a 2.

Viola, agora no Vasco, podia colaborar. Nada, 4 a 3.

Marcelinho, o maior goleador corinthiano de bola parada de todos os tempos, ajeita a bola e, como sempre faz, conversa com ela. Corinthians campeão, decretam os corinthianos mais superficiais. Sei não, os mais vividos murmuram.

Marcelinho bate, Héilton segura.

Edmundo ajeita a bola. Não seria hora de compensar o que ele não fez no Corinthians?

Dida tenta adivinhar a mente do vascaíno, mas mente de Animal é complexa. Dida cai para o canto direito, Edmundo avança e chuta no esquerdo. Mas pé de Animal também não é fácil, a bola voa por cima do travessão.

E assim, com um grande time e contra grandes clubes, o Corinthians torna-se campeão do primeiro Mundial de Clubes da FIFA.

Mesmo com este título constando, oficialmente e para sempre, no site oficial da entidade máxima do futebol, www.fifa.com, há quem duvide da sua legitimidade.

Para esses mal informados incrédulos, um corinthiano prati-





cante e homem afeito a leis, Sérgio Alvarenga, tem argumentos de peso. Na visão dele, o Corinthians, mais do que campeão de um Mundial de Clubes, é, na verdade, o primeiro campeão de um verdadeiro Mundial de Clubes. No formato anterior, ficavam de fora continentes inteiros – e bons de bola. Não tinha time da África, e a África já foi campeã olímpica em duas oportunidades, coisa que o Brasil ainda não foi. Ficava de fora a América do Norte e olha aí os Estados Unidos vencendo a poderosa Espanha e finalista da Copa das Confederações. Dentre os times asiáticos, a Coreia do Sul já foi finalista numa Copa do Mundo.

Sim, insiste Alvarenga, o Corinthians foi o primeiro campeão de um torneio que teve representantes da América, da América do Sul, da Concacaf, da Ásia, da Europa e da Oceania. Nada contra o formato anterior do Intercontinental de Clubes disputado do Japão. Mas o Mundial mesmo começou em 2000 e o campeão foi o Corinthians.

NOSSOS CAMPEÕES MUNDIAIS

Dida. Néelson de Jesus Silva, nascido em Irará, Bahia, em 7 de outubro de 1973, fez 94 jogos pelo Corinthians entre 1999 e 2002. Seu quase sobrenatural talento para defender pênaltis classificou o Corinthians no Brasileiro de 99 contra o São Paulo e, no Mundial de Clubes, contra o Real Madrid e o Vasco.

Índio. José Sátiro do Nascimento nasceu em Palmeiras dos Índios, Alagoas, no dia 3 de março de 1979. Membro da tribo Xucuru-Cariri, só aos 17 anos foi conhecer uma chuteira. Veio para o Corinthians em 1998, onde se revelou um marcador simples e eficiente. Foi campeão paulista em 99 e 2001, brasileiro em 98 e 99 e mundial em 2000.

Adílson. Adílson Dias Batista, zagueiro do tipo xerifão, paranaense nascido em Curitiba (16/3/68), veio do Grêmio para o Corinthians no ano 2000, para reforçar a defesa no Mundial.

Fábio Luciano. Nascido em Vinhedo, São Paulo, em 29 de março de 1975, veio da Ponte também em 2000. Bom de cabeça em todos os sentidos, na defesa, no ataque e na vida. Seu gol contra o Raja Casablanca no Mundial de Clubes foi decisivo para a classificação. A bola nem entrou, mas isso é outra história.

D, DE DECISÃO

Dida e Dinei, duas boas lembranças no memorial secreto da Fiel. Dida pegando pênaltis que até Deus duvida, aqueles dois do Raí pelo Brasileiro, aqueles que nos deram o Mundial em 2000, primeiro contra o Real Madrid, depois contra o Vasco no Maracanã. Dinei campeão paulista, brasileiro, mundial, arma secreta em jogos decisivos

Fecha as pernas, Karembéu. O Edílson





bem que avisou

foto: Paulo Pinto - Agência Estado





Kléber. Kléber de Carvalho Correia nasceu em São Paulo no dia 1º de março de 1980. Aos 18 anos já era lateral-esquerdo do Corinthians, hábil em passes e cruzamentos. Campeão paulista em 99, 2001 e 2003, da Copa do Brasil e do Rio-São Paulo em 2002, do Brasileiro em 98 e 99, do Mundial de Clubes em 2000. Campeoníssimo Kléber. Fez depois uma bela carreira internacional e foi diversas vezes convocado para a seleção de Dunga.

Vampeta. Marcos Antônio Batista dos Santos nasceu em Nazaré das Farinhas, Bahia, em 13 de março de 1974. O apelido vem da infância e sugere uma mistura de vampiro com capeta. Volante que defende, arma e chuta em gol, veio do PSV Eindhoven, da Holanda, e formou com Rincón uma dupla fundamental para as conquistas do Paulista de 99, os Brasileiros de 98 e 99 e o Mundial de 2000. Foi ainda campeão da Copa do Brasil e do Rio-São Paulo em 2002 e do Paulista em 2003. Várias vezes convocado para a Seleção Brasileira, foi pentacampeão mundial em 2002, na Coreia do Sul e no Japão.

Rincón. Craque da seleção colombiana em três Copas do Mundo, Freddy Eusébio Gustavo Rincón Valencia nasceu em Buenaventura, Colômbia, em 14 de agosto de 1966. Veio do Palmeiras para se tornar o grande regente do meio-campo corinthiano nas conquistas do Paulista de 99, dos Brasileiros de 98 e 99 e do Mundial de 2000.

Ricardinho. Ricardo Luís Pozzi Rodrigues, paulistano nascido em 23/5/76, foi revelado no Paraná Clube, mas chegou ao Corinthians vindo do Bordeaux, da França. Meio-campo inteligente e habilidoso, arma e conclui com a mesma e elegante eficiência. Peça importante numa das eras mais felizes do time. Títulos: Paulistas de 99 e 2001, Copa do Brasil e Rio-São Paulo em 2002, Brasileiro de 98 e 99, Mundial de 2000. Campeoníssimo Ricardinho.

Marcelinho. A passagem de Marcelo Pereira Surcin, nascido no Rio de Janeiro em 31/12/71, coincidiu com uma profusão de títulos que o fez ídolo da Fiel para sempre. Com 206 gols marcados em 434 jogos nas três oportunidades em que jogou pelo time, 1994/1997, 1998/2002 e 2006 (mais um amistoso de despedida em 2010) tornou-se o quinto maior goleador da história corinthiana. Veio do Flamengo quase por acaso, meio brigado que andava

MUNDIAL, A FESTA

Primeiro, a hora em que Edmundo decide colaborar e erra o pênalti. Depois a festa em si, que começou no Maracanã, atravessou o Rio e pegou a Dutra

Fotos: Folha Press







por lá. Foi decisivo em jogos decisivos: em 95, seu grande ano, marcou nas duas finais contra o Grêmio pela Copa do Brasil e contra o Palmeiras na disputa do título estadual. Temperamental, chegou a um cartão vermelho, declarava-se homem religioso na vida e, em campo, tinha o apelido de Pé-de-anjo, graças à sua diabólica habilidade nas cobranças de faltas. O simples ato de se ajoelhar e conversar com a bola antes do chute já abalava boa parte da confiança do goleiro. Num Santos x Corinthians, em fevereiro de 96, domingo de Carnaval, Marcelinho recebe a bola de Tupãzinho, aplica um histórico chapéu de chaleira no zagueiro Ronaldo Marconato e, de chapa, sem deixar a bola cair, manda no canto esquerdo do filho do Rei, Edinho. Na tribuna de honra, Pelé aplaudiu com justiça, o futebol falando mais alto do que o sangue. Chegou até a sugerir a colocação de uma placa em plena Vila Belmiro homenageando o gol de Marcelinho. Em 97 ele vai para o Valencia, da Espanha, mas só fica seis meses. Comprado pela Federação Paulista, tem seu passe leiloadado por telefone: passaria a pertencer ao time cuja torcida mais ligasse solicitando sua presença. Ora se a Fiel ia perder essa.

Foi decisivo outra vez nas finais contra o Cruzeiro em 98. Ironias da sorte: batedor impecável, perdeu o pênalti que tirou o Corinthians nas semifinais contra o Palmeiras na Libertadores de 2000. Perdeu também aquele outro no Maracanã que quase nos tira o Mundial de Clubes. Por tudo isso, tinha grito próprio no coral da Gaviões: “Uh, Marcelinho! Uh, Marcelinho”. Em outubro de 2005, quando ele entrou em campo com a camisa do Brasiliense, ainda ouviu a torcida gritar em coro, fiel: “Uh, Marcelinho!”.

Em 2006, numa das constantes brigas pelo poder entre a MSI e a diretoria do clube, Marcelinho, já com 34 anos, vive uma breve e infausta volta ao Corinthians. Mas vale, no seu caso, o conjunto da obra. Nos 433 jogos que disputou com a camisa alvinegra, marcou 206 gols, mereceu três troféus Bola de Prata e uma Bola de Ouro de melhor jogador oferecidos pela revista Placar. Sua coleção de títulos pelo Corinthians é grandiosa: Paulistas de 95, 97, 99 e 2001. Brasileiros de 98 e 99, Copa do Brasil de 95 e Mundial de 2000. E mais a Copa Bandeirantes de 94 e Troféu Ramón Caranza em 96.

Deus lhe pague, Marcelo Pereira Surcin, Pé-de-anjo do capeta!

Edílson. Edílson da Silva Ferreira é baiano de Salvador, onde nasceu em 17/9/1971, e nunca deixou de ser o típico moleque



brasileiro bom de bola. O Capetinha. Se sua irreverência fez acabar em briga um jogo contra o Palmeiras pelo Paulista de 99, contra o Real Madrid, no Mundial de Clubes de 2000, ela foi muito útil ao time. Disse que ia enfiar uma bola pelo meio das pernas do zagueiro Karembeu. Não só enfiou mesmo como fez dois gols e foi o melhor corinthiano em campo. Títulos no Corinthians: Paulista de 99, Brasileiro de 98 e 99, Mundial de 2000.

Luizão. Luiz Carlos Bombonato Goulart, paulista de Rubinéia (14/11/1975). Seu talento de goleador foi decisivo para o Corinthians no Brasileiro de 99 nos jogos contra o Atlético. Foi importante também na Libertadores de 2000. Mesmo com o Corinthians eliminado, ele foi o artilheiro da competição, com 14 gols. Títulos: campeão paulista em 2001, do Rio-São Paulo em 2002, brasileiro em 99 e mundial em 2000.

Fernando Baiano. Apesar do apelido, João Fernando Neto é paulistano (10/3/99), veio das categorias de base e foi um dos artilheiros da Libertadores em 99. Além de campeão mundial, foi campeão paulista em 99, brasileiro em 98 e 99. No jogo contra o Vasco no pelo Mundial da FIFA, substituiu Edílson, e converteu seu pênalti na decisão.

Edu. O volante Eduardo César Daudi Gaspar (São Paulo, 16/7/78) revelou-se na Copa São Paulo de Juniores vencida pelo Corinthians com um gol dele na decisão contra o Vasco em 98. No Mundial de 2000, entrou no lugar de Ricardinho e também converteu seu pênalti. Naquele ano, foi contratado pelo Arsenal, da Inglaterra. Foi também campeão paulista em 99 e brasileiro em 98 e 99.

Oswaldo de Oliveira, técnico. O carioca Oswaldo de Oliveira Filho começou no Corinthians como interino de Vanderlei Luxemburgo, em 98. Efetivado, vai mal no Rio-São Paulo, volta em 99 para ser campeão paulista, brasileiro e, no ano seguinte, mundial no torneio da FIFA. Em 2004 voltou a ser técnico do Corinthians.



Foto: Arquivo Corinthians

21 Corinthians em prosa e verso, cores e imagens

PELAS EMOÇÕES
QUE DEFLAGRA,
PELO SONHO QUE É,
O TIMÃO TEM ATIÇADO
POETAS, MÚSICOS,
ESCRITORES, CINEASTAS,
TEÓLOGOS, FILÓSOFOS,
ENSAÍSTAS...

A orelha do livro *Coração Corinthiano*, de Lourenço Diaféria, é assinada por Juca Kfourri, que, por sua vez, começa citando uma música do Gilberto Gil, em homenagem ao Corinthians. Por aí já se vê o quanto o Corinthians, um time de origem operária, se tornou um fenômeno cultural, um cult, como se diz. Juca, um dos cronistas esportivos mais influentes do país, é autor de dois livros sobre o Corinthians, Gilberto Gil foi ministro da Cultura e Lourenço Diaféria, um dos mais amados cronistas de São Paulo até sua morte, em 2008.

Em dezembro de 2009, por iniciativa do Comitê de Preservação da Memória Corinthiana em parceria com o projeto Autor na Praça, foi realizada no Parque São Jorge mais uma edição da Arquibancada Literária, uma semana cultural de apresentação e debates com autores de livros sobre o Corinthians, que já são mais de 70. Nascido para comemorar os 25 anos do fim do jejum em 77, este Comitê se tornou um fecunda referência para corinthiólogos de todas as ciências.

Porque a verdade é que, em prosa e verso, palavra e imagem, o Corinthians tem sido contado e cantado o tempo inteiro nesses cem anos de existência. Vamos tentar um breve apanhado do que poderia se multiplicar em livros e livros. O Corinthians na música, no cinema, na fotografia, na literatura, nas artes plásticas, na história de São Paulo...

UM SHOW INESQUECÍVEL

Só a partir do capítulo “Dois hinos e mil canções”, do livro *Coração Corinthiano*, poderia ser montado, por exemplo, um espetáculo musical que muito honraria as festas do centenário do time. Diaféria cita 28 composições alvinegras. Daria show para corinthiano nenhum botar defeito:

Batista Jr. cantando a histórica virada contra o Vasco em 1929.
Passoca entrando em cena com a música Pro Timão.

Orlando Ribeiro intepretando de Alfredo Borba - Campeão do 4º Centenário.





*“Luctar... Luctar...
É nosso lema sempre, para a glória
Jogar... Jogar...
E conquistar os louros da vitória
E proclamar nosso pendão
É alvinegro e sempre há de brilhar
Fluctuar, viril
Para a grandeza e glória do Brasil.*

*Corinthians... Corinthians...
A glória será teu repouso
E nós unidos sempre...
elevaremos teu nome glorioso.”*

Agora é Elza Laranjeira quem interpreta, do mesmo Alfredo Borba, o antológico Gol de Baltazar.

Manuel Ferreira e Ruth Amaral arrasam com o imortal “Doutor, eu não me engano, meu coração é corinthiano”...

E por aí vai, por aí vai. Grandes nomes subindo ao palco: Juvenal Fernandes e Adoniran Barbosa com o samba *Corinthia – Meu Amor é o Timão*.

Toquinho proclama, na voz de Sócrates, que “ser corinthiano é ir além de ser ou não ser o primeiro”...

Numa canção especialmente composta para o Corinthians, Paulinho Nogueira se sai com esta pérola – *Ai Corinthians/quando és vencedor/ pobre fica milionário/rindo da própria dor*.

E tem mais, tem mais. *Amor em Preto e Branco*, de Rita Lee; *Bandeira do Timão*, interpretada pelo velho sambista paulistano Germano Mathias; *Homenagem Rubro-Negra*, de Jorge Ben; *Moda do Corinthiano*, de Rolando Boldrin; *Garra Corinthiana, de Branca di Neve*, ex-Originais do Samba; *Camisa, Bandana e Bandeira*, de Celso Viáfara, sobre a queda para a série B, em 2007.

LAURO D’ÁVILA, ETERNAMENTE

E tem hinos, os dois hinos.

O primeiro, criado ainda na virada da década de 20 para a de 30, letra de Eduardo Dohmen, música de La Rosa Sobrinho, e que assim começa:

*Luctar... Luctar...
É nosso lema sempre, para a glória
Jogar... Jogar...
E conquistar os louros da vitória...*

E aí, claro, o já clássico hino que hoje corinthiano nenhum poderá recordar sem um frêmito de emoção, composto pelo radialista Lauro D’Ávila na década de 50:

*Salve o Corinthians
O campeão dos campeões
Eternamente
Dentro dos nossos corações...*

Durante gloriosa excursão do time em 1952 por campos da Turquia, Suécia e Finlândia, os jogadores faziam questão de cantar este hino logo depois do Nacional. Diz Lourenço Diaféria que, por ocasião da inauguração do Estádio de Helsinque, o Hino do Corinthians foi aplaudido em pé por 40 mil pessoas.

*“Salve o Corinthians,
O campeão dos campeões,
Eternamente
Dentro dos nossos corações.*

*Salve o Corinthians
De tradições e glórias mil
Tu és o orgulho
Dos esportistas do Brasil.*

*Teu passado é uma bandeira,
Teu presente, uma lição
Figuras entre os primeiros
Do nosso esporte bretão.*

*Corinthians grande,
Sempre altaneiro
És do Brasil
O clube mais brasileiro.”*



Na chegada, cem mil pessoas foram receber os jogadores no aeroporto de Congonhas e marcharam até o Vale do Anhangabaú cantando a uma só voz Salve o Corinthians.

Descanse em paz o grande corinthiano Lauro D'Ávila. Seu hino pegou como talvez o de nenhum outro time no mundo. Ficará, “eternamente dentro dos nossos corações”.

AUDIOVISUAIS

Há também muito Corinthians nas telas, grandes ou pequenas. Conta Diaféria que a simples leitura de um roteiro do filme *Corinthians, Meu Amor*, escrito por Id Almeida, chegou a atrair mais de 3 mil pessoas ao Parque São Jorge.

Um dos maiores sucessos do saudoso Mazzaropi foi, e só podia, um filme chamado *O Corinthiano*.

Em plena Democracia Corinthiana, outro sucesso foi o documentário *Corinthians, Corinthians*, escrito e dirigido pelo jornalista e corinthiano Júlio Lerner. A idéia era mostrar o cotidiano dos operários e artistas da bola.

Ainda na década de 60, tivemos *Corinthians, Meu Amor*, peça e roteiro de filme de César Vieira, criador do grupo de teatro União e Olho Vivo.

Agora o Corinthians entrou com tudo na área dos DVDs.

Com roteiro e direção de Di Moretti e Julio Xavier, *23 Anos em 7 Segundos* revê a redenção corinthiana de 1977 em cenas fundamentais e depoimentos emocionados.

O tocante e preciso roteiro dos jornalistas Serginho Groisman e Marcelo Rubens Paiva faz do documentário *Fiel*, de Andrea Pasquini, um filme de suspense e glória sobre a dolorosa travessia da série B, em 2008.

O filme *Linha de Passe*, de Walter Salles e Daniela Thomas, começa com um jogo do Corinthians, aquela suada vitória contra o São Paulo em 2007, o time já lutando contra o rebaixamento. O filme conta a dura batalha de Cleusa, uma empregada doméstica de 42 anos, e seus quatro filhos: um sonha ser jogador de futebol, outro é frentista e crente, outro é motoboy e pai precoce, outro sonha conhecer o pai. O cinco têm algo em comum: são corinthianos e o Corinthians é um dos poucos momentos de luz na correria. Em 2008, *Linha de Passe* concorreu à Palma de Ouro no Festival de Cannes, onde Sandra Corvaloni, a nossa brava e corinthiana Cleusa, ganhou o prêmio de melhor atriz.

CONCEIÇÃO CAHÚ

Outra artista plástica de alma corinthiana foi a pernambucana radicada em São Paulo Conceição Cahú, presente neste livro com a caricatura de Charles Miller, dos campeões de 77 e uma ilustração para a Arquivo Literária (na página anterior). Militante dos direitos da mulher e da sua arte, já em 1977 se firmava como uma das maiores cartunistas da revista Placar e por 30 anos ilustrou com seus bicos-de-pena as páginas da Gazeta Mercantil. Chargista, cartunista e caricaturista premiada no Salão de Humor de Piracicaba, colaborou com figurinos nos desfiles da Gaviões e em 2005 recebeu na Câmara Municipal o título de Cidadã Corinthiana. Maria da Conceição de Souza Cahú faleceu no dia 18 de dezembro de 2007





Foto: Paula Prandini

Cleusa, mãe de fibra e corinthiana roxa



Foto: Divulgação

Cleusa no filme Linha de Passe torcendo pelo Corinthians no Morumbi e em casa com os quatro filhos, corinthianos de vida batalhada



Em memória de Danubia



Foto: Luiz Miyasaka

Durante as pesquisas para os depoimentos do filme Fiel, chamou atenção da equipe uma torcedora particularmente decidida, naquela tarde chuvosa de 2008, a empurrar o time de volta para a série A. Era Danubia Cristiana Santos. Só durante o depoimento ela revelou que estava enfrentando um câncer, mas que mesmo assim não deixava de ir ao estádio torcer pelo Timão. Foi um dos depoimentos mais tocantes do filme. Danubia morreu na manhã de 3 de fevereiro de 2010, seu enterro foi acompanhado por muitos companheiros de torcida e o clube enviou a bandeira que cobria seu caixão. Fica aqui registrada a Danúbia como os corinthianos sempre a viam em todos os jogos do time: alegre e vibrante para sempre, acima do tempo e do placar





LOURENÇO, A INFORMAÇÃO EMOCIONADA

Agora, depois da música, do cinema e das artes plásticas, vamos ao vasto Corinthians por escrito. Bem disse o poeta Menotti Del Picchia, lá por 1922, que o Corinthians era um fenômeno social a ser estudado em profundidade.

E foi, como foi. Teses, livros, monografias. Mas vamos nos ater aos livros que se revelaram mais ricos para a composição deste que vos fala. No final, as indicações de como adquiri-los. Porque há neles temas fundamentais que transcendem os modestas intenções desta nossa celebração.

Em *Coração Corinthiano*, lançado em 1992 pela Fundação Nestlé de Cultura e infelizmente esgotado, o jornalista Lourenço Diaféria faz, com rigor e ternura, uma longa e abrangente viagem pela história do Timão. Aos longo das frementes 414 páginas da obra, a pesquisa séria convive honestamente com a paixão confessa do autor que, quando pode, se manifesta e se esbalda. Em se tratando de Corinthians, não podia ser diferente.

CELSO, A GRANDE REFERÊNCIA

O primeiro grande historiador do Corinthians foi Antoninho de Almeida, por 60 anos funcionário dedicado do clube que, com minucioso carinho, passou anos pesquisando e recolhendo documentos, sem nunca ter publicado nada em livro, apenas em revistas e fascículos. Está sendo estudada uma publicação dos seus vastos manuscritos. Vastos e misteriosos, que ninguém sabe como ele conseguiu escrever tanto, uma vez que não tinha as duas mãos.

Mas se houvesse um Troféu Antoninho de Almeida de História Corinthiana, ele hoje deveria ser entregue, sem dúvidas, ao jornalista e escritor Celso Unzelte, chamado de historiador esportivo. Professor de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero e comentarista da ESPN Brasil, Celso publicou três livros que, somados, formam o mais completo painel da história do Corinthians.

Ao longo das 534 páginas do *Almanaque do Timão*, lançado pela *Placar* em 2000 e reeditado em 2005, ele biografou 1.141 jogadores, 104 técnicos, ficha 4.828 jogos e celebra os maiores artilheiros e os mais fiéis craques do time. Além dos grandes ídolos, Celso tem o mérito e a gentileza de resgatar jogadores perdidos na névoa dos tempos. Não fosse o seu Almanaque, poucos se lembrariam de que no glorioso Timão já jogaram um Totó e um Bororó, um Bode





e um Gatão, um Jesus e um Creysler, um Ferrão e um Liquinho, um Fogosa e um Belacosa, um Beirute e um Espinafre, mais o Plei e o Pipi, o Lito e o Lolo, e ainda o Onça, o Pardal e o Maritaca.

Em *Os Dez Mais do Corinthians*, da Maquinária Editora, Celso Unzelte conta a vida e a obra dos maiores ídolos do Timão, eleitos por dez dos mais importantes jornalistas esportivos do Brasil. Eis os eleitos: Cláudio, Baltazar, Luizinho, Gilmar, Rivellino, Zé Maria, Wladimir, Sócrates, Neto e Marcelinho. Também foram lembrados: Neco, Basílio, Carbone, Casagrande, Gamarra, Roberto Belangero, Teleco, Dida, Domingos da Guia, Grané, Idário, Palhinha, Rincón, Ronaldo (o goleiro), Tevez, Vampeta, Viola e Zenon. Celso traça um perfil completo de cada um dos dez mais. Ele não só foca esses grandes craques em seus tempo de glória, mas também como cada um deles exerceu ou exerce na vida essa suprema sabedoria que é saber passar.

O simples título do seu último livro, lançado em novembro de 2009, é auto-explicativo: *Timão 100 anos, 100 jogos, 100 ídolos*, mais uma sólida, intensa e bem ilustrada enciclopédia alvinegra.

Muito ligado a um avô são-paulino que se referia a Sócrates como “aquele maldito ortopedista”, Celso seguiu o caminho do pai corinthiano. Convidado por um amigo para colaborar no *Almanaque do Palmeiras*, respondeu que poderia ajudar, sim, mas com a condição de só pesquisar as – derrotas! Dizem que, no fim, cedeu alguns empates...

WASHINGTON, A INFORMAÇÃO ALUCINADA

Washington Olivetto tem, até agora, dois livros sobre o Timão.

O primeiro, na boa, brilhante e alvinegra companhia do jornalista Nirlando Beirão, se chama *Corinthians – é preto no branco*, um primor de realismo fantástico.

Bem que ele poderia contar objetivamente a história do Corinthians, mas de repente, corinthiano, não se segura e toma certas liberdades com os fatos, mesmo porque, como se sabe, os fatos nem sempre têm razão. Claro: com seus longos períodos de puro deserto, o Corinthians é mesmo um time propício a miragens e ilusões. Para Washington, por exemplo, com Gilmar no arco o Brasil jamais teria entregado aquela Copa para o Uruguai, em 50 no Maracanã... E quem entra em campo para botar as coisas no lugar, dizer que Gilmar, na época, tinha 20 anos e ainda jogava no Jabaquara de Santos? Nirlando Beirão, o realista. O livro é todo





AS CAMISAS E SUA HISTÓRIA

O livro *A História das Camisas dos 12 Maiores Times do Brasil* mostra os quase 200 modelos vestidos pelo Corinthians em 99 anos de vida. Acima, a primeira, que, dizem, era creme. Abaixo, a primeira alvinegra com o primeiro distintivo no peito



Ilustrações: Daniel Abrahão

assim. Um voa, delira, o outro segura, explica. Ambos, em grande estilo. Ganha o leitor.

Já em seu segundo livro, *Corinthians x Outros – Os melhores nossos contra os menos ruins deles*, Editora LeYa, Washington pratica um delírio mais assumido e metódico. Ele escala 14 jogadores de um Corinthians ideal e convida amigos para fazer o mesmo com seus times do coração – e imaginar como seria o jogo entre esses times de puros craques de todos os tempos.

Jorge Ben escala o Flamengo, Luis Fernando Verissimo, o Inter, Jô Soares escala o Fluminense, José Serra escala o Palmeiras...

As partidas são alucinantes.

Marcelinho Carioca tenta fazer um gol de falta no Manga do Botafogo. Um jovem Pelé entra em campo contra um já provecto Ronaldo do Corinthians. A certa altura, Rivellino joga com a camisa do Corinthians contra um Rivellino do Fluminense.

Pode? Nesse livro pode tudo.

O Corinthians do autor enfrentou os outros com a seguinte formação. Em pé: Gilmar, Zé Maria, Dino Sani, Roberto Belangero, Gamarra, Wladimir e Rincón; agachados: Casagrande, Marcelinho Carioca, Sócrates, Rivellino, Ronaldo, Carlitos Tevez e Neto. Técnico: Washington Olivetto, claro.

Uma obra acima do tempo e do placar.

JUCA, ROQUE E O CARDEAL

Juca Kfourri também tem dois livros sobre o Corinthians. Em ambos, a mesma briga entre paixão e informação. No fim dos dois, diga-se, nenhuma das duas sai traída ou arranhada.

No primeiro, *A Emoção Corinthians*, de 1983, publicado pela Brasiliense, o leitor acompanha a história do Corinthians tão vivamente como se estivesse assistindo, hoje, a um bom jogo do time. Pela DBA, em 1996, saiu *Corinthians Paixão e Glória*. Nesse livro, magificamente ilustrado, a mesma história, agora ampliada em anos, com uma narração mais livre e participação direta de ídolos como Sócrates e Casagrande. Como sempre acontece com os livros editados pela DBA, o texto do Juca está vertido para o inglês. Fica engraçado ouvir falar no *the young* Adãozinho e que Casagrande é um *corinthian at heart* e que devia ouvir a Fiel pedindo lá da arquibancada “*Please, come back, Casão, you belong to Timão*”. Bom também ouvir este hino: *Hail, Corinthians/ champion of the champions/ eternally/ in our heart...* Conhecem?





Em uma obra preciosa sobre as primeiras décadas do Corinthians, *Neco, O Primeiro Ídolo*, Geração Editorial, 2001, Antonio Roque Citadini conta de que forma, ano a ano, o Corinthians foi evoluindo das várzeas do Bom Retiro para o tricampeonato de 1930, ano em que Neco se despede dos gramados. Em curiosas notas de rodapé, Citadini traça um rico e detalhado quadro da São Paulo dessa época, seus primeiros clubes e crescente urbanização. Para se ter uma idéia: o capítulo 1922 – O Campeonato do Centenário é enriquecido com nada menos do que 42 notas.

O corinthianismo está mais para nação ou para religião?

Em seu livro *Corintiano Graças a Deus*, Editora Planeta, 2004, Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal de São Paulo entre 1966 e 1998, e corinthiano de fé, não chega a canonizar seu time, mas defende que ele tem, sim, parte com o evangelho na medida em que traz alegria e esperança para o povo mais sofrido. Mesmo quando perdemos o jogo, ganhamos mais esperança, diz ele. Um dia, em Roma, Dom Paulo chegou a defender a figura de São Jorge, um santo de história meio nebulosa na Igreja. Quanto à canonização de São Basílio 77, pedida por Juca Kfourri no prefácio da obra, parece que até hoje não deu nem entrada no Vaticano.

ZIRALDO, GROISMAN E LALAU.

Da fé para o humor.

Em *Todo-Poderoso Timão*, Editora Globo, 2009, o cartunista Ziraldo cria um personagem, o Mosquetinho, para contar em quadrinhos a história do Corinthians.

Do humor para a educação.

Com o *Meu Pequeno Corintiano*, Editora Belas Letras, 2009, o jornalista Serginho Groisman e o ilustrador Carlinhos Muller falam das lições de vida que os grandes momentos do Corinthians podem trazer para as crianças. E para os adultos também, já que, como todos sabem, com tanta tentação por aí, nem sempre é fácil educar um filho na fé corinthiana.

Da educação para a arte.

Em meio à recente onda de publicações alvinegras, é possível que o pequeno grande livro do publicitário e artista gráfico Lalau, Lázaro Simões Neto, seja o mais bonito visualmente. É com muita força e delicadeza que *Fiel 100 anos*, Panda Books, 2009, harmoniza fotos emocionantes com depoimentos emocionados. Em edição primorosa, toda em preto e branco, o livro do Lalau é, até



PAIXÃO SOLIDÁRIA

A camisa grená que, num jogo em maio de 1949, homenageava os atletas do Torino, falecidos num acidente aéreo. Abaixo, alvinegra listrada clássica





E PARA TERMINAR

Na impossibilidade de registrar a evolução de todos os modelos, aqui ficam a branquinha lisa básica e a listrada dourada da Libertadores 2006. Que não nos trouxe tanta sorte

hoje, a mais eloquente tentativa de explicar o que é o Corinthians e o que é ser corinthiano. Isso é impossível, mas nunca uma tentativa se revelou tão bonita.

Ao sabor dos ventos, modas e patrocinadores, a camisa do Corinthians tomou muitos desenhos e mesmo cores no caprichoso varal dos tempos. Começou creme, ficou branca de tanto lavar e branca ficou porque, em não desbotando, era mais barata. Entre as páginas 60 e 85 do livro *A história das camisas dos 12 maiores times do Brasil*, de Paulo Gini e Rodolfo Rodrigues. Panda Books, 2009, o corinthiano pode acompanhar quase 200 modelos vestidos pelo time em 99 anos de história.

Bem no fim de 2009, foi lançado pela Editora Anotações com Arte um animado e bem ilustrado calendário, o *Centenário*, que conta, mês a mês, histórias do Corinthians, seus grandes ídolos e mais devotados torcedores. A organização é de Fred Rossi e o texto de Oswaldo Mendes.

O que se tem publicado sobre o Corinthians é uma prova escrita, preto no branco, da extrema biodiversidade cultural e social da sua torcida. Dentre os autores, um é jornalista, outro é artista gráfico, outro é administrador de empresas, outro é jurista, outro é publicitário famoso, outro é o cardeal da resistência à ditadura que um dia disse: “Ser corinthiano significa viver com o povo e continuar em pé quando muitos vacilam”.

IMITANDO WASHINGTON OLIVETTO

Em nossa pesquisa sobre Corinthians e cultura houve momentos em que retroagimos perigosamente no tempo e no espaço.

Fomos até a Grécia para concluir que Aristóteles era, tudo bem, palmeirense, Platão, claro, são-paulino, mas que Sócrates, um filósofo de rua, que andava pelas praças de Atenas partejando a verdade, era e só podia ser corinthiano.

Dentre os apóstolos de Jesus, São Paulo era, já por força do nome, são-paulino; São Pedro, impulsivo e humano, corinthiano roxo, e Judas, aí é melhor nem falar.

Dentre os grandes cineastas, o refinado Bergman, tudo bem, era são-paulino, Fellini morreu lamentando não ter feito um filme sobre o Corinthians e Mussolini, esse não só era palmeirense como foi o autor do marcial e imponente hino do time. Já o que Mussolini estava ali fazendo entre cineastas ninguém soube explicar.

Ah, essa falsa cultura alvinegra.





Fotos: Arquivo Museu Mazzaropi

HOMENAGEM Amácio Mazzaropi (1912-1981), talvez o mais corinthiano dos cineastas.

De braços abertos



Com Rivellino, Casagrande, Sócrates e Ronaldo,



Fotos: Folha Press



Foto: Folha Press

a emoção dos cem anos começou faz tempo



Foto: Ricardo Correa - Editora Abril



Meninos do parque

Silvinho, Kléber, Gil, honra a três das muitas pratas da casa.



Foto: Alexandre Battibugli - Editora Abril



Foto: Renato Pizzuto - Editora Abril



Foto: Alexandre Battibugli - Editora Abril



A fiel não esquece

Gamarra, Rincón: gracias, hermanos



Fotos: Alexandre Battibugli - Editora Abril



Nossos cobradores (i)mortais



Fotos: Lemyr Martins - Editora Abril

Zenon e Rivellino, precisão e explosão.



Fotos: Célio Apolinário - Editora Abril



Fotos: Renato Pizzutto – Editora Abril

Já Marcelinho conversava com a bola no
chão e com os céus negociava o canto certo



22 O Corinthians do novo milênio

O TIME ENTRA NO
NOVO MILÊNIO ENTRE
ALTOS E BAIXOS E
ATÉ AÍ TUDO BEM, É
O CORINTHIANS. MAS
DEPOIS NÃO SABE
COMO SAIR DE UMA
PARCERIA TÃO
MILIONÁRIA QUANTO
MISTERIOSA

Fundado no último ano da primeira década do século passado, o Corinthians vai atravessar agora a primeira década do novo milênio, rumo ao seu – próprio milênio.

Mas não é centenário?

Depende. Corinthiansos mais profundos não ligam para os calendários deste mundo. Eles contam com o coração. Foram tantas as emoções que, em caso de Corinthians, cem anos valem por mil. Os mais radicais juram que o ano da série B, 2008, durou simplesmente um século.

Filosofias à parte, como foi esta última década rumo ao, digamos, centenário?

Corinthiana, absolutamente corinthiana. Um título por ano, até dois, e de repente...

Mas vamos primeiro curtir a glória, fartar-se dela, dela fazer uma boa provisão de alma para a última e talvez mais dolorosa das travessias.

O Corinthians abre o milênio – corinthiando.

2001 começou de mau jeito. No Paulista, perde os primeiros jogos, até para a Portuguesa Santista, 2 a 1. Cai o técnico, claro.

Com Vanderlei Luxemburgo, ainda rateia um pouco, mas agarra vôo, vence sete jogos seguidos e se classifica para encarar o Santos nas semifinais.

Na Copa do Brasil, uma festa. Vai atropelando todo mundo, 8 a 1 no Flamengo de Teresina, 3 a 0 no São Paulo do Piauí, aliás, do Morumbi. É que o time já nem fazia muita distinção.

Nas semifinais do Paulistão, o Santos tem a vantagem de dois empates. O que começou conseguindo na primeira partida, 1 a 1.

Na segunda, também 1 a 1 até o finalzinho.

Caro leitor: a esta altura, a sua memória já é certamente cúmplice da nossa narrativa. E deve se lembrar daquele finalzinho entre Santos e Corinthians no Morumbi. Já nos acréscimos, 40 segundos para terminar o jogo, Andrezinho rouba a bola na intermediária, lança Gil que avança, dribla o zagueiro André Luiz e cruza: Marcelinho deixa a boa passar entre as pernas, vem Ricardinho e, num chute colocado, faz 2 a 1. Desse ninguém esquece.



Foto: Alexandre Battugli - Editora Abril





Depois foi só passar, fácil, pelo Botafogo para chegar ao 24º título estadual.

Já na final Copa do Brasil, muito azar. Começa ganhando do Grêmio no Olímpico, 2 a 0, cede o empate e perde a segunda do Morumbi, 3 a 1. No Brasileiro também termina mal.

ENTRE ALTOS E BAIXOS

2002 começa prometendo. Dida volta do Milan e Carlos Alberto Parreira assume o time.

E foi mesmo um ano bom. Com um time bem ao gosto do técnico, cadenciado, mas lá na frente, soltos, Deivid, Leandro e Gil faziam das suas.

O Torneio Rio-São Paulo, agora com 16 equipes, foi presa relativamente fácil até a final contra o São Paulo.

Nesse ano, 2002, tivemos muito São Paulo pela frente.

Nas semifinais da Copa do Brasil, 2 a 0 no primeiro jogo, dois de Deivid. Foi o que bastou, o 2 a 1 pra eles no segundo jogo não mudou nada.

Na final do Rio-São Paulo, quatro dias depois, foi um 3 a 2 épico contra o tricolor.

Um belo jogo. Adriano, pênalti, abre o placar, mas aí os três mosqueteiros da vez, Deivid, Leandro e Gil, foram conferindo lá na frente. Belletti deixou por 3 a 2.

Quatro dias depois, São Paulo outra vez. Reinaldo para eles logo aos dois minutos e Rogério para nós, de falta, aos 32 do segundo tempo.

Corinthians campeão do Rio-São Paulo!

Agora, a Copa do Brasil.

Nela vinha uma zebra finalista atropelando tudo, o Brasiense. No Morumbi, um duro 2 a 1. Em Brasília, um emérito cobrador de faltas, Wellington Dias, faz 1 a 0. Deivid, ah, Deivid, não fosse você. Final 1 a 1. Corinthians campeão.

Agora, o Brasileirão. Aí não deu. Ficamos no quase, o Santos nos levou o título numa final azarada. 3 a 2 pra eles.

Em 2003 Deivid vai para o Cruzeiro e Parreira para a Seleção. Foi um ano de alegrias caseiras e tristezas internacionais.

Em casa, o 25º título estadual. E mais: com um revigorante 4 a 2 contra o Palmeiras nas semifinais. Nas duas finais, dose dupla de 3 a 2 pra cima do São Paulo. No segundo jogo, Liedson e Jorge Wagner, dois novos contratados, brilharam e decidiram.





Na Libertadores, tristeza. Um sentimento de que a Libertadores não é com a gente mesmo. Um time confuso, uma desclassificação inglória para o River Plate nas oitavas de final em pleno Morumbi.

Em 2004 a Fiel, que andava mal acostumada, viveu o já inimaginável, um ano sem título. Pior: mesmo já com Fábio Costa no gol, o time por pouco não vai para, olha ela aí, a série B do Paulista, a igualmente temível A2. Fomos salvos pelo São Paulo, que nos fez o favor de vencer e mandar para baixo o pobre do Juventus, que não tinha nada a ver com a história.

No Brasileiro, vexame e ressurreição. Começa mal, ronda o rebaixamento e no fim, sob o comando do técnico Tite, termina num honroso quinto lugar.

2005, UM ANO CONFUSO

Time em baixa, clube sem caixa, torcida nervosa, estava tudo preparado para que em 2005 no Corinthians entrasse em campo uma das mais arriscadas figuras deste mundo: o salvador. O salvador e as sempre nebulosas fronteiras entre o que ele traz e o que ele cobra. O que liberta e o que escraviza.

No caso, a salvação baixou com três letras, MSI, Mídia Sports Investments, e uma estranha cara nova, a do iraniano Kia Joorabchian, nomeado representante de operações do grupo inglês no Brasil. Se o grupo era inglês ou russo, se seu enviado era representante ou interventor, nada disso ficou muito definido. Para ninguém, nem para a polícia, ficaram claros os termos do contrato, a fonte dos recursos e o real poder dos estrangeiros dentro do Parque São Jorge.

O fato é que o Corinthians virou uma casa tomada, um entreposto de craques argentinos.

Bem, craques... Veio Sebá, um becão apenas saudável. Veio o volante Mascherano, que não exerceu sua misteriosa fama de craque de uma seleção argentina que por pouco não vai à Copa de 2010. Veio o técnico Daniel Passarella um técnico que equilibra rigor e mediocridade. E veio, por 20 milhões de dólares, Carlitos Tevez, esse sim raçudo e bom de bola, e corinthiano de nascença, criado que foi numa conturbada favela de Buenos Aires, chamada de Forte Apache. Com ele, o torcedor, que não se avexa de se considerar maloqueiro e sofredor graças a Deus, se identificou bastante. Meninos imitavam seu corte de cabelo tipo caminho de rato e humoristas do Casseta simulavam suas rosnadas entrevistas.





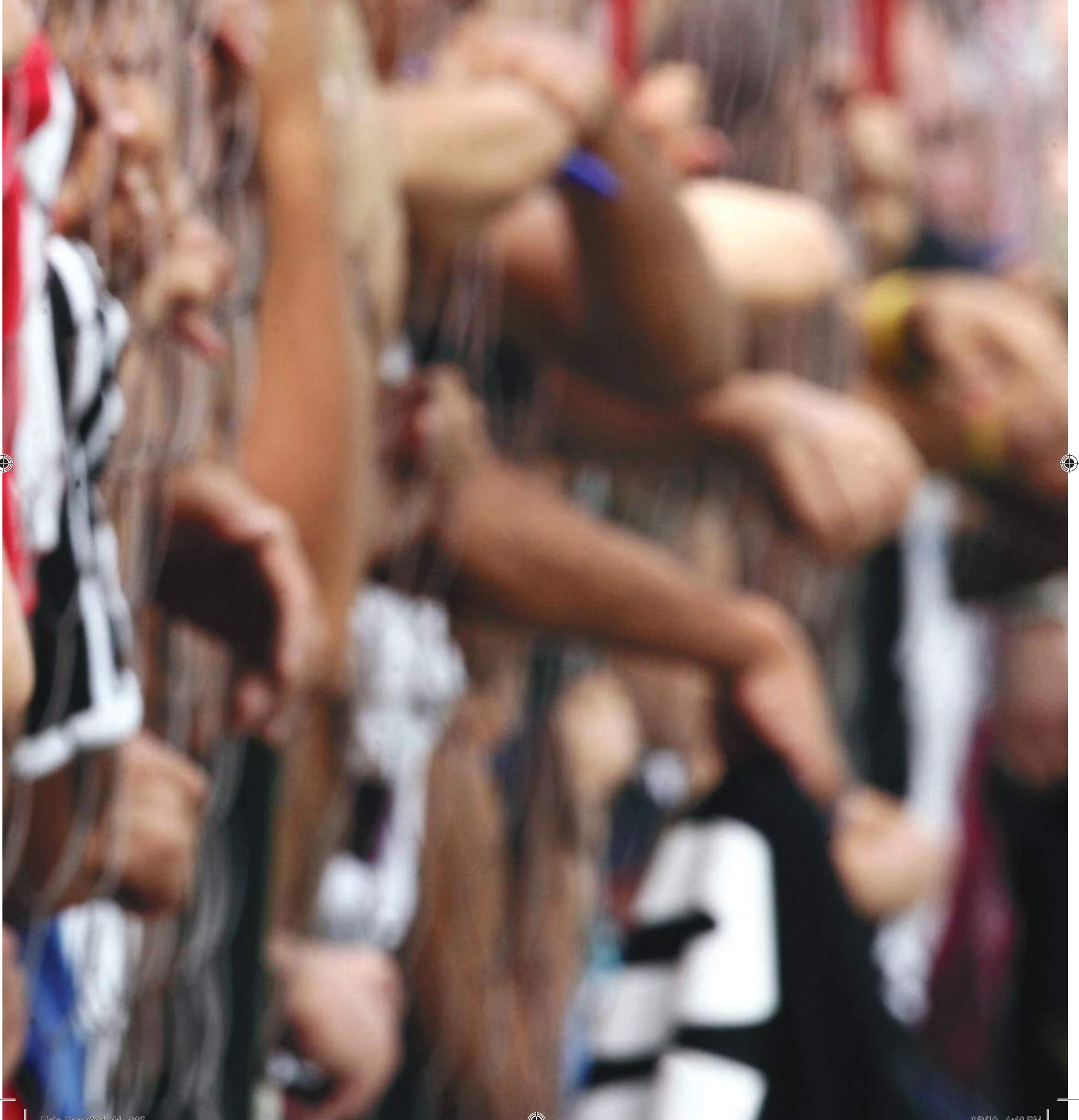
Foto: Sergio Dutti - Agência Estado

Decisão do Brasileiro de 2005:





mais emoção no treino do que no jogo





Fotos: Renato Pizzutto – Editora Abril





Para completar essa legião estrangeira, o Corinthians repatriou dois brasileiros, Carlos Alberto e Roger, prontamente liberados por seus clubes. Para o segundo turno do Brasileiro veio Nilmar, do Lyon da França. Contundido gravemente num joelho e depois no outro, ficou seis meses sem jogar.

Com essa turma em campo, como definir o ano de 2005?

Trágico? Nem tanto. Talvez exótico. Ou instrutivo. Ou errático.

Exótico porque não é sempre que se tem parte da seleção argentina em campo e um iraniano dando as cartas.

Instrutivo por ter demonstrado quem nem só com grana e fama se faz um bom time; a grande lição aconteceu no jogo pela Copa do Brasil, em abril de 2005, contra o modesto Cianorte do Paraná, que tascou 3 a 0 no Corinthians de Tevez e Roger e Pasarella. Pasarella deve ter ficado impressionado com o gol de bicicleta do Binho, do Cianorte.

Errático porque a certa altura do Campeonato Brasileiro, um juiz, Edílson Pereira de Carvalho, declarou-se culpado pela manipulação de jogos que tiveram de ser refeitos. Entre os onze confessados, dois em que o Corinthians perdera, para o São Paulo, 3 x 2, e para o Santos, 4 x 2.

Remarcados os jogos, empatamos com o São Paulo, 1 a 1, e vencemos o Santos, 3 a 2.

O Corinthians avança desperdiçando chances e só na última rodada é declarado campeão, mesmo perdendo para o Goiás por 3 a 2 em Goiânia, em um jogo melancólico. A torcida vibrou com seus ídolos mais durante o treino do que no jogo.

Foi um título bastante controvertido, ambíguo, chiado.

Diga-se, no entanto: o Corinthians ganhou seus pontos em campo, jogando bola, e sem culpa nenhuma no caso da remarcação dos jogos.

Diga-se ainda: o Internacional desperdiçou suas chances também dentro do campo ao perder para um rebaixado Coritiba.

E, por tudo, o Corinthians ia pagar caro.

DEIVID E RICARDINHO

Deivid não ficou muito tempo no time, mas deixou boas lembranças de uma Copa do Brasil e um Rio-São Paulo em 2002. E como esquecer Ricardinho? Ali pelo meio do campo, sabia tudo. E muito nos ajudou no Paulista de 99, nos Brasileiros de 98 e 99 e ainda no Mundial de 2000



23 A mais cruel das travessias

NUMA TRISTE

TARDE DE 2007, O

INIMAGINÁVEL

ACONTECE:

CORINTHIANS CAI

EM PORTO ALEGRE

PARA A SÉRIE B.

EM OUTUBRO DE

2008, NO PACAEMBU,

A VOLTA, A FESTA.

Ê CORINTHIANS

Dizem os filósofos da história que quem não aprende com as tragédias corre o risco de repeti-las.

Aquela tarde de domingo em Porto Alegre, 2 de dezembro de 2007, foi verdadeiramente insuportável.

Então vamos tentar aprender com ela. Entendê-la. Perguntar-se: 2007, a série B – quando começou?

Para alguns, ela teria começado já em dezembro de 2004, quando foi assinado o contrato com a MSI. Veio nas asas do carma ruim que a MSI trouxe para o clube.

Para outros, o grande símbolo da derrocada foi em 2006, quando, na decisão da vaga para as quartas de final da Libertadores contra o River Plate no Pacaembu, a torcida humilhada botou abaixo parte do alambrado. Um ato lamentável, mas também uma tentativa de derrubar o fosso que existia entre a Fiel e uma maneira de conduzir o time que era alheia ao seu coração. Ali, ainda que de forma errada, a Fiel queria, de alguma forma, participar. Ali, com o alambrado, o time teria começado a vir abaixo.

Tanto que naquele ano, 2006, no Paulista, ficamos atrás do Noroeste e do São Caetano. No Brasileiro, por pouco não caímos, sob o comando de um Leão brigado com Tevez. Com o Tevez que um dia, sem maiores explicações, largou o time e foi visto numa boate em Buenos Aires cantando e dançando cumbia num conjunto chamado *Los Palmeras*...

FINAZZI BEM QUE TENTOU

Era o fim?

Não, o fim veio aos poucos, em 2007. Corinthianamente. De queda em queda, mas também, corinthianamente, de ilusão em ilusão, numa mancomunação de acasos que até hoje doem.

Mas, antes de citar alguns, e para que não doam tanto, talvez um pouco de filosofia ajude.

Em seu livro *Aspectos Trágicos do Futebol*, o escritor e artista plástico Nuno Ramos escreve o seguinte: “Tudo parece fácil e concatenado quando ganhamos; tudo parece disperso e difícil quando



Foto: Epitácio Pessoa – Agência Estado





perdemos. No entanto, é por tão pouco que se ganha ou perde. O apito final estabiliza violentamente aquilo que, no transcorrer do jogo, parece um rio catastrófico de mil possibilidades a nos arrastar com ele”. O escritor argentino Jorge Luis Borges fala dos muitos futuros que o acaso não nos proporcionou.

O poder do acaso. O futebol é o seu reino preferido. Por isso talvez ele seja tão apaixonante. Por ser tão como a vida que também é, o tempo inteiro, lógica e acaso, razão e loteria.

Sob essa luz maior, voltemos a um apequenado Corinthians se debatendo a caminho da série B.

Foi por um ponto, um pontinho só que ele caiu. E onde esse pontinho mágico poderia ter sido conquistado? Aquele 1 a 0 sofrido contra o São Paulo, Betão de cabeça aos 41 do 2º tempo, não poderia ter-se repetido em outro ponto do descaminho?

Não foi o que aconteceu.

Finazzi bem que tentou. Até abriu o placar naquele jogo contra o Flamengo do Maracanã. Mas Roger, um ex-corinthiano, tinha que desempatar naquela arrancada fatal pela esquerda?

Depois, contra o Atlético Paranaense no Pacaembu, 2 a 1 pra eles até o finzinho. Finazzi de novo, aos 47 do segundo tempo, empatou.

Depois em Goiânia, contra o Goiás, começamos perdendo, empatamos ainda no primeiro tempo. No segundo, Felipe até um pênalti pegou, e cobrado por ele, Paulo Baier. Ficou nisso, 1 a 1.

Contra o Vasco foi um festival de gols perdidos. No segundo tempo, um cruzamento, uma cabeçada espírita do Alan Kardec bate na coxa de um zagueiro, Fábio Ferreira, engana Felipe – e entra! Bem no finzinho, Arce, livre dentro da área, tenta encobrir o goleiro – e não entra!

Teve corinthiano bradando aos céus que, se é assim, melhor cair de uma vez e acabar com tanto sofrimento.

Nosso destino estava agora principalmente nos pés dos gaúchos. Do Internacional, que ia enfrentar em Goiânia nosso concorrente direto à degola, o Goiás. E do Grêmio, que nos enfrentaria no Olímpico. O Internacional ainda meio mordido com a perda do título em 2005. O Grêmio, na dele.

O que se viu então foi um destes requintes de agonia e êxtase que só corinthiano conhece.

Para permanecer na série A, o Corinthians entra em campo precisando só de um ponto para rebaixar e o Goiás perder ou empatar com o Inter em Goiânia.





Estádio Olímpico, domingo, 2 de dezembro de 2007, a agonia

Da parte do Grêmio, Mano Menezes, o técnico, anuncia que não ia facilitar no jogo em Porto Alegre.

Verdade: logo de saída, Jonas, de cabeça, faz 1 a 0.

Da parte do Internacional, o técnico Tite garante que não vai facilitar em Goiás.

Verdade: aos 12 do primeiro tempo, Fernandão faz 1 a 0 para o Inter.

Corinthians na série A.

Aos 31 o Goiás empata com Élson.

Corinthians na série B.



Foto: Paulo Pinto - Agência Estado



Aos 30 do primeiro tempo Clodoaldo se antecipa e empata o jogo no Olímpico.

Corinthians na série A.

Segundo tempo em Porto Alegre e Goiânia. Duas eternidades.

O Goiás não pode ganhar. O Corinthians com um único golzinho se salva.

Pênalti para o Corinthians em Porto Alegre.

Clodoaldo bate, o goleiro defende.

O juiz manda repetir.

Clodoaldo bate, o goleiro defende.

O juiz manda repetir.

Clodoaldo desiste, Moradei vai e enche o pé, Corinthians 2 a 1.

O Brasil inteiro está chocado com tanto favorecimento.

É, só que foi o contrário. O pênalti foi para o Goiás, o goleiro Clemer, do Inter, defende duas vezes a cobrança de Paulo Baier, que desiste, Élon converte, o juiz se dá por satisfeito e o Brasil inteiro nem fica tão chocada.

No Olímpico, em meio às lágrimas e ao profundo silêncio, um torcedor anônimo ergue um modesto e improvisado cartão avisando: “Eu nunca vou te abandonar”.

Semanas depois, na Rua 25 de Março, em São Paulo, camisetas com a inscrição “Eu nunca vou te abandonar” até em árabe eram vendidas.

Em São Paulo, no dia seguinte, um samba do compositor Vladimir Moura Leite, o Magal, assim tentava consolar a Fiel:

*...aconteceu, só você não viu,
o Corinthians não desceu
a série B foi que subiu.*

Hoje tudo é mais compactado: jovens torcedores se preparavam para viver em um ano o que seus pais haviam vivido durante quase 23.



Foto: Paulo Pinto - Agência Estado





Foto: Nils Andreas - Agência Estado





Estádio do Pacaembu, sábado, 25 de outubro de 2008, o êxtase

O jogo é contra o Ceará e o Corinthians pode voltar hoje para a série A com seis rodadas de antecipação. Mas vencer não basta, o Paraná tem que ganhar ou empatar com o forte Barueri e na casa do adversário.

Fácil não vai ser, mas o estádio está lotado de fé.

Deus, hoje, é da Fiel, parece que nos ares estava escrito.

Aos oito minutos do primeiro tempo, Herrera disputa na raça uma dividida com um zagueiro do Ceará, dá um corte de craque no outro e chuta – na trave!

Parece um outro outubro, aquele de 77.

Como naquela noite de outubro de 77, a bola bate na trave e volta, agora para Douglas bater colocado, Corinthians 1 a 0.

Aos 16, o Paraná faz o seu em Barueri.

Corinthians na série A.

Aos 23, o Barueri empata com Esley.

Corinthians com o pé na A.

Segundo tempo no Pacembu e em Barueri.

Aos quatro minutos, numa rebatida, Chicão faz 2 a 0.

Aos 34 minutos, pênalti contra o Barueri.

A Fiel fica por um fio.

Fabrício cobra e converte.

O juiz não manda repetir.

O Corinthians está de volta à série A.

A Fiel não cabe em si, a Fiel é canto só.

“O Coringão, voltou, ôôô. O Coringão voltou”.

O jogo termina, 40 mil vozes entoam:

“Eu voltei, agora pra ficar, aqui é o meu lugar”...

Felipe e Dentinho não se aguentam e pulam o alambrado para os braços da Fiel.

Balões negros sobem aos céus anunciando: *“Eu voltei”.*

Houve quem lembrasse aquele que muitos consideram o mais corinthiano dos salmos, o 126:

“Os que semeiam entre lágrimas cantando colherão”.





Foto: Daniel Kfourri

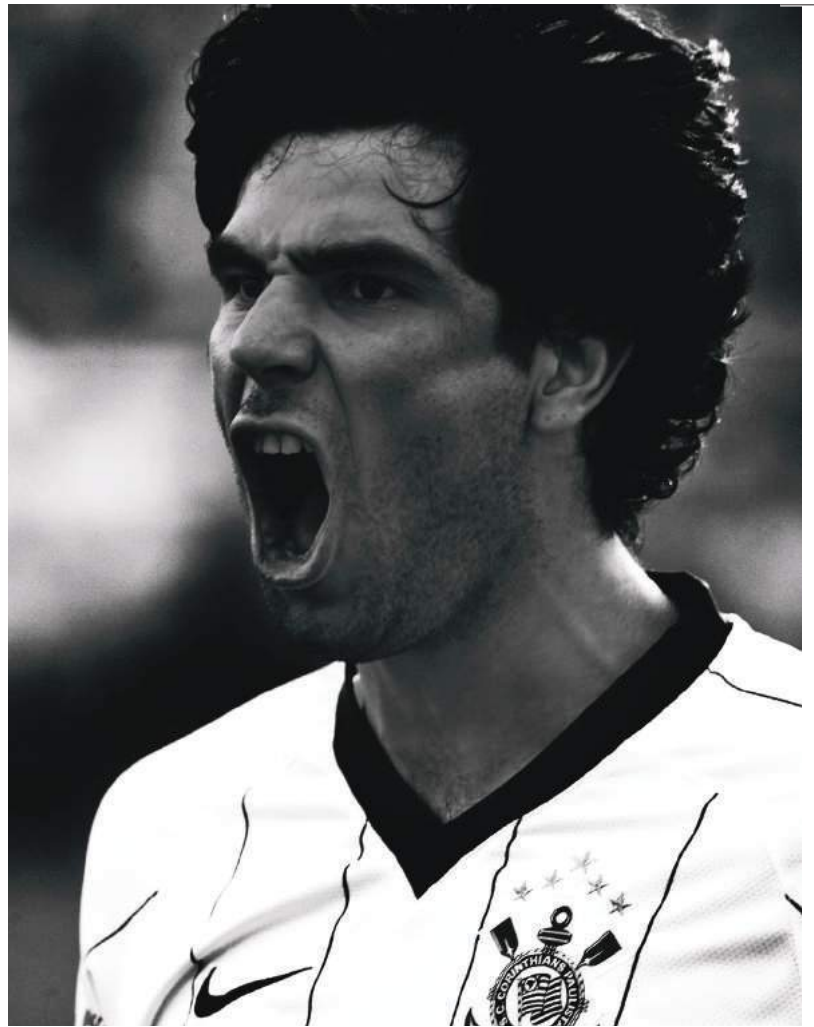








As emoções da volta



Fotos: Daniel Kfourri



Foto: Daniel Kfourri





VOLTANDO UM POUCO A HISTÓRIA

Com a queda para a série B, caiu também a velha diretoria do clube. Com a nova, Andrés Sanchez à frente, uma promissora mudança nos estatutos. Agora, o presidente não pode mais ser reeleito e, se quiser concorrer novamente, terá de esperar dois mandatos dos sucessores. É o fim das dinastias? E mais: o presidente passa a ser eleito pelo voto de todos os associados e não apenas dos conselheiros.

Assim legitimada, a nova diretoria com muito cuidado preparou o time para a difícil travessia de 2008 na série B.

Do Grêmio, veio o técnico Mano Menezes. A zaga foi reforçada com uma dupla de respeito, Chicão e William. Na ala esquerda o próprio Dunga teve que se render a esta boa escolha: André Santos. Na ala direita, Alessandro também correspondia.

Cristian veio do Flamengo para xerifar a cabeça de área e surpreender lá na frente. Douglas foi um meia-esquerda que, quando acordava, era para decidir, no chute ou no passe. Lá na frente, a promessa chamada Dentinho e um tigre chamado Herrera.

Motivado e coeso, esse time não só nos devolveu, com folga, à série A como não fez feio no Paulista e, por pouco, muito pouco, não nos dá a Copa do Brasil. Trágicos aqueles 2 a 0 para o Sport lá no Recife, depois do histórico e bem aplicado 4 a 0 no Goiás aqui em São Paulo e dos 3 a 1 sobre o próprio Sport no primeiro jogo daquela decisão.

Muita emoção para um ano só?

Teve mais: ainda no fim de 2008, quem se apresenta para jogar no Corinthians?

Sim, ele, Ronaldo Nazário, o Fenômeno, três Copas do Mundo no currículo, aceita trocar Milão pelo Tatuapé.

Dez mil torcedores lotaram a Fazendinha para recebê-lo no dia 12 de dezembro. Entre cantos e fogos, ele logo foi se declarando “mais um louco num bando de loucos”.

A imprensa do mundo inteiro noticiou.

O que esperar para 2009? Ninguém sabia. Ninguém sabe. A única certeza, sempre, no Corinthians é que emoções não hão de faltar. As boas e as outras.







24 Rumo ao centenário

E QUEM VAI
ESQUECER O
PRIMEIRO SEMESTRE
DE 2009?
COM RONALDO
INFERNIZANDO NO
PAULISTA E NA COPA
DO BRASIL? O TIME
TODO SE ACERTANDO?
DEPOIS...

Dizem os sábios que o ser humano completo é, um pouco, bipolar, igualmente capaz de luz e treva, euforia e depressão. O ser humano é como o Corinthians, alvinegro. E dizem também que o contraste é o sal da vida, que o ser humano nem estaria estruturado direito para a felicidade contínua, e que ser corinthiano (isso eles não dizem, mas se entende) que ser corinthiano, esse eterno viajante entre a tristeza e a alegria, a humilhação e a glória, um jeito até normal e saudável de ser.

Por isso, por tudo isso, o Corinthians para tanta gente se torne mais do que um time e seja também um símbolo e uma pedagogia.

Vejam só 2009. Que síntese de cem foi seu último ano antes do centenário.

Um ano absolutamente bipolar.

Um primeiro semestre só alegria. Essa alegria teve muitos nomes, Felipe, Alessandro, Chicão, William, André Santos, Cristian, Elias, Douglas, Jorge Henrique, Dentinho, Mano Menezes e uma alegria maior, Ronaldo.

Ronaldo só foi estreiar no time quase três meses depois, no dia 4 de março em Itumbiara, pela Copa do Brasil. Depois de Eindhoven, Barcelona, Milão – Itumbiara, Goiás. Só entrou aos 19 do segundo tempo e o Brasil e o mundo ficaram suspensos e logo lamentando aquela bola que Douglas, fominha, não lhe passou, livre que estava para concluir e fazer história. Pobre Douglas, teve de passar a semana se explicando.

Quatro dias depois, o primeiro gol com a camisa do Timão. E que gol, em que minuto e contra que time. Contra o Palmeiras, pelo Paulista, em Presidente Prudente, ao 47 do segundo tempo, empatando o jogo, de cabeça, num escanteio agora gentilmente cobrado por Douglas.

Como um menino, como se fosse seu primeiro gol na vida, ele esqueceu todos os títulos e medalhas, correu para a torcida, subiu no alambrado, que veio abaixo, como o Brasil e o mundo.

Um torcedor fez questão de arrancar um pedaço daquele alambrado com um argumento épico: “É como guardar um pedaço do Muro de Berlim”.



Foto: Robson Fernandes – Agência Estado





Gordinho, baladeiro, rico, empanturrado de glória?

Ronaldo foi desmentindo, um a um, todos os boatos. Gol a gol, foi ajudando o time a se classificar para as semifinais do Paulista - Palmeiras x Santos e Corinthians x São Paulo.

No Pacaembu, o São Paulo sai na frente, Miranda, de cabeça. Elias empata logo depois. E aí, quem não se lembra, aquele canho-naço do Cristian lá de fora da área, faltando 20 segundos para terminar o jogo. Rogério Ceni mal se moveu.

Depois, no Morumbi, foi uma festa só. Um passe magistral de Ronaldo a Jorge Henrique que explode na trave para Douglas concluir, 1 a 0. E aí, ele. Passe comprido de Cristian e Ronaldo deixa o zagueiro Rodrigo se perguntando cadê o gordo que tava aqui. Aí foi só desviar do goleiro, Corinthians 2 a 0.

Vila Belmiro, 26 de abril de 2009.

Com dez minutos de jogo, Chicão, uma revelação em cobranças de faltas com barreira, bate uma, perfeita, 1 a 0.

Aos 25, um chutão sem compromisso de Chicão, a bola sobe e vai se aninhar no pé direito de Ronaldo, que, com o esquerdo, desvia do zagueiro Fabão e do goleiro Fábio Costa. Como num passe de mágica.

E tem mais.

Aos 32 do segundo tempo, Elias lança Ronaldo, que com um drible de corpo tira Triguinho da jogada e encobre, delicadamente, o goleiro Fábio Costa.

Lá em cima, na tribuna de honra, Pelé viu e aplaudiu.

Depois, 1 a 1 no Pacaembu e o Corinthians foi comemorar seu 26º título, o quinto invicto da sua história.

Ronaldo é outro homem, feliz.

Tem camisa que cura.

OUTRA VEZ NA LIBERTADORES

E agora, campeões paulistas, vamos retomar a Copa do Brasil. Que veio vindo, veio vindo e só foi engrossar nas oitavas de final, contra o Atlético do Paraná, outro time que, quando o Goiás está de folga, é bem chegado a atazanar a vida do Corinthians.

O primeiro jogo foi no dia 29 de abril em Curitiba, e foi de matar. Até os 40 do segundo tempo, Atlético 3 a 0.

Pênalti para o Corinthians. Chicão, nosso melhor cobrador, bate – na trave!

É o fim, muitos pensaram. Mas era apenas o Corinthians. Cinco





minutos para terminar e Cristian bate com raiva uma falta de fora da área. A bola vai indo, faz uma curva dessas que só o hálito do dragão de São Jorge explica, e entra. Aos 46 Dentinho se aproveita de uma confusão na área e deixa o jogo por 3 a 2.

No Pacaembu deu Corinthians 2 a 0.

Aí veio o Fluminense. No Maracanã, 2 a 2. No Pacaembu, gol solitário de Dentinho, 1 a 0.

Veio o Vasco. No Maracanã lotado, 80 mil pessoas vibrando, Corinthians sem Ronaldo, deu 1 a 1. No Pacaembu um 0 a 0 de agonias até o fim, Felipe fazendo milagre.

Das finais contra o Internacional todo mundo se lembra, mas não custa recordar.

A primeira no Pacaembu, 17 de junho, André Santos na Seleção e, no Inter, Nilmar e Kléber. Marcelo Oliveira vai aos trancos até a linha de fundo, cruza, Jorge Henrique escora, 1 a 0. Elias cobra espertamente uma falta, Ronaldo só tira o zagueiro da frente e toca, 2 a 0. Taison perde um cara a cara com Felipe e fica por aí.

No Beira-Rio, 1º de julho, quem vai esquecer do baixinho Jorge Henrique pulando mais que toda a defesa do Inter e fazendo 1 a 0?

Noite mágica, um balaço do André Santos e 2 a 0.

Nilmar, que alguma coisa estava nos devendo desde o Parque São Jorge, perde um gol feito.

No fim, 2 a 2 e – Corinthians na Libertadores!

ETERNAMENTE

Volta eletrizante para a série A, título paulista de 2009, campeão da Copa do Brasil, novos tempos de glória se anunciavam.

Nada, deu Corinthians, o imprevisível. Cristian e André Santos foram, na cara da torcida, negociados com equipes turcas; o meia Douglas também se foi. O time como que perdeu o eixo.

Mal no Brasileiro, o time passa a pensar na sonhada Libertadores. E uma nova equipe começa a ser montada. Da Turquia vem Roberto Carlos. Daquele às vezes cruel Goiás, vem Yarlei. Daquele Grêmio sempre danado, Tcheco. Do Paraná, uma boa surpresa, Jucilei.

O time não se classifica para o o quadrangular do Paulista, mas na primeira fase da Libertadores vai muito bem, passa bem pelo Racing do Uruguai, pelo Independiente Medellin e pelo Cerro Porteño do Paraguai.

E aí...



São Jorge Henrique, jogai por nós

Foto: Daniel Augusto Junior





E aí este livro já estava quase na gráfica quando numa noite de quarta-feira de cinzas e lágrimas, 5 de maio de 2010, o Corinthians é eliminado da Libertadores pelo Flamengo no Pacaembu.

A Fiel fez a sua parte, lotou o Pacaembu como já lotara até a Fazendinha durante os treinos. O time jogou bem, aquele cruzamento do Dentinho para o gol de cabeça do Ronaldo foi simplesmente perfeito. Mas, mesmo ganhando o jogo, 2 a 1, fomos eliminados pelo regulamento.

A nação inteira fica de luto, estrila, é o seu direito.

Aos poucos volta a acreditar, é o seu destino Bem sabe que aquela camisa alvinegra pode milagres, que anjos baixam quando menos se espera, que São Jorge, quando quer, fulmina os mais difíceis dragões.

Já no dia seguinte à eliminação, muitos corinthianos fizeram questão de sair às ruas com a camisa do time, orgulhosamente. No domingo, durante o primeiro jogo pelo Brasileirão no Pacaembu contra o Atlético do Paraná, vitória suada, 2 a 1, já se viam camisas com a seguinte inscrição no peito: *Rumo a 2011*.

O presidente Andrés Sanchez disse que só há uma maneira de ganhar a Libertadores: disputá-la muitas vezes. O que pode acontecer até no ano do Centenário, que vai até setembro de 2011.

Cresce a consciência de que a festa apenas foi adiada e que será tão grande e bonita como a de 13 de outubro de 77, a noite da redenção, ou como a de 25 de outubro de 2008, a tarde radiante da volta para a série A.

A Libertadores virá. Com um time operário, como o do primeiro título nacional em 90, ou com um time todo estrelado como o do Mundial em 2000. Virá, corinthianamente. Nosso gol do título do Quarto Centenário não foi feito por um baixinho, de cabeça, e não bateu na trave antes de entrar? E quantos chutes e cabeceios foram necessários para aquela bola entrar em 77?

Nossos caminhos não são os dos outros. Sem o sabor único das longas esperas, o que seria o Corinthians? Um vulgar Palmeiras? Um simples São Paulo?

Vamos, pois, ao Brasileiro, e com a única e corinthiana certeza de que emoções nunca nos hão de faltar, as boas e as outras. Assim é a vida e assim é o Corinthians, uma festa em si .

Este, pelo tom, é o fim da nossa história deste centenário que, de tanta emoção, é praticamente um milênio?

Mas de jeito nenhum. De jeito nenhum. Este livro começou com uma pergunta e sem respondê-la não pode terminar.





25 De volta àquela noite, sob o lampião

QUE DIZER, QUE
DIZER PARA AQUELES
CINCO JOVENS
OPERÁRIOS COM
SEU SONHO AQUELA
NOITE, NAQUELA
ESQUINA?

Este livro começou se perguntando se, naquela noite de 1º de setembro de 1910, aqueles cinco operários tinham uma ideia, uma pálida ideia, do que estavam aprontando ao fundar um time naquela esquina, sob aquele lampião.

A resposta hoje se tem.

Não, eles não poderiam imaginar. Mal tinham dinheiro para a primeira bola de couro, quanto mais para uma bola de cristal.

Não, eles não poderiam imaginar o que viria.

Dois tris nos primeiros 20 anos.

Aquelas emoções todas, Neco garantindo tudo, Teleco virando no ar, o baixinho Luizinho pulando mais alto que todos e selando o título do Quarto Centenário.

Cláudio conferindo todas, Gilmar pegando tudo, a cabecinha de ouro do Baltazar.


Não, nada disso eles não poderiam imaginar naquela noite.

Nem o que veio depois, a longa espera, a dor e a humilhação.

A mágoa unânime de cem mil pessoas naquela tarde de 1974.

Aquela noite sagrada em 1977, eles não poderiam imaginar.

Nem, um ano antes, aqueles 350 ônibus alados de bandeiras e paixão a caminho do Maracanã.



Nem um doutor, Sócrates, recuperando em 83 a democracia das origens.

Nem um menino, Viola, esticando a perna e de um chute torto colhendo a glória de uma tarde.

Nem um baixinho, Tupãzinho, esticando outra perna e colhendo o primeiro título nacional

Nem um Neto deslizando ajoelhado a cada gol.

Nem um pé-de-anjo que tinha parte com o capeta.

O Campeonato Mundial de Clubes? Nem sonhavam.

Como nem poderiam ouvir dali, daquela esquina, o coral de 40 mil pessoas cantando, aquela tarde no Pacaembu: “O Coringão voltou, o Coringão voltou”.

O Ronaldo dependurado de alegria no alambrado do Prudentão, isso jamais poderiam ver dali, à luz daquele lampião.

Nenhuma das nossas corinthianas paixões, mortes e ressurreições – eles poderiam imaginar.

Nem sequer desconfiar da grande e incondicional fraternidade que estavam criando, aquela noite, naquela esquina.

Então a única coisa que nos resta dizer para eles é muito obrigado, tantos anos e tantas emoções depois.

MIGUEL BATAGLIA

(1910)

Nosso primeiro presidente assumiu mais para dar uma força e ficou três meses no cargo.

ALEXANDRE MAGNANI

(1910/1914)

Cocheiro de tálburi, tinha seu táxi puxado a cavalos na Estação da Luz. Alegando “afazeres particulares”, renunciou antes de ver como presidente o time ganhar o título paulista de 1914.

RICARDO DE OLIVEIRA

(1915)

Enfrentou uma grande crise em 1915, quando o Corinthians ficou fora do campeonato e enfrentou sérios problemas de manutenção. Chegou a um ponto em que a sede e até os móveis do clube tiveram que ser penhorados.

JOÃO BAPTISTA MAURÍCIO

(1915/1916 e 1933)

Era dentista do bairro do Bom Retiro e conhecia o time desde seu nascimento. Nos anos 30, retornaria à presidência no lugar do demissionário Alfredo Schürig

JOÃO MARTINS DE OLIVEIRA

(1917)

Orador brilhante, ficou pouco tempo no cargo.

JOÃO DE CARVALHO

(1918)

Era capitão da Polícia Militar e teve um breve mandato.

ALBINO TEIXEIRA PINHEIRO

(1918)

Também ficou pouquíssimo tempo no cargo, tendo sido substituído pelo vice, Guido Giacomинelli.

GUIDO GIACOMINELLI

(1920/1925 e 1927)

Figura importante; além de presidente, foi também técnico do time campeão do Centenário da Independência, em 1922, e tri em 1923/24.

ARISTIDES MACEDO FILHO

(1925)

Substituiu por pouco tempo a Guido Giacomинelli, que ainda voltaria a ocupar o cargo.

ERNESTO CASSANO

(1926, 1928 e 1933)

Foi quem assinou a escritura de compra do Parque São Jorge, em 1926. Retornaria ao cargo após a segunda gestão de João Baptista Maurício.

JOSÉ TIPALDI

(1928 e 1929)

Era médico e por duas vezes foi presidente: sucedeu a Guido Giacomинelli e a Ernesto Cassano.

FELIPE COLLONA

(1929/1930)

Era bancário. Tricampeão em 1930, em sua homenagem foi composto o primeiro hino do clube, intitulado “Corinthians”.

ALFREDO SCHÜRIG

(1930/1933)

Apoiou de todas as maneiras a construção e reformas do estádio do Parque São Jorge, que hoje leva seu nome. Demitiu-se, com toda a diretoria, após uma feia derrota para o Palestra em 1933.

JOSÉ MARTINS COSTA JR.

(1933/1934)

Comandou o clube num período de crise de 1933 a 1934. Demitiu-se sem concluir o mandato.

MANUEL CORRECHER

(1935/1941)

Este espanhol de nascimento presidiu o clube em tempos muito felizes. Com ele, o time ganhou o primeiro título profissional, em 1937, e chegou ao tri em 1939. Foi deposto por uma lei federal, que impedia estrangeiros de ocupar cargo de direção em clubes esportivos.

MÁRIO HENRIQUE DE ALMEIDA

(1941)

Era delegado da Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo e assumiu o cargo mais por uma formalidade burocrática, como o interventor que sucedeu Manuel Correcher.

PEDRO DE SOUZA

(1941)

Um Conselho de Paz impôs seu nome como candidato único. Graças a isso, depois dele as eleições retomaram seu curso normal.



MANOEL DOMINGOS CORRÊA

(1941/1943)

Ex-tesoureiro, foi o primeiro presidente eleito depois da crise deflagrada pelo afastamento de Manuel Correcher.



Fotos: Reprodução / Arquivo Celso Unzette

ALFREDO IGNÁCIO TRINDADE

(1944/46 e 1948/59)

Um presidente memorável por seu carisma e palavra inflamada. Ficou mais de dez anos no cargo. Promoveu o charuto como símbolo, foi bicampeão paulista em 1951/52 e do IV Centenário, em 1954.

LOURENÇO FLÓ JÚNIOR

(1947/1948)

Presidiu o clube entre os dois mandatos de Trindade.

VICENTE MATHEUS

(1959/1961, 1972/1981 e
1987/1991)

Como Trindade, era carismático e impulsivo. Empresário bem-sucedido, famoso por frases engraçadas, foi eleito pela primeira vez em 1959. Voltou ao poder em 1972 (mandato-tampão) e foi reeleito em 1973, permanecendo até 1981. Reassumiu em 1987 e ficou até 1991.

WADIH HELU

(1961/1971)

Era o vice de Matheus quando os dois derrubaram Trindade, em 1959. Permaneceu por dez anos no poder, de 1961 a 1971. Apesar das contratações caríssimas, não conquistou nenhum título relevante. Deu mais sorte como político.

MIGUEL MARTINEZ

(1971/1972)

Substituiu Wadih Helu mas uma grave crise financeira acabou reconduzindo Vicente Matheus ao poder.

WALDEMAR PIRES

(1981/1985)

Foi presidente da chamada Democracia Corinthiana, entre 1981 e 1985. Mesmo tendo Vicente Matheus como vice, teve uma administração descentralizada e, como diretor de futebol, um sociólogo, Adílson Monteiro Alves.

ROBERTO PASQUA

(1985/1987)

Assumiu em 1985, como uma reação à Democracia Corinthiana; na tentativa de reeleição, em 1987, foi derrotado por Vicente Matheus.

MARLENE MATHEUS

(1991/1993)

Lançada pelo marido, que não podia mais ser reeleito, tornou-se a primeira mulher a ocupar a presidência de um grande clube brasileiro, entre 1991 e 1993.

ALBERTO DUALIB

(1993/2007)

Em seus 14 anos no poder, conquistou o maior número de títulos da história do clube. Com o fim da parceria com a MSI, terminou renunciando sob pressão do Conselho e de sérios problemas com a Justiça.

CLODOMIL ORSI

(2007)

Segundo vice-presidente, assumiu interinamente em plena crise no dia 1º de agosto de 2007.

ANDRÉS NAVARRO

SANCHEZ (desde 2007)

Venceu as primeiras eleições realizadas após a saída de Dualib, em 2007, e reelegeu-se para mais um mandato, de dois anos, em fevereiro de 2009. Pegou o time rebaixado e comandou a volta à série A, em 2008. Mudou o estatuto para estabelecer eleições diretas para presidente e sem reeleição.



TÍTULOS E TAÇAS

CAMPEONATOS

Internacionais

I Mundial de Clubes da Fifa/invicto (Brasil, 2000)

Nacionais

Campeonato Brasileiro (1990, 1998, 1999 e 2005)

Copa do Brasil (1995/invicto, 2002 e 2009)

Supercopa do Brasil (Corinthians 1 x 0 Flamengo, 27/1/1991)

Brasileiro/Série B (2008)

Interestaduais

Torneio Rio-São Paulo (1950, 1953, 1954, 1966 e 2002)

Estaduais

26 Campeonatos Paulistas (1914/invicto, 1916/invicto, 1922/23/24, 1928/29/invicto, 1930, 1937/38/invicto, 1939, 1941, 1951/52, 1954, 1977, 1979, 1982/83, 1988, 1995, 1997, 1999, 2001, 2003 e 2009/invicto)

TORNEIOS

Internacionais

Copa Presidente Marcos Pérez Gimenez/Pequena Taça do Mundo - invicto (Caracas, Venezuela, 1953)

Torneio Internacional Charles

Miller – invicto (Brasil, 1955)

Copa do Atlântico (1956)

1956, *Corinthians e Boca Juniors, da Argentina, terminaram empatados e faltou data para a decisão*

Copa Cidade de Turim (Itália, 1966)

Torneio Costa do Sol (Málaga, Espanha, 1969)

Troféu Apolo V (Nova York, Estados Unidos, 1969)

Copa São Paulo (Brasil, 1975)

Torneio Feira de Hidalgo (Pachuca, México, 1981)

Copa das Nações (Los Angeles, Estados Unidos, 1985)

I Torneio Internacional de Verão Cidade de Santos (Brasil, 1986)

II Torneio Internacional de Verão Cidade de Santos (Brasil, 1987)

XLII Troféu Ramón de Carranza (Cádiz, Espanha, 1996)

Interestaduais

Taça Supremacia/Torneio Quinela de Ouro – invicto (São Paulo, SP, 1942)

Torneio de Brasília (Goiânia, GO, 1958)

Pentagonal do Recife (Recife, PE, 1965)

Triangular de Goiânia (Goiânia, GO, 1967)

Torneio do Povo (1971)

Taça Cidade de Porto Alegre (1983)

Estaduais

Torneio Início do Campeonato Paulista (1919, 1920 e 21 – Taça Challenge, conquista definitiva; 1929 – Taça Benedito Montenegro; 1936, 1938, 1941 – Taça Capitão Sylvio de Magalhães Padilha; 1944 e 1955)

Troféu Doutor Otávio Egídio (1º turno do Campeonato Paulista de 1922)

Taça Cidade de São Paulo (oferecida pelo prefeito Firmiano Pinto ao campeão paulista de 1922, ano do I Centenário da Independência do Brasil)



Taça Competência: campeão da capital versus campeão do interior (1922/1923 e 1924)
1924, *Conquistadas nos anos posteriores. Em 1924 não houve campeonato do interior, e o Corinthians ficou com a taça como campeão da capital.*

Taça Ballor, campeão do 1º turno do Campeonato Paulista, conquistada em definitivo: três vezes alternadas (1923/24 e 1928)

Troféu Fasanello (1938)

Taça Henrique Mündel/Festival do São Paulo Futebol Clube (1938)

Taça Cidade de São Paulo, conquistada em definitivo: cinco vezes alternadas (1942/43, 1947/48 e 1952)

Taça Prefeitura Municipal de São Paulo (1953)

Torneio das Missões/Taça Tibiriçá (1953)

Taça Charles Miller (1954 e 1958)

Taça dos Invictos, do jornal *A Gazeta Esportiva*: maior número de jogos sem derrota no Campeonato Paulista (1956, 1957, 1990 e 2009)
1957, *Taça conquistada em definitivo naquele ano.*

Torneio de Classificação do Campeonato Paulista/invicto (1957)

Taça São Paulo (1962)

Torneio Laudo Natel (1973)

Taça Governador do Estado: segundo turno do Campeonato Paulista (Corinthians 1 x 0 Palmeiras, 31/8/1977)

Taça Cidade de São Paulo: 1º turno do Campeonato Paulista (Corinthians 1 x 0 Santos, 26/11/1978)

Troféu Centenário (melhor time da 1ª fase do Paulista de 1991)

Troféu Cidade de São Paulo (campeão do 1º turno do Campeonato Paulista de 1994)

Copa Bandeirantes (1994)

TAÇAS E TROFÉUS

Internacionais

Troféu Barracas (Corinthians 3 x 1 Barracas-ARG, primeira vitória internacional, 1º/5/1929)

Taças Cittá de Firenze, Ao Empório Toscano, Sudan Ovais e Professor Caputto (oferecidas no jogo Corinthians 6 x 1 Bologna-ITA, 30/7/1929)

Troféu All Stars (Corinthians 5 x 1 Hakoah-EUA, 6/7/1930)

Troféu Boca Juniors (Corinthians 2 x 0 Boca Juniros-ARG, 10/2/1935)

Copa dos Campeões (Independiente-ARG 0 x 1 Corinthians, Mar del Plata, Argentina, 18/2/1986)

Nacionais

Taça Mais Querido do Brasil (Organização Victor Costa, através de voto popular, em 1955. Resultado: Corinthians, 471 450 votos; Flamengo, 155 300; São Paulo, 150 150; Palmeiras, 61 500)

Troféu Osmar Santos (campeão do 1º turno do Brasileiro de 2005)

Interestaduais

Char de la Victoire e Taça Vada (ambas oferecidas pelo América no jogo Corinthians 2 x 2 América-RJ, 22/7/1928, inauguração do Parque São Jorge)



Taça Apea – ao “Campeão dos Campeões” do Rio e de São Paulo (Corinthians 4 x 2 Vasco, Parque São Jorge, 16/2/1930; Corinthians 3 x 2 Vasco, São Januário, 23/2/1930)

Taça Aliança da Bahia (Corinthians 6 x 1 Botafogo-BA, Salvador, 20/9/1936)

Taça Prefeitura de Salvador (Corinthians 2 x 0 Ypiranga-BA, Salvador, 24/9/1936)

Taça Linha Circular (Corinthians 1 x 0 Ypiranga-BA, Salvador, 23/1/1938)

Taça de Campeões Rio-São Paulo (Corinthians 5 x 2 Fluminense, Pacaembu, 23/12/1941)

Estaduais

Taça Beneficência Espanhola (Corinthians 3 x 0 A. A. Palmeiras, 1º/5/1915; Corinthians 4 x 1 Germânia, 16/4/1916; o Corinthians desafiou e venceu os campeões das duas Ligas no ano anterior.)

Taça Cronistas Esportivos (Corinthians 3 x 0 Combinado Inter/Vicentino, 20/8/1916)

Taça oferecida pelo dr. Alcântara Machado (Corinthians 4 x 0 Taubaté, Taubaté, 8/10/1916)

Taça oferecida pelo sr. Celino Ambrósio (Corinthians 3 x 1 Paulista-SC, São Carlos, 15/4/1917)

Taça Amílcar Barbuy (Corinthians 2 x 0 União Brasil, 30/3/1919)

Taça União Brasil (Corinthians 2 x 0 União Brasil, 14/7/1919. Jogo-treino que valeu taça)

Taça 47 (Corinthians 2 x 0 União Recreativa do Cambuci, 28/12/1919)

Taça Neco (Corinthians 1 x 0 A. A. São Bento, 7/3/1920)

Taça Doutor Arnaldo Vieira de Carvalho (Corinthians 4 x 1 A. A. São Bento, 13/6/1920)

Taça Prefeitura Municipal de Guaratinguetá (Esportiva de Guaratinguetá x Corinthians, resultado não encontrado. Jogo realizado em 19/9/1920)

Taça Ida (Corinthians 5 x 0 Paulista da capital, 30/1/1921)

Taça Antartica (Corinthians 4 x 2 A. A. São Bento, 20/2/1921)

Taça Ao Preço Fixo (Corinthians 2 x 1 Seleção Santista, Santos, 13/5/1921)

Taça Sacadura Cabral e Gago Coutinho (Corinthians 6 x 1 Sírio, 9/4/1922)

Taça Cântara Portugália (Corinthians 2 x 0 Palestra Itália, São Paulo, 9/7/1922)

Taça Joalheria Castro (Corinthians 4 x 0 Braz A. C., 25/1/1925)

Taça Guido Giacomini (Corinthians 5 x 0 Comercial de Catanduva, Catanduva, 1º/3/1925)

Taça Agência Ford (Corinthians 2 x 1 Rio Branco, Americana, 6/12/1925)

Taça Studebaker (Corinthians 3 x 0 XV de Novembro, Jaú, 15/11/1925)

Taça Juvenal Plástidio Filho (Corinthians 4 x 3 Guarani, Campinas, 13/12/1925)

Taça Lacta (Corinthians 4 x 0 Internacional da capital, 1º/1/1926)

Taça Centenário do Uruguai (Corinthians 0 x 0 Sírio, 25/8/1925; Corinthians 1 x 0 Sírio, 10/1/1926)

Taça Guaraná Espumante (Corinthians 5 x 1 São João, Jundiaí, 17/1/1926)

Taça Francisco Rei (Corinthians 5 x 1 Primeiro de Maio, São Bernardo do Campo, 18/4/1926)





Taça Apea (Corinthians 5 x 1 Sírio, 21/3/1926)

Taça De Callis (Corinthians 2 x 0 XV de Novembro, Jaú, 1º/8/1926)

Taça Elixir de Cabo Verde Composto (Corinthians 1 x 0 Palestra Itália, 8/12/1926)

Taça Adamastor (Corinthians 4 x 0 Portuguesa Santista, Santos, 19/12/1926)

Taça Fábrica de Gelo Vila Mathias (Corinthians 2 x 1 Portuguesa Santista, Santos, 9/1/1927)

Taça Sarmento Beires (Corinthians 1 x 0 Ponte Preta, Campinas, 10/4/1927)

Taça Ribeiro de Barros (Corinthians 3 x 2 Paulistano, 8/5/1927)

Taça Tipografia Carvalho (Corinthians 3 x 2 Portuguesa Santista, Santos, 7/8/1927)

Taça O Comerciário (Corinthians 4 x 1 Independência, 30/10/1927)

Taça Almirante Sousa e Silva (Corinthians 7 x 0 Combinado da Apea, 22/9/1929)

Troféu Washington Luís (instituído em 1926. Posse definitiva do Corinthians, primeiro a ganhar três vezes seguidas o Campeonato Paulista, em 1928/29/30)

Taça Ministro do Chile (Corinthians 1 x 1 Santos, Vila Belmiro, 12/10/1928; Corinthians 6 x 2 Santos, Parque Antártica, 8/3/1931)

Troféu Liga Paulista (como tricampeão paulista de 1937/38/39)

Taça Duque de Caxias (Palestra Itália 1 x 1 Corinthians, 21/7/1940; Corinthians 2 x 1 Palestra Itália, 12/3/1941)

Taça Manoel Domingos Corrêa (Corinthians 4 x 1 Palestra de São Paulo, 27/5/1942)

Troféu Bandeirante, oferecido pela Federação Paulista de Futebol ao campeão paulista do IV Centenário (1954)

Troféu Lourenço Fló Júnior (Corinthians 2 x 1 São Paulo, 25/1/1962; Corinthians 4 x 2 São Paulo, 11/2/1962)

Taça Piratininga: melhor aproveitamento nos clássicos com Palmeiras, Portuguesa e São Paulo, equivalente ao título de campeão paulistano (1968)

Taça da Solidariedade (Corinthians 0 x 0 São Paulo; nos pênaltis, Corinthians 4 x 1, 11/6/1994)

TÍTULOS HONORÍFICOS

Galo da Várzea (1910/1913)

Campeão do Centenário (1922)
Campeão dos Campeões do Brasil (1929)

Tri tricampeão paulista (único clube do Estado a alcançar esta façanha)

Campeão Honorário do Brasil:
Torneio Rio-São Paulo (1950)

Fita Azul do Futebol Brasileiro: 15 jogos invicto no exterior (1952)

Campeão Internacional dos Invictos: 32 partidas sem derrota diante de equipes estrangeiras (1954)

Campeão dos Centenários (1922 e 1954)

Campeão Paulista do Século XX

Pentacampeão paulista invicto (1914, 1916, 1929, 1938 e 2009)





**LIVROS**

ARNS, Dom Paulo Evaristo – Corintiano Graças a Deus – Editora Planeta do Brasil – 2004

CITADINI, Antonio Roque – Neco, O Primeiro Ídolo – Geração Editorial – 2001

DIAFÉRIA, Lourenço – Coração Corinthiano – Fundação Nestlé de Cultura – 1992

GINI, Paulo – Rodrigues, Rodolfo – A História das Camisas dos 12 Maiores Times do Brasil – Panda Books – 2009

KFOURI, Juca – A Emoção Corinthians – Ed. Brasiliense – 1983

KFOURI, Juca – Corinthians, Paixão e Glória – DBA, Companhia Melhoramentos de São Paulo – 1996

MARTINEZ, André – Corinthians, Minha Vida, Minha História, Meu Amor – Ícone Editora – 2009

NETO, Lázaro Simões (Lalau) – Fiel 100 anos – Panda Books – 2009

OLIVETTO, Washington – Corinthians x Outros – Leya – 2009

OLIVETTO, Washington – BEIRÃO, Nirlando – Corinthians é Preto no Branco – DBA – 2002

UNZELTE, Celso – Timão: 100 Anos, 100 Jogos, 100 Ídolos – Autêntica Editora/Gutenberg – 2009

UNZELTE, Celso – Os Dez Mais do Corinthians – Maquinária Editora – 2008

UNZELTE, Celso – Almanaque do Timão – Ed. Abril – 2000

FILMES

FIEL - O FILME – Direção Andrea Pasquini – 2009

1977 - 23 Anos em 7 Segundos – Direção Di Moretti – 2009





Agradecimentos

De uma forma ou outra, muitos foram os amigos e colaboradores que tornaram este livro possível, mas gostaria de destacar, com especial carinho, minha mulher Marcia e meus filhos Rodrigo e Fábio; Duílio Monteiro Alves, Comissão do Centenário, Valdir Baptista e David José Costa, do Memorial do Corinthians; Ernesto Teixeira e Patrícia Favalle, do Comitê de Preservação da Memória Corinthiana e João Paulo Tonidandel, corinthiano militante.





